

2ª Série, Ano 5 - Nº 10

Solstício de Inverno de 2025

Semestral

AD  
FRATRES



Revista do  
SUPREMO  
CONSELHO  
PARA PORTUGAL  
DO R.E.A.A.





**Ficha Técnica**

**Revista Digital Semestral**

**Propriedade: Associação Cultural  
Albert Pike**

**Direcção Editorial: António M.  
Balcão Vicente**

**Sede: Av. Marconi, 12 D**

**1000-205 Lisboa**

**[adfratres@scg33.pt](mailto:adfratres@scg33.pt)**

**2ª Série, Ano 5, Nº 10**

**(Solstício de Inverno)**

**21 de Dezembro de 2025**

**O conteúdo dos textos é da exclusiva responsabi-  
lidade dos seus autores**

## INDICE

Editorial	4
Mensagem do Soberano	7
O Mestre Eleito dos Nove: A Luz que Julga e o Fogo que Purifica	9
Não somos neutros: estamos do lado da paz	11
Visitação Maçónica	13
Maçonaria templarista ou templarismo maçónico?	15
Se Deus existe, por que tudo morre?	25
O Cavaleiro Rosa-Cruz e a superação da dualidade: Do Homem Iniciado ao Homem Regenerado	37
O Julgamento interior	39
Da Tolerância...	43
Simbolismo do Grau de <i>Grande Juiz Comendador ou Inspector Inquisidor Comendador</i> (31º)	45
As Três Luzes do Estoicismo	53
Neurociência & Maçonaria: Uma viagem entre o cérebro e o templo interior	59
O Desafio da Serpente	63
Morte e Amor – A Consagração da Primavera	69
Eventos	79
Leituras	99

## Editorial

Quando, em 1994, o grupo Madredeus nos acordou com os sons de “Os Senhores da Guerra” não havíamos, ainda, digerido a ideia de que a guerra regressara a uma Europa que acordara esperançosa com o fim da Guerra Fria.

O poema garantia-nos que “lá fora estão os senhores da guerra e cantam já hinos de vitória” para nos questionar: “Qual é a história desta terra?”. E a resposta surgia certa e objectiva: “É o medo. Ali mesmo”.

Desde, então, abandonadas as bases em que assentavam os princípios da Conferência de Yalta, habituámo-nos a conviver com ele, de forma mais ou menos disfarçada. O medo continuou a estar presente. O medo ao diferente, o medo do que nos questiona, o medo das nossas inquietações, o medo como mancha de óleo que se vai espalhando e nos corrói como tumor insaciável por células novas.

O medo que nos isola, impedindo-nos de olhar o outro de frente, não como adversário, mas como Irmão, independentemente da cor, da cultura, da religião ou da ideologia política. O medo que nos faz esquecer da nossa essência primordial, a solidariedade. O medo que insiste em agigantar a importância das pequenas diferenças que nos separam, ao invés de evidenciar o quase tudo que nos une e irmana.

Em todas as circunstâncias, em todos os contextos, o grande catalisador do isolamento e do ódio é sempre o medo. Quer nas relações interpessoais, quer nas disputas entre as instituições e os estados.

É o medo que insinua o ciúme e a inveja. É o medo que nos leva a encarar o imigrante com desconfiança. É o medo que arma os exércitos com que as nações, mutuamente, se digladiam e destroem.

Por isso, é importante saudar a iniciativa conjunta das três grandes obediências que, em Portugal, congregam os maçons, recentemente realizada em Lisboa. Pela Paz contra o ódio, pelo companheirismo fraterno contra o isolamento que enquistam.

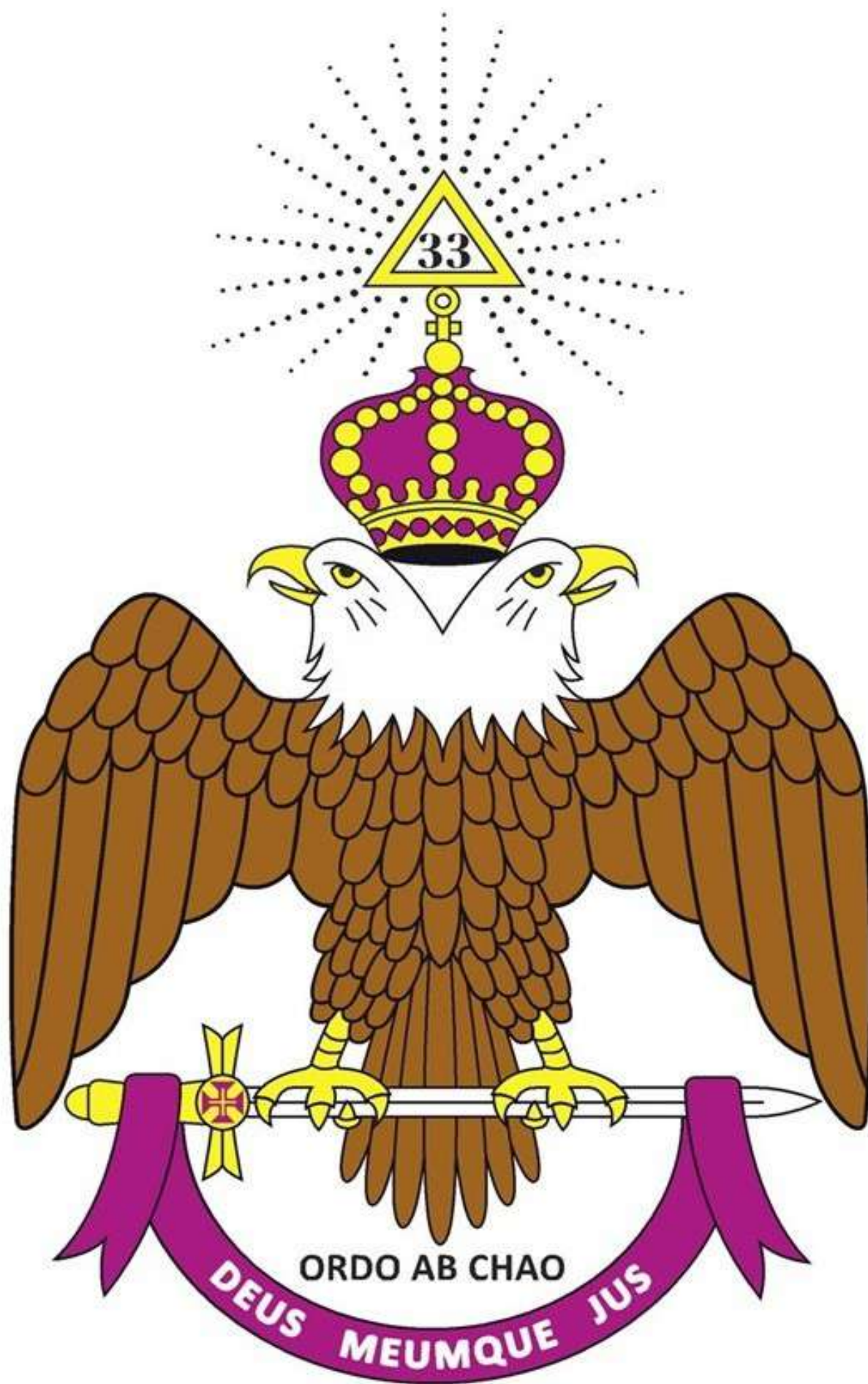
Pela Paz entre os indivíduos e entre as nações, acompanhando o pensamento de Marco Túlio Cícero que afirmava preferir a paz mais injusta à mais justa das guerras.

“Por uma **Cultura de Paz**, assente nos valores maçónicos da Liberdade, Igualdade, Fraternidade”

Para que se cumpram as palavras de Lucas: *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade. (Lucas, 2:14)*







*9 de Novembro de 1841*



## MENSAGEM DO SOBERANO

*Meus Queridos Irmãos*

*Vivemos num tempo em que a mobilidade humana, forçada ou voluntária, se tornou uma realidade incontornável. Milhares de homens e mulheres deixam as suas terras à procura de segurança, trabalho, dignidade e futuro. Cada um deles é um ser humano que atravessa fronteiras levando consigo a sua história, as suas esperanças e as suas vulnerabilidades.*

*É precisamente aqui que somos chamados, enquanto maçons, a agir segundo o mais verdadeiro sentido da nossa Ordem: a fraternidade. Não uma fraternidade de palavras, mas uma fraternidade que se traduz em gestos concretos — de acolhimento, de compreensão e de humanização.*

*O espírito maçónico que nos envolve não conhece fronteiras. Ele reconhece no ser humano, independentemente da sua origem, língua ou cultura, um Irmão em potencial, um igual em dignidade. Assim, quando olhamos para os emigrantes, devemos vê-los não como estranhos que chegam, mas como viajantes da mesma condição humana, muitas vezes marcados pela perda, pela saudade e pela incerteza.*

*Cabe-nos, portanto, promover uma fraternidade activa:*

*que combata a indiferença;*

*que se oponha à discriminação;*

*que promova a integração;*

*que estenda a mão sem pedir nada em troca;*

*que entenda que a construção do Templo interior só é possível quando contribuímos para a dignidade do outro.*



*Ao cultivarmos esta atitude, não estamos apenas a ajudar quem chega. Estamos a honrar os princípios que jurámos defender. Estamos a dar testemunho de que a Luz que buscamos não é um privilégio individual, mas uma responsabilidade colectiva. E estamos, sobretudo, a reafirmar que a Maçonaria é uma escola de humanidade — e que nada do que é humano nos pode ser alheio.*

*Que esta quadra nos recorde que o amor fraterno é a mais elevada arma que possuímos. Que possamos ser pontes onde outros erguem muros, e lembrar sempre que a verdadeira grandeza de um Maçom se mede pela sua capacidade de reconhecer e servir o próximo.*

*Um Feliz Natal*

❄️ *Paulo de Almeida* ▲





## **O Mestre Eleito dos Nove**

### **A Luz que Julga e o Fogo que Purifica**

O Mestre Eleito dos Nove entra na câmara das sombras, não para acusar o erro dos outros, mas para discernir, em si mesmo, o rosto da ignorância.

A espada que empunha é símbolo do discernimento, e a lâmpada que leva é o reflexo da consciência desperta.

A espada e a lâmpada — dois instrumentos, uma só missão: iluminar a escuridão sem ferir, julgar sem condenar, agir sem ódio.

A sua lâmpada não arde de fogo destruidor, mas de luz serena, que revela sem ruído, que mostra sem humilhar.

O Grau 9 é o grau do tribunal interior, onde a justiça humana se purifica na chama da Verdade divina.

O Iniciado aprende que toda vingança é fardo, e que só a compreensão liberta.

Não é o crime que o Mestre Eleito persegue, é a ignorância — essa sombra antiga que habita em cada ser. E quando ele desce ao interior da caverna simbólica, compreende que o verdadeiro inimigo não tem rosto: é o orgulho que se disfarça de virtude, é o medo que se veste de justiça, é o ego que se mascara de luz.

O Mestre Eleito não destrói a sombra — transmuta-a. Sabe que o mal, quando enfrentado com amor e lucidez, torna-se matéria de redenção.

Assim, o sangue do mito torna-se metáfora: não se derrama para punir, mas para fertilizar o campo da consciência.

Albert Pike ensina que “o verdadeiro eleito é aquele que, conhecendo o mal, aprende a transformá-lo em instrumento do bem.”

E Rex Hutchens acrescenta: “Ser Mestre Eleito é compreender que o castigo é apenas o reflexo da ignorância que ainda não foi iluminada.”

A câmara do Grau 9 é, portanto, o laboratório da alma. É ali que a lâmpada do entendimento purifica os resíduos do passado e a espada da vontade separa o ouro da escória.

Ao fim do rito, o Iniciado ergue-se mais leve, não porque tenha vencido o inimigo, mas porque reconheceu que o inimigo era ele mesmo — e o perdoou.

A lâmpada continua acesa. E é este o símbolo final do Mestre Eleito: a luz que não dorme, a consciência que vela, a justiça que compreende.

Quando o homem alcança esse estado, a sua espada torna-se raio de sabedoria e a sua lâmpada, farol para os que ainda buscam o caminho.

“Empunha a lâmpada da verdade e não a uses para ferir.

A luz não luta: revela. A justiça não condena: compreende. E o homem que compreende, ama.”

O Grau 9 ensina que a Verdade não é espada nem lâmpada: é ambas, unidas.

A espada separa o erro da sabedoria; a lâmpada mostra o caminho ao coração.

O Mestre Eleito dos Nove é guardião da consciência universal — vigia o fogo do Templo, não para punir, mas para proteger a Luz.

*Eleito dos Nove, 9.º*





## **“Não somos neutros: estamos do lado da paz”**

Este balaústre, enquadra-se na honra que me foi concedida pelos Irmãos de ter sido aceite como Mestre Secreto, nos vales da esperança de crescimento, no seio de Homens Livres e de Bons Costumes do Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite. Após leitura atenta do Ritual, percebi que nesta primeira etapa, a importância é dada à fidelidade ao dever da verdade, como fator chave para esta caminhada de aperfeiçoamento.

Esta recensão do último livro do Papa Francisco, *Esperança – A Autobiografia*, surge em Fevereiro de 2025, logo após a sua publicação a nível mundial em mais de 100 países em simultâneo, com a missão de partilhar com os Irmãos a felicidade de ter lido uma obra tão invulgar e simples de um Homem Grandioso.

Francisco, como diz no prólogo, não pensava estar vivo nesta altura da publicação do livro, mas ao ter designado o corrente ano, como ano jubilar, um período especial na Igreja que ocorre a cada 25 anos, marcado por celebrações e busca de renovação espiritual entre os fiéis, cujo objectivo é promover o perdão e a reconciliação, sentiu o dever de partilhar a sua visão íntima do seu legado ao longo da sua vida.

À hora que revejo a versão final deste documento, Sua Santidade partiu para junto do Pai há uma hora atrás e após algumas orações voltei a reescrever esta recensão, que sempre teve como objectivo prestar uma sentida e mais que justa homenagem a alguém que nos marcou profundamente com o seu excelente exemplo de simplicidade e inconformidade, revolucionou a igreja com atitudes humanistas, desde ter ficado a viver no quarto, na residência onde, como cardeal ainda, participou no Conclave que o levou a Papa, que nomeou mulheres pela primeira vez para lugares de topo da hierarquia do Vaticano, que alertou e lutou pela dignidade de todos os seres humanos nas mais diferentes formas de vida que levam.

Igual a si próprio, na sua última homilia do dia de Páscoa, frisou que “O Jubileu convida a renovar em nós mesmos o dom da esperança, a mergulhar nela os nossos sofrimentos e inquietações, a contagiar aqueles que encontramos no caminho, a confiar a esta esperança o futuro da nossa vida e o destino da humanidade. Por isso, não podemos estacionar o nosso coração nas ilusões deste mundo, nem fechá-lo na tristeza; corramos, cheios de alegria, ao encontro de Jesus, redescubramos a graça inestimável de ser seu amigo. Deixemos que a sua Palavra de vida e verdade ilumine o nosso caminho”.

Procurei sintetizar em cinco pontos principais, a recensão deste último livro do Papa Francisco:

**1. Esperança, Paz e Fraternidade** Está tudo dito na última homilia, o Papa conseguiu resumir aqui, em tão poucas palavras, a importância que atribuiu ao seu último apelo, à esperança, definindo-a como um dom de Deus, uma virtude que trazemos no coração, que está enraizada na sua promessa e que não nos faz perder o rumo. Esperança no sentido da certeza de que avançaremos, de esperar algo que já foi dado. Como frisa, “a esperança não ilude nem desilude: tudo nasce para florir numa eterna primavera. O Papa refere que viveu demasiado tempo com quem detesta a paz, e parafraseia Gálatas, o “dia do Senhor, destruirá as barreiras criadas entre países e substituirá a arrogância de poucos pela solidariedade de muitos, porque Deus é paz” concluiu. Dá orientações como nós podermos alcançar esse desígnio, começando pelo “coração do homem, que é também o primeiro passo de qualquer caminho de pacificação”, e para tal, aconselha que tenhamos atitudes simples, “sejamos pequenos, sejamos humildes, sejamos servidores dos outros. Cultivemos a magnanimidade, a doçura e a humildade”. Ao referir-se aos seus avós, refere que “subiram na vida a pão, amor e nada” e que essa é a dignidade humana, que consiste em constituir uma única e grande família, o género humano, a raça humana”, onde inclui todos, todos, todos. Nesta caminhada, utiliza o apelo do Apóstolo João: “quem não ama de facto o seu irmão que vê, não pode amar Deus que não vê. Se não perdoamos, não seremos perdoados; se não nos esforçamos por amar, não seremos amados”. Para vivermos em paz, aponta as palavras obrigado, com licença e desculpa como essenciais que devemos utilizar no nosso dia a dia...das Lojas, acrescento.

*Anónimo, 9.º*



## Visitação Maçónica

O caminho para o aprimoramento moral e espiritual de um Maçom é uma busca contínua pela Luz, marcada pelo esforço humilde de lapidar a própria pedra bruta, pela prática das virtudes e pelo combate aos vícios.

O Secretário Íntimo, destaca-se pelo zelo colocado ao serviço dos outros como nobre expressão de desapego pessoal. Compete-lhe ser zeloso na prática do maior valor maçónico: o amor fraternal.

Entre as práticas que alimentam esta dinâmica evolutiva, a visita a outras Lojas assume profunda relevância, não apenas a nível individual, mas sobretudo pelo serviço à causa colectiva e pelo enriquecimento mútuo.

Desde a iniciação, o encontro com outros Homens Livres e de Bons Costumes, em cada visita a uma Loja, é muito mais do que uma realidade nova. É um verdadeiro universo de experiências e emoções, que desafiam e revelam as nossas limitações, impulsionando um crescimento mais firme e sustentável.

As viagens dos maçons (ou seja, as visitas às Lojas), que têm início com a iniciação maçónica, despertam a visita como elemento essencial do estado identitário do juramento sagrado do Maçom, aproximando-o da universalidade da Maçonaria nas suas múltiplas dimensões.

Nos chamados rituais “escoceses”, os companheiros, cujo grau se associa ao símbolo da viagem — sinal de aprendizagem, mas também das primeiras capacidades de transmissão — recebiam um passaporte maçónico para visitar qualquer Loja, sendo cada visita comprovada por carimbo ou assinatura.

Um companheiro que não tivesse, no seu passaporte, um mínimo de três visitas, não podia ser exaltado a Mestre. Tal regra ainda hoje existe em certas jurisdições e países, revelando a importância que a Ordem atribui a essas viagens e à visita.

Os 12 *landmarks* têm por pilar fundamental a criação de um ambiente propício ao crescimento e aperfeiçoamento dos maçons. Prova disto é o privilégio de podermos integrar uma Excelsa Loja de Perfeição.

A generosidade e o acolhimento que recebemos em tantas Lojas e cidades do mundo — desde lojas vi-

sitadas no Brasil, Espanha, Moçambique, França, Cabo Verde, Reino Unido, até Portugal, em dezenas de Lojas diferentes — reforçam a convicção de que somos apenas viajantes entre muitos, aprendendo incansavelmente com cada Irmão, coluna, ritual e rito.

Partilho, como testemunho de gratidão, algumas ilações que a visitação pode trazer para o fortalecimento da espiritualidade: Aprofundamento do Mistério Maçónico, pois cada novo Templo renova o compromisso solenemente jurado com a Nossa Augusta Ordem e homenageia todos os que pela sua discrição inspiram.

Ao lado de Irmãos desconhecidos, a Luz revela-se sob novas formas e significados; aprendemos que o verdadeiro saber floresce na escuta atenta e na contemplação humilde.

Vivência dos Compromissos: As experiências vividas — em visitas solitárias ou partilhadas em comitiva — ensinam que a grandeza da Maçonaria reside na partilha de silêncio, de escuta, de d vidas e de esperanças. O contacto com diferentes colunas recorda-nos que servimos todos o mesmo Grande Arquitecto do Universo, numa Ordem que transcende fronteiras e particularidades.

Prudência e Diálogo: O intercâmbio entre múltiplas interpretações e rituais ensina-nos que há inúmeras formas sinceras de servir e buscar a Verdade. Pertencer a uma Grande Loja   bênção e motivo de enorme gratidão, onde a diversidade de ritos e o número de Lojas nos permite conciliar o caminho ma c nico com a vida profissional.

Tolerância e Flexibilidade: Conviver com variadas realidades ma c nicas convida-nos   justiça temperada pela equidade, celebrando a pluralidade da Irmandade. Ao entrar como visitante, renovo em mim a certeza de que o conhecimento é sempre incompleto, e que a verdadeira mestria reside no serviço à Luz e   Verdade.

Partilha de Experiências: Cada visita   uma oportunidade de escutar e integrar o trabalho dos Irmãos, fortalecendo laços e transmitindo o que melhor aprendemos. No regresso à nossa RL, após a visitação, devemos propor ao VM práticas que possam contribuir para um clima de maior harmonia e amor.

Laços Fraternos: A visitação ultrapassa fronteiras, une-nos numa fraternidade viva para além dos limites da nossa Loja. Ao levar os cumprimentos do nosso VM e ao convidar os Irmãos presentes a visitarem a nossa RL, promove-se aproximação fraterna muitas vezes concretizada.

Matriz Identitária: Ao viajar, reconhecemos que cada Templo, independentemente das suas especificidades, integra o mesmo projecto maior de edificação interior e exterior. Sentimos pert n a e união, fundadas nos doze landmarks que sustentam o nosso juramento.

Multiplicidade de Práticas: Práticas diferentes abrem novos debates e reflexões, promovendo autocohecimento e serviço. A escuta atenta das pranchas, trabalhos e rituais inspira comportamentos elevados.

Serviço ao Outro: O visitante é chamado a ser ponte entre Lojas, trazendo ideias, sugestões colaborativas e aprendendo humildemente com cada oficina. Seja a fazer oração na cadeia de união, a exercer um cargo, a partilhar sobre Liderança ou outro tema, o visitante está sempre disponível para servir, conforme solicitado.

Visitação Acompanhada: Com a generosidade dos Mestres que encorajam Companheiros e Aprendiz a acompanhá-los nas visitas,   nosso dever, enquanto Mestres, perpetuar juntos essas práticas distintivas.

Que cada Maçom seja sempre um humilde viajante, buscando incessantemente a Luz, a Verdade e a Paz.

Que cada visita seja oportunidade de partilha, aprendizagem e união, em benefício da Nossa Augusta Ordem, da Humanidade em geral e de cada Maçom em particular.



## **Maçonaria templarista ou templarismo maçónico?**

Este balaústre pretende incitar a uma reflexão sobre a ligação da Maçonaria à Ordem do Templo. Ao longo da história foram inúmeros os historiadores, escritores e investigadores que defenderam a tese de que a Maçonaria é a prole dos Templários. Uma maioria deles porém negam-na sustentando que é falsa, fantasiosa e invocada muitas vezes por motivações e interesses próprios de pessoas ou instituições. Não se pretende neste trabalho defender qualquer uma das teses nem tomar posição e partido sobre qual é a verdade, antes porém, procura-se apresentar de forma isenta referências baseadas em diversos escritos de autores distintos, podiam ser outros além dos referidos, uns defendendo a Maçonaria como a herdeira Templária, outros assumindo que esta ligação é uma falsidade e uma ideia romântica, atraente mas sem qualquer fundamento. Acima de tudo, pretende-se sugerir ao leitor uma reflexão sobre o que lê e sobre alguns factos relatados. A verdade estará algures por aí.

### **QUEM FORAM OS TEMPLÁRIOS?**

A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, conhecida também como Ordem do Templo, foi uma ordem militar cristã de cavalaria, que terá sido fundada em 1118 pelo nobre francês Hugo de Payens, como uma escolta de cavaleiros destinada a proteger os cristãos em peregrinação à Terra Santa. Com o tempo, a sua missão altera-se e passam a ser defensores dos Estados cristãos da Terra Santa.

Há no entanto, segundo vários escritores e historiadores, uma outra versão do que foram os seus verdadeiros objectivos. Esta outra tese afirma que Balduíno, o primeiro rei de Jerusalém, terá encomendado, em 1104, a nove cavaleiros nobres franceses da região de Champagne, um outro trabalho, na altura de grande secretismo: escavar diversos locais em Jerusalém em busca de documentos e outras provas que confirmassem a condição de Jesus como legítimo herdeiro do reino de Israel, bem como da sua condição de homem casado e com filhos. Esta tese coloca assim a sua fundação em 1104 e não 1118 e sobre o disfarce de uma ordem de cavalaria que protegia as estradas e os peregrinos.

Aliás, dizem alguns escritores que há registo da existência de documentos e outros artefactos que provam a tese de que Jesus era legítimo herdeiro do reino de Israel, foi casado e deixou uma herdeira e que esse terá sido o verdadeiro segredo dos templários.

Entre esses artefactos estaria o Santo Sudário depositado na Catedral de Turim. Teria sido por isso que estes cavaleiros se tornaram ricos e poderosos política e economicamente, vindo a constituir um terceiro poder, à época.

Pensam alguns que o tesouro dos templários seria o seu próprio segredo pois estariam na posse de provas da verdadeira história de Jesus e da sua família. Imaginemos o que teria sido para o cristianismo saber que Jesus Cristo fora um homem comum, constituíra família e morrera por objectivos políticos e não religiosos, não sendo Deus, não tendo nascido de uma virgem e nunca tendo ressuscitado. Terá sido por isso, também, que a Igreja os perseguiu e que o processo contra a ordem se sustentou no facto de renegarem Jesus Cristo, cuspirem na cruz e praticarem estranhos ritos que contrariavam os postulados do cristianismo?



Há outras teses sobre a razão do surgimento dos templários. No livro *“O Segredo dos Templários”* de 1997, de Lynn Picknett e Clive Prince, o qual resulta de uma longa e apurada investigação, os autores referem que um dos líderes da primeira cruzada, Godofredo de Bulhão, teria um plano para um governo secreto na Terra Santa.

Lá, encontrou-se com uma organização chamada “Igreja de João” e, em resultado disso, formou o grande desígnio de entregar a sua espada ao serviço dessa Igreja de João, esotérica e iniciática, que baseava no Espírito a sua primazia. Terá sido a partir deste desígnio que tanto o Priorado de Sião – organização que deu sempre aos seus Grão-Mestres o nome de João - como os Cavaleiros Templários foram forma-



dos. Neste mesmo livro faz-se referência às palavras de Pierre Plantard de Saint-Clair, um francês a quem alguns caracterizaram como descendente da linha merovíngia com origem em Jesus, quando afirmou que *“a Ordem do Templo seria a espada da Igreja de João e o porta-estandarte da primeira dinastia, os braços obedientes ao espírito de Sião”*.



O que resulta destas teses e que é referido por Picknett e Prince no seu livro, é que o senso comum sugere que teriam sido necessários muito mais que 9 cavaleiros para proteger os peregrinos que visitavam a Terra Santa durante vários anos, não existindo, na verdade, provas de que alguma vez o tenham feito. Os autores referem, também, que o Priorado de Sião alegou estar por trás da criação dos Cavaleiros Templários o que, a ser verdade, seria um dos segredos mais bem guardados da História. Consta, no entanto, que as duas ordens eram indistinguíveis à época, até 1188, tendo a partir daí seguido diferentes caminhos.

Mas, estes autores vão ainda mais longe afirmando que os templários foram muito além do ideário religioso. Abraçaram conhecimentos *mágicos e alquímicos* que terão estado na origem dos primeiros conhecimentos de ciência. Eram conhecedores da geometria sagrada e da arquitectura, o que se reflectiu na construção das catedrais góticas que ainda existem hoje, o que os autores chamam de livros de pedra onde lavraram os seus conhecimentos esotéricos. A eles se atribuem conhecimentos de astronomia, cosmologia, navegação, química, medicina e matemática que procuraram constantemente

expandir. Em suma, procuravam as respostas às grandes questões da vida.

## A MAÇONARIA E AS SUAS ORIGENS

A Maçonaria é uma ordem iniciática, filosófica, filantrópica e progressista. Sendo de carácter universal, os seus membros cultivam o classismo, a humanidade, os princípios da liberdade, democracia, igualdade e fraternidade, bem como o aperfeiçoamento intelectual e pessoal dos seus membros.

Trata-se, pois, de uma ordem fraternal que admite todos os homens livres e de bons costumes, sem distinção de raça, religião, ideologia política ou posição social. As suas principais exigências são que o seu integrante acredite num princípio criador, respeite as leis e costumes vigentes no seu país e tenha um firme propósito de busca da perfeição, vencendo os seus vícios e trabalhando para o constante reforço das suas virtudes.

Existe uma certa unanimidade de que a Maçonaria especulativa terá nascido com a fundação da Grande Loja de Londres e Westminster, mais tarde Grande Loja Unida da Inglaterra, em 24 de Junho de 1717. Mas outros autores referem-se a ela como muito mais antiga e aqui refiro-me ao *Livro de Enoque*. Este livro é atribuído a Enoque, ancestral de Noé, contendo literatura apocalíptica judaica onde proliferam um conjunto vasto de profecias e revelações, sendo considerado um dos textos religiosos antigos mais misteriosos. Mas que, porém, ficou fora da Bíblia. No livro *“História Secreta do Mundo” de 2008* de Jonathan Black, o autor refere que o *Livro de Enoque* desapareceu da história convencional, exotérica, entre 300-400. d.C. mas as tradições relativas à sua existência, ao seu conteúdo e ensina-



mentos, foram preservados na Maçonaria. Mais tarde, em 1773, foram encontrados uns escritos muito esfarrapados em mosteiros etíopes por um explorador escocês de nome James Bruce, dizendo os investigadores que, com esta descoberta, foram confirmadas as tradições maçónicas mais antigas.

No mesmo livro de Black, é-nos dito que no reinado do Rei Salomão, os judeus, uma vez que eram um povo nómada, não tinham qualquer tradição de construir templos. Isto levou a que Salomão decidisse contratar um arquitecto fenício, de seu nome Hiram Abiff, para a construção do Templo. Este mestre construtor empregou por sua vez uma irmandade de construtores/artesãos para realizar tal projecto e classificou-os em três graus: os Aprendizes, os Companheiros e os Mestres. Esta ideia de fraternidade nasce assim nesta época e irá espalhar-se, como sabemos, ao longo dos tempos e para lá de um contexto apenas esotérico para se definir como uma forma de organização das sociedades vindouras. Temos aqui os princípios fundadores da Maçonaria simbólica?

Voltando ao “*O Segredo dos Templários*” de Picknett e Prince, encontramos outras referências às origens da Maçonaria. A primeira refere-se a 1641 aquando da iniciação de Sir Robert Moray na Loja Mary’s Chapel em Edimburgo. Defendem os autores que esta Loja seguramente já estaria estabelecida antes dessa data e que, se existia uma ligação da Maçonaria aos templários, então ela remonta a muito tempo antes.

É também referido pelos autores que o escritor John J. Robinson cita no seu livro “*Born in Blood*” a existência de lojas maçónicas antes de 1380 e refere-se a um tratado alquímico de 1450 sendo que este tratado usa explicitamente o termo “Maçom”. Picknett e Prince referem mesmo que os próprios maçons alegam ter emergido das guildas medievais inglesas de pedreiros (o que é contrariado por outro

autor como veremos mais à frente) os quais tinham desenvolvido gestos secretos e códigos de identificação porque possuíam o conhecimento potencialmente perigoso da geometria sagrada.

No livro “*O Templo e a Loja*” de 1989, de Michael Baigent e Richard Leigh, os autores referem-se também à primeira iniciação registada em solo inglês a 20 de maio de 1641, a já falada iniciação do Lorde britânico, Sir Robert Moray, que teve carreira militar em França. Estes repetem a ideia de que Moray foi iniciado na Mary’s Chapel Lodge de Edimburgo e que, por isso, se pode concluir que já existiria algum tipo de sistema de Lojas a operar. A Maçonaria do Século XVII é então descrita como uma fusão de tradições que vêm da Guarda Escocesa e de famílias nobres escocesas que espalhavam os conhecimentos químicos e alquímicos, juntando-se-lhes outros conhecimentos filosóficos e científicos que provinham do Invisible College e subsequentemente da Royal Society, de que falaremos mais à frente.



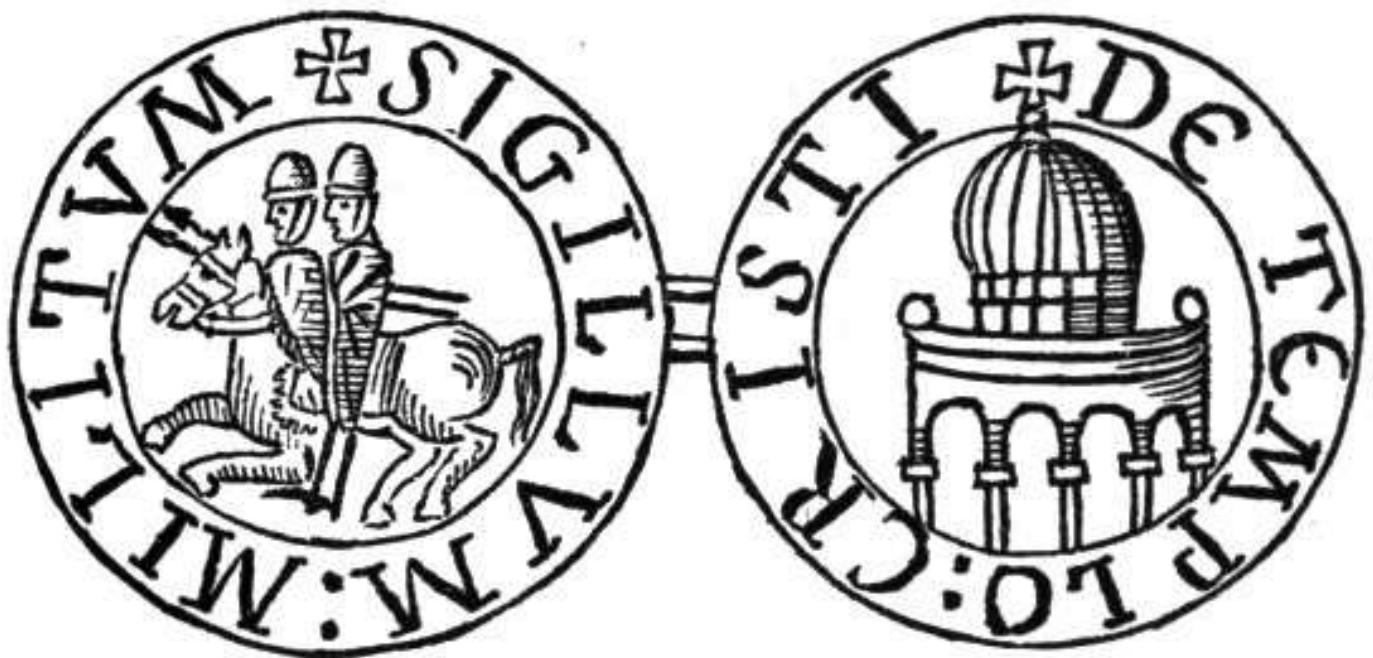
A tese de Picknett e Prince sobre a Maçonaria e as suas origens destriça duas vertentes maçônicas: a Maçonaria Escocesa, que dizem estar mais perto do carácter original da Maçonaria enquanto sociedade secreta e oculta, e a Maçonaria Inglesa mais associada ao auxílio mútuo e a uma sociedade mais filosófica. Assim a Estricta Observância Templária, da qual falaremos mais à frente, foi vista como um desenvolvimento da Maçonaria Escocesa.

Em face disto, quando e onde podemos situar a origem da Maçonaria? Afinal quantos anos tem ao certo?

### TEMPLARISMO E MAÇONARIA: DESCONHECIDOS, PRIMOS AFASTADOS OU IRMÃOS DE SANGUE?

Picknett e Prince afirmam na sua obra que, antes da formação da Grande Loja de Inglaterra em 1717, já os maçons divulgavam o mesmo tipo de informação que os templários sobre a geometria sagrada, alquimia e hermetismo. Estes autores sustentam esta tese no já referido tratado alquímico de meados do Séc XV, que designa os maçons como “obreiros alquímicos”.

Voltemos a antes de 1717, até ao ano de 1646, quando acontece uma outra iniciação maçónica célebre e das primeiras de que há registo formal, a de Elias Ashmole, alquimista, hermetista e rosacruziano. Michael Baigent e Richard Leigh também a mencionam no seu livro *“O Templo e a Loja”*, apenas cinco



anos depois de Robert Moray. Fazem notar que ambas as personagens foram das mais antigas iniciações de que há conhecimento com a coincidência, ou não, de ambos terem sido fundadores da Royal Society. No seu livro, estes autores afirmam que *“durante a Guerra Civil inglesa o Invisible College manteve-se invisível mas, em 1660 com a restauração da Monarquia e sob o patrocínio dos Stuart, evoluiu para a Royal Society e que, durante os 28 anos seguintes, Rosacruzianismo, Maçonaria e a Royal Society tornar-se-iam indistintas entre si”*.

Ashmole é, também, referido no livro *“O pêndulo de Foucault”* de Umberto Eco, como o fundador, em Londres em 1645, do Invisible College, de inspiração rosacruziana. Como escreve Eco, *“do Invisible College nascerá a Royal Society e desta, a Maçonaria”*. Esta transporta-nos para 1723 e para as Constituições de Anderson.

As ligações, porém, não ficam por aqui pois, em 1737, um Cavaleiro escocês da Ordem de S. Lázaro, de seu nome Andrew Michael Ramsay defendeu, num discurso proferido em Paris, a origem templária da Maçonaria. Ramsay defende que a irmandade maçónica era descendente dos cavaleiros cruzados, referência velada aos templários, negando a ligação da Ordem aos pedreiros medievais. Tido como falso por muitos, não deixa de ser verdade, conforme refere Umberto Eco na sua obra, que estudos recentes demonstraram não existir qualquer guilda medieval de pedreiros na Grã-Bretanha. O que Eco diz também na sua obra é que, com Ramsay, ou a partir dele, nasce o Rito Escocês para fazer concorrência com a Grande Loja de Londres.



E é em referência ao discurso de Ramsay que Picknett e Prince perguntam se terá sido por este discurso e pela revelação pública de que a Maçonaria descendia dos templários que, um ano depois, o Papa Clemente XII condenou toda a irmandade dos maçons.

Seja como for, lemos na obra de Umberto Eco (que não deixa de ser uma ficção, ainda que suportada em alguns factos e verdades históricas) que os templários estiveram ligados às antigas lojas de mestres pedreiros formadas durante a construção do Templo de Salomão. Afirmar também que, após a perseguição, é muito razoável acreditar que muitos cavaleiros do Templo tenham confluído para essas confraternidades de artesãos. A verdade é que, no Século XVIII, existiam em Londres lojas de pedreiros operativos e que, gradualmente, muitos nobres entediados acorreram a essas lojas, atraídos pela beleza dos seus ritos tradicionais. É assim que a Maçonaria operativa dá lugar à Maçonaria especulativa, muito mais atraente e grandemente filosófica. Quando nesta, em 1723, surge o pastor protestante James Anderson, Grande Oficial da Loja de Londres em Westminster, as primeiras Constituições de inspiração deísta tornam-se uma realidade.



# THE CONSTITUTIONS OF THE FREE-MASONS.

CONTAINING THE  
*History, Charges, Regulations, &c.*  
of that most Ancient and Right  
Worshipful *FRATERNITY*.

For the Use of the *LODGES*.



L O N D O N:

Printed by WILLIAM HUNTER, for JOHN SENEX at the *Globe*,  
and JOHN HOOKE at the *Flower-de-luce* over-against *St. Dunstan's*  
*Church*, in *Fleet-street*.

In the Year of Masonry — 5723  
*Anno Domini* — 1723

268. a 31

Escreve também Humberto Eco que Anderson faz recordar as corporações de pedreiros de há 4 mil anos atrás, por altura da construção do Templo de Salomão. Ironiza, ainda, dizendo que “*é neste momento que surge a farsa maçónica do avental, do martelo, esquadro e compasso e que se reforça a ideia, trazida anos depois por Ramsay, de estabelecer a ligação directa entre a a Maçonaria e os templários criando a Maçonaria do Rito Escocês*”. Ainda segundo este autor, Ramsay, ao instituir a Maçonaria do Rito Escocês, multiplica-lhe os graus, uma vez que a Loja Londrina apenas reconhecia três graus, com o objectivo de multiplicar os níveis de iniciação e de segredo, fazendo crer que tem um segredo.

Mas Ramsay faz outra alegação notável à época. No seu livro, Baigent e Leigh afluam-na referindo-se à declaração que o mesmo fez de que a “*Maçonaria preservou o esplendor da Guarda Escocesa a quem os reis de França haviam confiado ao longo dos séculos a sua protecção e defesa*”.

E o que foi a Guarda Escocesa? Muito em síntese, Baigent e Leigh definem-na como uma instituição neotemplária militar de cavalaria, composta por gente de elite cujo treino militar lhe permitiu desempenhar um papel essencial na Europa naquela época, sem qualquer obediência ao Papa e fiel à Coroa Francesa. Segundo os autores, os nobres que a compunham eram herdeiros das tradições templárias originais.



No entanto, a história não fica por aqui pois, no livro de Picknett e Prince, viajamos até outra vertente da continuidade templária, que, aliás, é também mencionada no livro de Umberto Eco.

No que é referido como uma das histórias mais controversas da Maçonaria, não se sabe se por causa do discurso de Ramsay, surge, em 1743, outra personalidade, Karl Gotthelf, alemão, barão von Hund, que afirma ter sido iniciado numa Ordem Maçónica em Paris, onde tomou conhecimento da verdadeira história da Maçonaria, dizendo ter sido autorizado a constituir novas Lojas cuja designação maçónica passou a ser a de “Estrita Observância Templária”. Atente-se que esta “linhagem maçónica” foi conhecida na Alemanha como a “Irmandade de João Batista”.

Esta versão leva-nos agora à Escócia, pois, na investigação de Picknett e Prince, é-nos dito que o barão von Hund afirma ter recebido a informação de que, após a sua supressão em França, muitos cavaleiros templários terão fugido para a Escócia, onde se instalaram, afirmando ainda que tinha na sua posse uma lista dos nomes dos Grão-Mestres que sucederam a Jacques de Molay. A investigação afirma que, seja qual for a verdade, a Maçonaria Templarista vingou e se consolidou tornando-se uma importante forma de Maçonaria de ambos os lados do Atlântico. Referem os autores que esta Maçonaria Templarista influenciou o andamento da sua investigação pois permitiu perceber que ela levou a um outro movimento que se veio a designar como a Maçonaria do Rito Escocês, principalmente do Rito Escocês Rectificado.

Os autores Picknett e Prince vão mais longe e tornam ainda mais intrincada esta história ao afirmarem que existiram duas ordens, a Ordem Martinista e a Ordem de Mênfis-Misraim, que estavam ligadas ao Priorado de Sião e que todas elas partilharam uma origem comum: a Estricta Observância Templária. E a sua investigação levou-os a concluir que, ao estudarem o Rito Escocês Rectificado, este mais não é do que uma redesignação da Estricta Observância.

Mas, sobre von Hund, falam também Baigent e Leigh, ao afirmarem que este é descendente da família ao redor da qual os sobreviventes templários se reuniram quando as suas propriedades foram ilegalmente tomadas na Escócia, em 1564. Aliás, estes autores atrevem-se a dizer que, caso as informações que receberam sejam correctas, *“uma Ordem do Templo continua a existir entre aquela família hoje”*.

Há, ainda, um aspecto que pretendo destacar, e que me parece merecer alguma reflexão, e que está relacionado com a “Estrita Observância Templária”, mais concretamente com a sua designação, na Alemanha, a “Irmandade de João Batista”. Na sua investigação, Picknett e Prince fazem-lhe referência, pelo que vou aqui referi-lo, embora apenas de passagem: os Mandeus!

A sua perspectiva era a de que Jesus era um mentiroso, impostor e feiticeiro, acusado de transviar os judeus. Ora, todas as seitas associadas a João Batista, ainda que pequenas individualmente, representaram, à época, um grande movimento, se vistas em conjunto. E, curiosamente, todas elas, os Mandeus, os Simonianos, os Dositeus e, com grande probabilidade, os templários foram implacavelmente reprimidos e perseguidos pela Igreja Católica, devido ao seu conhecimento e reverência por João Batista, deixando que apenas um pequeno grupo sobrevivesse, os Mandeus, no Iraque. Os autores afirmam mesmo que os Joannitas podem ter passado à clandestinidade em muitos outros locais, em especial na Europa, mas que continuam a existir. Porquê en-



tão a Irmandade de João Batista? Porquê a sua reverência pelos templários?

Fica a semente para a reflexão.

Sobre este tema sigamos o livro *“Portugal a Primeira Nação Templária”* de Freddy Silva, para retomar o tema da veneração a João Baptista. Nele se relata que, em 1865, o Papa Pio IX publicou a bula *Multiplikes Inter* como uma impreciação contra a Maçonaria, na qual afirmou que os seus antecessores eram os cavaleiros templários e que esta seguia, desde o início, a heresia joanita. Neste livro, refere-se que o pensamento do Papa era que *“os templários, como todas as ordens secretas, tinham duas doutrinas, uma escondida e reservada aos mestres, o joanismo; outra pública, a católica romana. Assim enganavam os adversários que pretendiam suplantar”*. Afirmou também o Papa Pio IX que *“os joanitas atribuíam a João Batista a fundação da sua Igreja Secreta e os seus pontífices assumiam o nome de Cristos”*. Da mesma forma, também foi alegado que os grão-mestres do Priorado de São eram joanitas secretos. Tudo isto teria provocado a ira da Igreja, pois quer os templários, quer outras ordens ou seitas gnósticas do tempo de João Batista, seguiam o evangelho gnóstico de João em vez do cânone da Igreja Católica.

Continuando na busca templária, o que sabemos, através do livro de Picknett e Prince é que existe uma grande quantidade de estudos que demonstraram de forma muito convincente que a ordem sobreviveu com grande influência na cultura ocidental, pois muitos terão escapado ao massacre em França. Em Inglaterra, onde o rei Eduardo II se recusou a acreditar na culpa dos templários, na Alemanha, em Aragão, em Castela, onde foram julgados e absolvidos e em Portugal, onde, como sabemos, se transmutaram na Ordem de Cristo.

A sua investigação refere até que, mesmo em França, não foram assim tantos os cavaleiros executados – outros foram libertados após se retratarem – tendo-se juntado noutros países a outras ordens já existentes com os Cavaleiros Teutónicos.

Também com estes autores chegamos à Escócia, pois referem que, após a sua perseguição que sofreram em França, é comumente aceite que os templários sobreviveram na Escócia, como resulta dos registos em pedra da Capela de Rosslyn. Quando o rei Robert Bruce que os protegia viu levantada a sua excomunhão, pois também ele fora proscrito pela igreja, novamente caiu sobre eles o poder do Papa pelo que é aceite que os templários escoceses tenham julgado prudente passar à clandestinidade, como aliás muitos dos seus irmãos europeus, dando assim origem à Maçonaria.

Mas os autores também chamam a atenção para o facto de, apesar de muitos ramos da Maçonaria assumirem a sua origem templária com origem na Escócia, a verdade é que a maioria dos historiadores levam pouco a sério esta teoria. Ainda assim, também o escritor e investigador Freddy Silva em *“Portugal a Primeira Nação Templária”* se refere à passagem dos templários para a Escócia quando escreve que o Rito Escocês foi fundado em 1314 com a chegada àquele país do cavaleiro templário Robert de Hereford.

Este autor vai ainda mais longe quando afirma que o rei Robert Bruce nunca ratificou legalmente a dissolução da Ordem do Templo escocês, tendo sido rebaptizada por Maçonaria do Rito Escocês. Elabora ainda uma comparação entre o que se passou na Escócia com Robert Bruce e em Portugal com o rei D. Dinis. Tal como na Escócia, D. Dinis rebaptiza a Ordem do Templo em Ordem de Cristo mediante uma estratégia que o autor classifica como uma das *“maiores jogadas da história de Portugal”*. Propôs aos templários a transferência de todos os seus bens para a Coroa portuguesa e que tirassem uma licença sabática no Algarve. Advogou junto do Papa João XXII que a Ordem do Templo tinha deixado de existir e seis anos depois rebaptizou-a como Ordem de Cristo.

A história registou ainda que ambos os países avançaram para a independência com a ajuda dos templários através de batalhas no dia de João Batista, a Batalha de S. Mamede, em 1128, e a de Bannockburn, em 1314.

Fecha-se o capítulo escocês dizendo que, o que sabemos é que a Capela de Rosslyn, cujas fundações se assemelham às do Templo de Salomão, é uma prova, incontestável para muitos, da ligação dos templários à Maçonaria pois nela se encontram inúmeros símbolos e ligações entre ambos. Construída por Wil-

liam Sinclair, em 1447, cerca de 100 anos após a supressão dos templários, muitos afirmam que o seu



Lápides da Capela de Kilmory

autor foi um templário ligado à Maçonaria escocesa. Faço também uma breve referência a fotografias das ruínas da Capela de Kilmory do século XIII, na Escócia, disponíveis no “*Templo e a Loja*” de Baigent e Leigh, relativas a lápides gravadas com a imagem de um guerreiro, uma cruz templária e um esquadro maçónico ou ainda a uma outra tirada no castelo dos cavaleiros templários de Athlit, em Israel, a uma lápide de um maçom templário onde encontramos o martelo, o esquadro e a espada templária gravadas em pedra, afirmando os autores que o túmulo deve ser anterior ao abandono do castelo pela Ordem, em 1291.

Também em Portugal encontramos outros elementos históricos que ligam os templários à Maçonaria e isso é expresso por Freddy Silva quando no seu livro escreve sobre a Quinta da Regaleira, em Sintra. Muito em síntese, esta quinta foi adquirida, em 1904, por Carvalho Monteiro, homem culto, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, maçom, o qual, segundo o autor, seguiu uma longa tradição de maçons que haviam sido donos da propriedade. Também é dito que o irmão do anterior dono a Carvalho Monteiro era maçom, bem como o proprietário anterior a este, Manuel Bernardo, que além de maçom era membro da Real Academia de Ciências. Diz ainda o autor e cito, que “*não existe documentação histórica sobre a propriedade dos séculos XIV a XVIII, mas dado que a Maçonaria é a progénie dos templários, presume-se que a mesma permaneceu na família. E percebido o que existe na propriedade, não é difícil entender porque*”.

Pese embora todas estas histórias, investigações e opiniões nos mostrem uma tendência para a herança templária da Maçonaria, a verdade é que existem outros autores que a negam e classificam como fantástica. No seu livro “*Templários em Portugal, Homens de Religião e Guerra*”, a professora e historiadora Paula Pinto Costa afirma que “*as organizações que reivindicam uma ligação aos templários fazem-no por motivações próprias e fantasiosas e não pelo percurso histórico e documentado da Ordem do Templo, efetivamente suprimida em 1312*”.

Também Dan Jones, no seu livro “*Os Templários, Ascensão e Queda dos Cavaleiros de Cristo*”, reforça a ideia de que a ligação da Maçonaria aos templários dando a entender uma continuidade atraente, nobre, de sabedoria e religião, é falsa. Diz o autor que há, aliás, outros membros de sociedades maçónicas que estabelecem ligações entre a Maçonaria e os Hospitalários e os Cavaleiros de Malta.

Refere ainda outras organizações pacifistas de índole cristã ligadas a direitos humanos que advogam essa descendência ou até gente menos recomendável como o fascista e terrorista norueguês Behring Breivik que assassinou setenta e sete pessoas e feriu mais de trezentas em 2011, que afirmou pertencer a uma célula templária internacional.

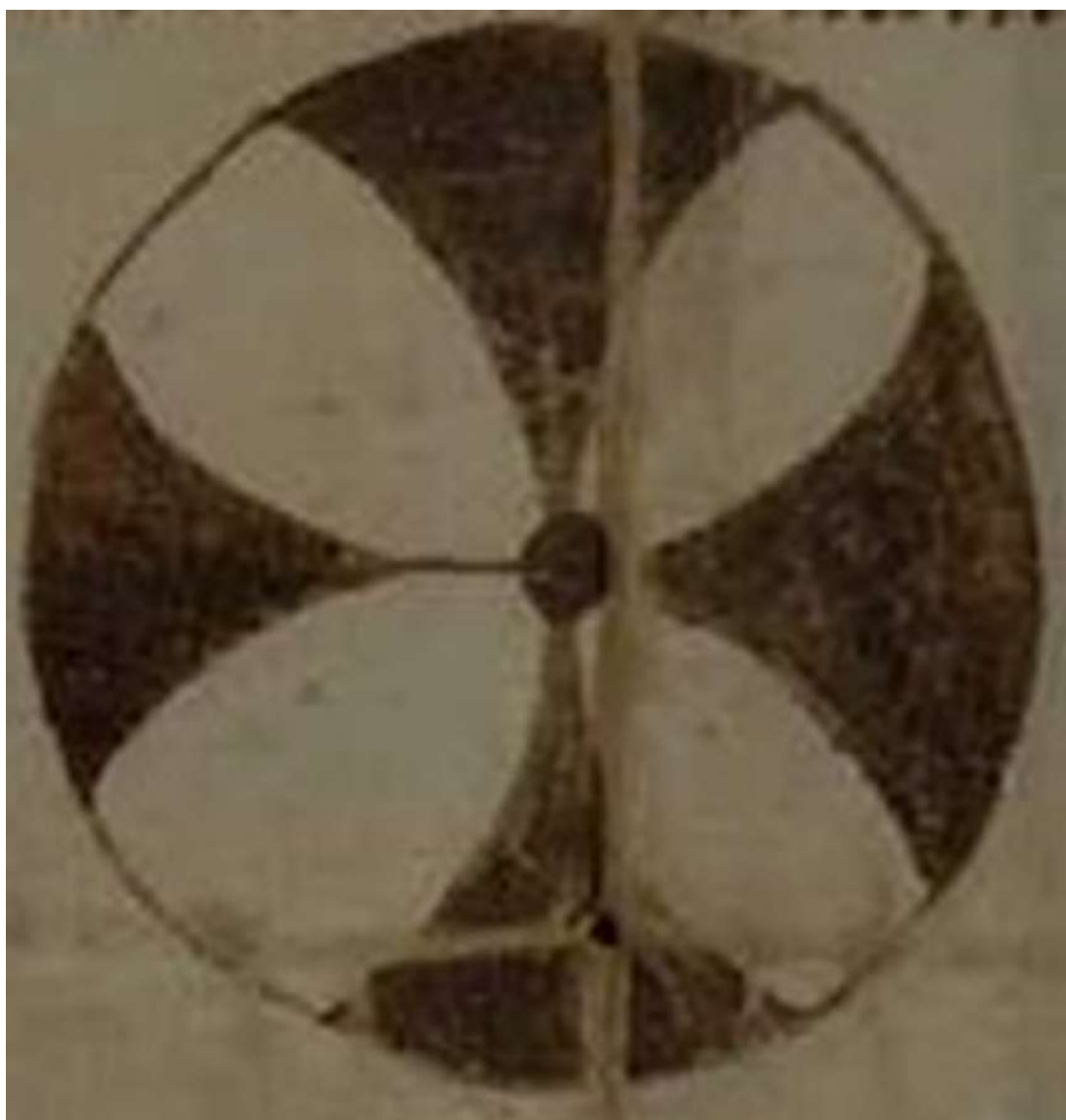
Como também referem Picknett e Prince em “*O Segredo dos Templários*”, para muitos profanos, a Maçonaria é simplesmente um pitoresco clube de cavaleiros, uma rede de ligações que proporciona aos seus membros lucrativos contactos e influências no mundo do negócios”.

Verdade ou mentira, cada um de nós terá a sua visão e posição sobre os dois lados da história. Como já antes foi escrito, a ligação da Maçonaria ao Templarismo acaba por ser um vínculo mais espiritual do que formal ou real. Este vínculo resulta do facto de ambos partilharem uma certa identidade ritualística, elementos de culto, simbologia, tradições, valores e princípios, desenvolvendo atitudes e virtudes cavaleirescas e procurando conhecimentos e saberes muito além da vida material, elevando-se a um nível filosófico e espiritual que nem todos alcançam. Entre as lendas e histórias, investigações e escritos, factos ou falsidades, nas pedras ou nas memórias documentadas, encontraremos a verdade. Uma verdade que não é a mesma para todos.



## BIBLIOGRAFIA

- Baigent**, Michael, e **Leigh**, Richard . *The Temple and the Lodge*, United Kingdom: Arrow Books, 1989;
- Black**, Jonathan, *The Secret History of the World*. United Kingdom: Quercus Books, 2008;
- Costa**, Paula Pinto, *Templários em Portugal, Homens de Religião e de Guerra*. Lisboa: Presença, 2019;
- Eco**, Humberto, *Il Pendolo di Foucault*. Milão: Bompiani, 1988;
- Jones**, Dan, *The Templars: The Rise and Spectacular Fall of God's Holy Warriors*, United Kingdom: Hardcover, 2017;
- Picknett**, Lynn, e **Prince**, Clive . *The Templar Revelation*, United Kingdom: Transworld Publishers Ltd, 1997;
- Silva**, Freddy, *First Templar Nation: How Eleven Knights Created a New Country and a Temple Within*, EUA: Inner Traditions C/O S&S, 2012;
- Carvalho**, Sérgio Luís, *Lisboa Maçónica: Uma viagem pela história de uma instituição que muitas vezes se confunde com a história da cidade*, Lisboa: Parsifal, 2025;
- Wikipedia**, Disponível em: <http://www.wikipedia.pt>;
- Freemason**, Disponível em: <http://www.freemason.pt>.



# Se Deus existe, por que tudo morre?



## Se Deus existe, por que tudo morre? (1)

Há uma **ordem** no universo que não é visível. E há um **caos** que não é ruído, **é silêncio**. Todos aprendemos cedo que o mundo não se oferece como um livro claro. É preciso lê-lo nas entrelinhas, nos espaços, nos intervalos. E há um intervalo que atravessa tudo: o intervalo entre **a vida e a morte**, entre **a forma e o vazio**, entre **o sentido e a sua ausência**. É com esta reflexão que vos vou desafiar neste balaústre. (2)

A física diz-nos que a **entropia**, como medida da desordem, tende sempre a aumentar. Num sistema isolado, a energia dispersa-se, a organização desfaz-se, e a matéria acaba por ceder à inércia. O caos, neste sentido, não é confusão. **É ausência de vibração**. É o estado de **desorganização máxima, de energia mínima, de repouso absoluto**. Um estado real, mensurável, inevitável. (3)

Mas o caos não é um momento. Não é a origem nem o fim. Não é sequer um acontecimento. **É uma das faces do eterno.** O universo **não foi criado a partir do nada.** Matéria e energia **sempre** existiram, sempre **existirão**, oscilando entre formas, destruindo-se e recompondo-se num ciclo sem princípio nem fim. O caos é apenas um estado possível nesse movimento, uma dobra do infinito, um ponto de colapso no grande **equilíbrio** dinâmico. (4)

ainda assim... **há vida.** (5)

Contra a corrente da entropia, a vida ergue-se como **anomalia.** Enquanto tudo tende à desconstrução, a vida concentra. Organiza. Corrige. Cura. Conserva. **A vida resiste ao caos porque tem dentro de si uma força que o caos desconhece: o desejo de continuar.** Uma flor rompe a pedra. Uma célula multiplica-se com precisão. Um homem escolhe a verdade num mundo que a despreza. Estes gestos não são inevitáveis. **São milagres.** São expressões de uma energia mais profunda do que a física. (6)

Como escreveu Nietzsche:

***“Aquele que tem um porquê para viver pode suportar quase qualquer como.”*** (7)

Esta energia, podemos chamá-la **luz.** Não a luz visível, mas a que estrutura o pensamento, distingue o bem, orienta o gesto. Onde esta luz se acende, o caos recua. Mas a luz não é triunfalista. É humilde. Não elimina a sombra, mas torna-a visível. A vida não nega a morte. Incorpora-a. **A rosa floresce, mesmo sabendo que morrerá.** E é nesse sacrifício, nesse perfume breve que se oferece ao mundo, que a vida toca o **sagrado.** (8)

Talvez seja por isso que o símbolo mais alto da elevação não seja um trono, mas uma **cruz.** A cruz que representa o ponto em que a beleza aceita o sofrimento, e o sofrimento se converte em transcendência. **A cruz onde a vida da rosa se entrega, mas onde também se revela algo maior do que ela.** (9)

Nada está fixo no universo. O que parece estável é apenas o equilíbrio momentâneo entre forças em tensão. Há zonas de caos e zonas de ordem, zonas de criação e zonas de colapso. **O universo pulsa entre opostos.** Uma estrela morre, outra nasce. Um organismo definha, outro desperta. Nada está fixo no universo. O que parece estável é apenas o equilíbrio momentâneo entre forças em tensão. Há zonas de caos e zonas de ordem, zonas de criação e zonas de colapso. **O universo pulsa entre opostos.** Uma estrela morre, outra nasce. Um organismo definha, outro desperta.

É esta alternância que sustenta a continuidade. A estabilidade não é ausência de mudança. É harmonia entre mudanças. (10)

Como disse Heraclito:

***“Tudo flui. Nada permanece.”*** (11)

Mas o infinito não é apenas imensidão. Não se revela só no que é vasto, longínquo ou inalcançável. **Há infinito também no íntimo do ínfimo.** Cada fragmento contém profundidade. Um átomo, por exemplo, não é um ponto terminal. É um **portal.** Pode conter em si estruturas tão complexas e extensas como o universo que o envolve. E cada uma dessas estruturas, por sua vez, abriga outras, num jogo de espelhos que nunca cessa. **Universos dentro de universos. Infinito acima, infinito abaixo.** Como se cada ponto da realidade fosse, ele próprio, um universo em expansão e recolhimento, num labirinto de dimensões que escapa à nossa compreensão. (12)

Esta interpenetração de escalas revela uma ordem que não depende da nossa medida. E talvez seja essa a verdadeira assinatura do divino: uma lógica que transcende o visível, mas que se manifesta tanto na vastidão de uma galáxia como na dança silenciosa de uma partícula. O infinito, afinal, não é uma direção. É uma estrutura. E nessa estrutura pulsa uma inteligência que não se impõe, mas que se revela a quem sabe escutar. (13)



Tal como no **pavimento mosaico do templo**, onde luz e sombra se entrelaçam, também a realidade profunda se estrutura nessa dualidade. O iniciado não escolhe um lado. Caminha entre eles. Aprende a ver o sentido no meio do conflito. A reconhecer que a sombra revela a forma da luz. Que o caos é o pano de fundo da obra. E que a sabedoria não é eliminar a oscilação. É habitá-la. É vivê-la. (14)

E então surge a pergunta maior: o que sustenta esta dança? O que permite que, mesmo com tudo a oscilar, haja continuidade, possibilidade, sentido? **Chamamos a isso Deus.** (15)

Nas palavras de Roger Scruton:

*“O mistério de Deus é necessário para dar sentido ao mistério do mundo.”* (16)

Talvez seja esse o Deus que, entre nós, os maçons, chamamos **G·A·D·U·**, o **Grande Arquiteto do Universo**. Não um Deus **externo**, sentado no topo de tudo, a observar. Mas um Deus **interno ao próprio movimento**. Um fundamento silencioso. Uma presença que não se impõe, mas que permite. Não intervém, mas sustenta. Não dita regras, mas torna possível a ordem. **Deus não é o que vemos. É o que nos permite ver.** Não é uma explicação. É o que dá lugar **a todas** as explicações. (17)

Cada um **O** imagina à sua maneira. Mas mais importante do que a imagem é o eixo interior que essa ideia desperta. Uma reverência, uma escuta, uma orientação. Uma verticalidade. (18)

Deus está no centro. Se o caos é a queda, e a vida a ascensão, Deus é o ponto de equilíbrio. **O lugar sem lugar.** A origem sem origem. O centro imóvel que torna possível o movimento. (19)

É aqui que tudo se junta. A matéria, que tende ao caos. A vida, que o combate. O universo, que os alterna. **E Deus, que os reconcilia.** Esta é a visão. Esta é a construção. Esta é a cruz. E quem a carrega, não o faz com desespero, mas com lucidez. (20)

Porque sabe que o verdadeiro trabalho não é eliminar o **caos**, nem fixar a **ordem**. É caminhar entre ambos com sentido. E ao fazê-lo... **revelar Deus.** (21)

Ou talvez não. (22)

**Talvez Deus não se revele.** (23)

Talvez não se revele porque não precisa. Porque o universo, por si só, já contém tudo: **caos, forma, vida, morte, renascimento.** Talvez Deus não intervenha... porque não precisa de intervir. Talvez Ele seja o **silêncio que sustenta, mas que nunca se mostra.** E talvez seja por isso que muitos ainda procuram um sinal, quando o sinal é o próprio existir. (24)

Mas então... se o universo é eterno, se a vida resiste por si, se o caos e a ordem se equilibram — **que lugar resta para Deus?** (25)

Não será isto, precisamente, o lugar de Deus? (26)

Que espaço, então, nos resta para o destino?

Será o **G·A·D·U·** o caminho, ou o caminhar? (27)

E se, afinal, tudo isto for apenas uma questão de acordar? (28)



## Notas do Balaústre

### Significado da capa

O título *“Se Deus existe, por que tudo morre?”* surge no topo, como ponto de partida e chave para a reflexão. É uma pergunta direta e desconcertante, que prepara o olhar e o pensamento para o símbolo central.

No centro ergue-se a cruz, representando o eixo vertical (a dimensão espiritual, o que está “em cima”) e o eixo horizontal (a dimensão humana e material, o que está “em baixo”). Esta intersecção é o ponto onde se encontram céu e terra, matéria e espírito, vida e morte.

No coração da cruz floresce a rosa, símbolo da vida consciente e efêmera, que floresce mesmo sabendo que perecerá. Evoca a tradição rosacruziana, onde a rosa representa beleza, sacrifício e revelação espiritual. A sobreposição com a cruz indica que a vida, com toda a sua fragilidade, se enraíza no centro do encontro entre sofrimento e transcendência.

Do ramo da rosa nasce o símbolo do infinito, que se estende para além da cruz, lembrando que o ciclo de vida e morte, de ordem e caos, não tem princípio nem fim. Aqui, o infinito parece brotar da própria vida como expressão visível de algo eterno.

Por trás da cruz, um círculo dourado claro envolve o conjunto, sugerindo unidade, totalidade e perfeição. O ouro claro remete para a luz do sagrado, a presença silenciosa de Deus como o Grande Arquiteto do Universo, não como figura visível, mas como harmonia que fundamenta o todo. Espalhadas pelo fundo, estrelas recordam a vastidão do cosmos e a nossa condição de parte de algo infinitamente maior, ligando o símbolo central ao mistério do universo.

Aos pés da cruz, o pavimento mosaico, padrão maçónico de quadrados claros e escuros, representa a dualidade essencial da existência: luz e sombra, ordem e caos, vida e morte. É o chão onde se desenrola a experiência humana e onde o iniciado aprende a caminhar sem rejeitar nenhum dos lados.

Cortando o branco de fundo, linhas oblíquas de luz acrescentam movimento e profundidade. Representam a energia que atravessa todas as coisas, a ligação invisível entre os planos, e dão ao conjunto a sensação de que este símbolo não é estático, mas vivo e pulsante.

Assim, a capa não é apenas um ornamento visual. É a síntese gráfica do balaústre, um encontro entre símbolos esotéricos, maçónicos e filosóficos, onde cada elemento carrega um significado que se entrelaça com os temas centrais do texto: infinito, vida, morte, harmonia, transcendência

### Notas de leitura

Este balaústre *“Se Deus existe, por que tudo morre?”* foi escrito com o objetivo de transmitir, num espaço limitado, reflexões densas e interligadas. Para manter a extensão dentro do permitido, alguns conceitos foram apresentados de forma sintética, podendo não revelar por completo o pensamento subjacente.

Estas notas procuram complementar o texto original, esclarecendo referências, imagens e ideias-chave, para que a mensagem possa ser compreendida no seu sentido mais amplo.

Nas próximas páginas, cada parágrafo do balaústre é reproduzido em itálico azul, numerado, e logo a seguir surge um texto explicativo que desenvolve e aprofunda o seu conteúdo e mistério.

*Se Deus existe, por que tudo morre?*

# *Se Deus existe, por que tudo morre?*

## Notas de leitura por parágrafo

1

*Se Deus existe, por que tudo morre?*

Esta é a pergunta central e provocadora que dá título ao balaústre. Não é uma dúvida sobre a existência de Deus em si, mas um desafio à compreensão que temos Dele e do Seu papel no universo. A morte, inevitável e universal, parece entrar em tensão com a ideia de um Deus presença constante e, para muitos, benevolente. A questão abre espaço para reflexão: se Deus existe e é fundamento de toda a vida, como entender que a morte também faça parte dessa realidade eterna?

2

*Há uma ordem no universo que não é visível. E há um caos que não é ruído, é silêncio. Todos aprendemos cedo que o mundo não se oferece como um livro claro. É preciso lê-lo nas entrelinhas, nos espaços, nos intervalos. E há um intervalo que atravessa tudo: o intervalo entre a vida e a morte, entre a forma e o vazio, entre o sentido e a sua ausência. É com esta reflexão que vos vou desafiar neste balaústre.*

Aqui introduzo a ideia de que tanto a ordem como o caos não se apresentam sempre de forma evidente. A ordem pode estar oculta, e o caos pode manifestar-se como ausência e não apenas como desordem barulhenta. É necessário treino e sensibilidade para “ler” o mundo para além do que está explícito — observando os espaços, as pausas e os silêncios. O “intervalo entre a vida e a morte” representa um ponto de transição e mistério, um limiar que existe em várias dimensões da existência. Esta será a base para o desenvolvimento da reflexão no balaústre.

3

*A física diz-nos que a entropia, como medida da desordem, tende sempre a aumentar. Num sistema isolado, a energia dispersa-se, a organização desfaz-se, e a matéria acaba por ceder à inércia. O caos, neste sentido, não é confusão. É ausência de vibração. É o estado de desorganização máxima, de energia mínima, de repouso absoluto. Um estado real, mensurável, inevitável.*

Este parágrafo introduz um conceito científico fundamental: a segunda lei da termodinâmica, que afirma que, num sistema isolado, a entropia (medida da desordem) aumenta com o tempo. Aqui, o “caos” é entendido no sentido físico, não como agitação, mas como ausência total de movimento ou energia útil — um estado de equilíbrio térmico absoluto. Neste estado, toda a matéria e energia estão distribuídas de forma uniforme e nada mais pode acontecer, porque não há diferenças de temperatura ou energia que permitam provocar movimento ou transformação. Para que algo mude — para que haja vida, reação química, ou mesmo o simples ar mover-se — é preciso que exista um desequilíbrio, isto é, zonas com mais energia e zonas com menos. É essa diferença que faz as coisas acontecerem. Quando tudo está nivelado, não há nada que possa ocorrer. É um fenómeno inevitável e verificável, e serve de alicerce para a reflexão que contrapõe caos e vida.



*Mas o caos não é um momento. Não é a origem nem o fim. Não é sequer um acontecimento. É uma das faces do eterno. O universo não foi criado a partir do nada. Matéria e energia sempre existiram, sempre existirão, oscilando entre formas, destruindo-se e recompondo-se num ciclo sem princípio nem fim. O caos é apenas um estado possível nesse movimento, uma dobra do infinito, um ponto de colapso no grande equilíbrio dinâmico.*

Aqui, faço uma afirmação filosófica que se afasta da visão de criação a partir do nada: defendo que matéria e energia sempre existiram e existirão, transformando-se continuamente. O caos, nesta visão, não é um “evento” único no tempo, mas uma das configurações possíveis desse fluxo eterno. A metáfora “dobra do infinito” sugere que o caos é como uma inflexão ou curva dentro de algo ilimitado — parte de um equilíbrio maior, não uma exceção.

*E ainda assim... há vida.*

Este parágrafo muito curto marca um ponto de viragem. Apesar da tendência natural para a entropia e para o caos, a vida existe e resiste. O contraste entre o que a física descreve como inevitável e a presença real da vida introduz a tensão que irá ser explorada: como é que algo tão improvável e tão organizado como a vida consegue emergir e persistir num universo tendente à desordem?

*Contra a corrente da entropia, a vida ergue-se como anomalia. Enquanto tudo tende à desconstrução, a vida concentra. Organiza. Corrige. Cura. Conserva. A vida resiste ao caos porque tem dentro de si uma força que o caos desconhece: o desejo de continuar. Uma flor rompe a pedra. Uma célula multiplica-se com precisão. Um homem escolhe a verdade num mundo que a despreza. Estes gestos não são inevitáveis. São milagres. São expressões de uma energia mais profunda do que a física.*

Aqui estabeleço a vida como uma exceção surpreendente à tendência universal para a desorganização. A vida atua na direção oposta à entropia: agrega, estrutura, repara e preserva. Atribuo esta capacidade a algo que ultrapassa as leis físicas — uma “força” ou “energia” ligada ao instinto e desejo de permanecer. Os exemplos ilustram como esta resistência se manifesta em diferentes escalas: uma planta que rompe obstáculos, processos celulares de replicação precisa e escolhas éticas que desafiam o meio envolvente. Chamar a estes atos “milagres” não implica necessariamente intervenção sobrenatural, mas reconhece o seu carácter extraordinário.

*Como escreveu Nietzsche:*

*“Aquele que tem um porquê para viver pode suportar quase qualquer como.”*

Esta citação de Nietzsche reforça a ideia anterior: a motivação e o sentido (“o porquê”) são forças vitais capazes de sustentar a vida mesmo em condições adversas (“o como”). Funciona como uma âncora filosófica para a afirmação de que a vida é movida por algo que não se explica apenas pela física — é impulsionada também por significados e propósitos. Reforça a ideia de que o sentido — o “porquê” — é o que sustenta a vida perante as dificuldades.

Friedrich Nietzsche (1844–1900) foi um filósofo alemão que questionou a moral tradicional, as crenças absolutas e as certezas religiosas da sua época. É frequentemente associado à ideia de “morte de Deus” no sentido cultural, e à valorização do indivíduo que cria o seu próprio sentido. Coloquei-o aqui porque, mesmo sendo crítico das religiões, Nietzsche reconhecia que ter um propósito claro é uma das forças mais poderosas para resistir ao sofrimento. A sua frase encaixa no balaústre como ponte entre a dimensão física da vida e a sua força interior.

*Esta energia, podemos chamá-la luz. Não a luz visível, mas a que estrutura o pensamento, distingue o bem, orienta o gesto. Onde esta luz se acende, o caos recua. Mas a luz não é triunfalista. É humilde. Não elimina a sombra, mas torna-a visível. A vida não nega a morte. Incorpora-a. A rosa floresce, mesmo sabendo que morrerá. E é nesse sacrifício, nesse perfume breve que se oferece ao mundo, que a vida toca o sagrado.*

Aqui mudo a linguagem para o plano simbólico. “Luz” é uma metáfora para a consciência, clareza moral e direção interior. É algo que afasta o caos não pela força, mas pelo simples ato de iluminar — revelando a sombra em vez de a suprimir. A frase “A vida não nega a morte. Incorpora-a.” sintetiza uma visão madura: reconhecer que a morte faz parte do ciclo da vida e que a aceitação desta realidade pode dar profundidade e significado à existência. O exemplo da rosa ilustra esta ideia: a beleza efêmera e o perfume que oferece são um gesto sagrado precisamente por estarem destinados a terminar.

9

*Talvez seja por isso que o símbolo mais alto da elevação não seja um trono, mas uma cruz. A cruz que representa o ponto em que a beleza aceita o sofrimento, e o sofrimento se converte em transcendência. A cruz onde a vida da rosa se entrega, mas onde também se revela algo maior do que ela.*

Este parágrafo faz uma ponte direta para a simbologia maçônica e cristã da cruz, aqui entendida como lugar de união entre dor e beleza. Não é um símbolo de poder terreno (“trono”), mas de superação espiritual. A referência à “vida da rosa” liga o símbolo anterior (rosa) à cruz, evocando a tradição Rosa-Cruz, onde a flor representa a perfeição e a cruz o sacrifício necessário para alcançá-la. O resultado desta entrega é a revelação de algo que transcende a própria vida.

10

*Nada está fixo no universo. O que parece estável é apenas o equilíbrio momentâneo entre forças em tensão. Há zonas de caos e zonas de ordem, zonas de criação e zonas de colapso. O universo pulsa entre opostos. Uma estrela morre, outra nasce. Um organismo definha, outro desperta. É esta alternância que sustenta a continuidade. A estabilidade não é ausência de mudança. É harmonia entre mudanças.*

Aqui descrevo a realidade como um sistema dinâmico, onde a aparente estabilidade é apenas um estado temporário resultante do equilíbrio entre forças contrárias. Ao contrário da ideia de estabilidade como imobilidade, a verdadeira estabilidade é entendida como a capacidade de manter harmonia dentro da mudança constante. Os exemplos — morte e nascimento de estrelas, decadência e renovação de organismos — mostram que esta alternância é o que mantém o fluxo da existência.

11

*Como disse Heraclito:*

*“Tudo flui. Nada permanece.”*



Esta citação de Heraclito resume a visão de impermanência que o parágrafo anterior descreveu. É uma formulação clássica da filosofia pré-socrática, que enfatiza que nada no universo é estático — tudo está em constante transformação. Serve como reforço da ideia de que a mudança não é uma perturbação, mas a própria essência da realidade.

Heraclito de Éfeso (c. 540–480 a.C.) foi um filósofo pré-socrático grego que via o mundo como estando em constante mudança e movimento. Defendia que a realidade é composta por opostos em tensão e que essa tensão é necessária para a harmonia. Aparece aqui porque o balaústre fala precisamente dessa alternância contínua entre caos e ordem, e Heraclito é uma das primeiras vozes conhecidas a formular esta ideia de forma tão clara.

## 12

*Mas o infinito não é apenas imensidão. Não se revela só no que é vasto, longínquo ou inalcançável. Há infinito também no íntimo do ínfimo. Cada fragmento contém profundidade. Um átomo, por exemplo, não é um ponto terminal. É um portal. Pode conter em si estruturas tão complexas e extensas como o universo que o envolve. E cada uma dessas estruturas, por sua vez, abriga outras, num jogo de espelhos que nunca cessa. Universos dentro de universos. Infinito acima, infinito abaixo. Como se cada ponto da realidade fosse, ele próprio, um universo em expansão e recolhimento, num labirinto de dimensões que escapa à nossa compreensão.*

Este parágrafo começa por apresentar o infinito em duas direções intuitivas: o “muito grande” (infinito acima) e o “muito pequeno” (infinito abaixo). Mas no balaústre, esta imagem é apenas a porta de entrada para algo mais radical: a ideia de infinito a infinitas dimensões. Aqui, não se trata apenas de um cosmos sem limites para cima e para baixo. O que se propõe é que cada partícula, por mais pequena que seja, contém em si um infinito completo. E dentro desse infinito, cada uma das suas partes é, por sua vez, outro infinito, e assim sucessivamente, sem qualquer limite ou escala.

À primeira vista, isto pode lembrar um fractal, onde uma forma se repete indefinidamente à medida que se amplia ou reduz a escala. No entanto, a diferença é profunda: no fractal, as partes são cópias proporcionais do todo, cada vez menores ou maiores. No conceito aqui expresso, não há maior ou menor, porque, no infinito, todas as magnitudes se equivalem. Cada unidade não é uma versão reduzida do todo, mas o próprio todo, com a mesma plenitude e infinitude.

Esta noção desafia profundamente a nossa intuição e aproxima-se de uma conceção filosófica e quase mística da realidade, ecoando o Princípio da Correspondência hermético: “O que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima”.

## 13

*Esta interpenetração de escalas revela uma ordem que não depende da nossa medida. E talvez seja essa a verdadeira assinatura do divino: uma lógica que transcende o visível, mas que se manifesta tanto na vastidão de uma galáxia como na dança silenciosa de uma partícula. O infinito, afinal, não é uma direção. É uma estrutura. E nessa estrutura pulsa uma inteligência que não se impõe, mas que se revela a quem sabe escutar.*

Este parágrafo apresenta a ideia de que o divino pode ser reconhecido na coerência e harmonia subjacentes às diferentes escalas da realidade, independentemente de serem grandes ou pequenas. O “infinito como estrutura” implica que não é apenas uma questão de distância ou tamanho, mas de organização. A “inteligência que não se impõe” sugere uma presença que não força, mas que está disponível para ser percebida por quem se abra a ela. Para alguns, esse acesso manifesta-se como fé — não no sentido cego, mas como confiança profunda de que existe um sentido para além do visível. Para outros, surge como intuição — uma percepção direta e imediata dessa presença. Também pode revelar-se como



atenção contemplativa — a capacidade de parar, observar e escutar até o sutil se tornar claro. O esforço aqui não é físico, mas sim um exercício de desapego e escuta interior, com vontade e disciplina para silenciar o ruído e humildade para aceitar que nem tudo pode ser controlado ou compreendido. É, no fundo, alinhar-se interiormente de modo a entrar em ressonância com a ordem já existente no universo.

14

*Tal como no pavimento mosaico do templo, onde luz e sombra se entrelaçam, também a realidade profunda se estrutura nessa dualidade. O iniciado não escolhe um lado. Caminha entre eles. Aprende a ver o sentido no meio do conflito. A reconhecer que a sombra revela a forma da luz. Que o caos é o pano de fundo da obra. E que a sabedoria não é eliminar a oscilação. É habitá-la. É vivê-la.*

Aqui uso um símbolo maçónico — o pavimento mosaico — para ilustrar a coexistência de opostos como luz e sombra. Na tradição, o pavimento representa a dualidade inerente à vida. O iniciado, figura do aprendiz consciente no caminho maçónico, não rejeita nenhum dos lados, mas procura o equilíbrio entre ambos. O entendimento é que a sombra é necessária para que a luz tenha forma e que o caos, entendido aqui como repouso absoluto e ausência de energia, é o pano de fundo silencioso que permite à ordem destacar-se. É essa diferença entre estados — e não o caos em si — que cria o contraste onde a ordem se torna visível e significativa. A verdadeira sabedoria consiste em habitar plenamente esse movimento, sem tentar anulá-lo, reconhecendo que a harmonia nasce da alternância e não da eliminação de um dos polos.

15

*E então surge a pergunta maior: o que sustenta esta dança? O que permite que, mesmo com tudo a oscilar, haja continuidade, possibilidade, sentido? Chamamos a isso Deus.*

Este parágrafo introduz diretamente a questão teológica. Depois de descrever a alternância e equilíbrio entre opostos, pergunto qual é o fundamento que permite a continuidade desse movimento. O nome dado a essa base é “Deus”. A palavra “Deus” tem origem no latim *Deus*, derivado do proto-indo-europeu *deiwos*, que significa “ser celeste” ou “luminoso”, relacionado com *dyeu* — “céu” ou “luz do dia”. É um termo que carrega séculos de interpretação cultural, filosófica e religiosa. Aqui, é usado não para definir uma figura antropomórfica, mas para nomear o princípio unificador que está por trás de todas as mudanças e equilíbrios.

16

*Nas palavras de Roger Scruton:*

*“O mistério de Deus é necessário para dar sentido ao mistério do mundo.”*

Esta citação de Roger Scruton resume uma ideia central: o mundo é em si misterioso e, para compreender ou aceitar esse mistério, precisamos reconhecer um mistério maior — o de Deus. Não se trata de resolver o enigma da existência, mas de aceitar que há um fundamento que transcende o que conseguimos compreender. É uma defesa da dimensão espiritual como parte indispensável da interpretação do real.

Roger Scruton (1944–2020) foi um filósofo e escritor inglês, amplamente reconhecido pela defesa de valores conservadores, da estética clássica e da importância da cultura ocidental. Foi um pensador que integrou filosofia, arte, moral e religião nas suas reflexões. A sua frase está aqui porque sublinha que o mistério de Deus é essencial para dar sentido ao mistério do mundo, alinhando-se com a ideia do baluarte de que Deus é o fundamento silencioso que permite que o universo tenha sentido, mesmo quando não é plenamente compreensível.

17

*Talvez seja esse o Deus que, entre nós, os maçons, chamamos G·A·D·U·, o Grande Arquiteto do Universo. Não um Deus externo, sentado no topo de tudo, a observar. Mas um Deus interno ao próprio movimento. Um fundamento silencioso. Uma presença que não se impõe, mas que permite. Não intervém,*

*mas sustenta. Não dita regras, mas torna possível a ordem. Deus não é o que vemos. É o que nos permite ver. Não é uma explicação. É o que dá lugar a todas as explicações.*

Aqui, ligo o conceito apresentado à tradição maçônica, onde Deus é referido como Grande Arquiteto do Universo (G.:A.:D.:U.:). A imagem que passo não é de um Deus externo e controlador, mas de uma presença imanente, silenciosa, que sustenta a existência sem precisar de intervir diretamente. A comparação com “o que nos permite ver” indica que Ele é a condição de possibilidade para tudo o que existe, mais do que um elemento dentro do universo.

A origem da expressão “Grande Arquiteto do Universo” remonta ao Iluminismo e à influência das tradições operativas e especulativas da Maçonaria, onde “arquiteto” simboliza o criador e organizador do cosmos. É um termo inclusivo, que permite que maçons de diferentes tradições religiosas se refiram a uma divindade comum sem impor uma imagem específica. Aqui, este título reforça a visão de Deus como princípio organizador e sustentador, e não como figura externa que intervém diretamente.

18

*Cada um O imagina à sua maneira. Mas mais importante do que a imagem é o eixo interior que essa ideia desperta. Uma reverência, uma escuta, uma orientação. Uma verticalidade.*



Este parágrafo salienta que, embora as representações de Deus possam variar, o essencial é o efeito que a crença ou a concepção de Deus provoca em nós: um alinhamento interior, um sentido de respeito e abertura para ouvir, e um direcionamento para o alto — aqui chamado “verticalidade”, no sentido simbólico de crescimento e elevação.

“Verticalidade” aqui simboliza o alinhamento entre a dimensão espiritual e a dimensão material — aquilo que está “em cima” (o espiritual, o ideal) e aquilo que está “em baixo” (o material, o concreto). Esta é também a essência da chamada “Lei de Hermes Trismegisto” ou “Princípio da Correspondência”: “O que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima, para que se cumpra o milagre de uma só coisa.” Este princípio hermético sugere que o microcosmo e o macrocosmo refletem-se mutuamente, ideia que no balaústre se liga à noção de infinito acima e infinito abaixo. A verticalidade é, assim, a capacidade de viver de forma harmoniosa entre esses dois planos, unindo matéria e espírito.

Esta correspondência não anula a distinção entre os planos espiritual e material. O que o princípio indica é que ambos partilham a mesma ordem subjacente e se influenciam mutuamente. No plano simbólico, a verticalidade pode ser vista como o caminho que une o material ao espiritual, enquanto a correspondência hermética recorda que, embora distintos, os dois planos são reflexos um do outro, expressando a mesma estrutura em escalas diferentes. Assim, elevar-se espiritualmente é também transformar o material, e aperfeiçoar o material é igualmente um gesto espiritual.

19

*Deus está no centro. Se o caos é a queda, e a vida a ascensão, Deus é o ponto de equilíbrio. O lugar sem lugar. A origem sem origem. O centro imóvel que torna possível o movimento.*

Aqui uso imagens de centralidade e imobilidade para transmitir que Deus é o ponto de convergência entre forças opostas. O “lugar sem lugar” e a “origem sem origem” são expressões que sublinham a transcendência — Deus não é um ponto físico no espaço, mas um princípio fora das categorias habituais, que torna possível tanto a ascensão como a queda.

*E é aqui que tudo se junta. A matéria, que tende ao caos. A vida, que o combate. O universo, que os alterna. E Deus, que os reconcilia. Esta é a visão. Esta é a construção. Esta é a cruz. E quem a carrega, não o faz com desespero, mas com lucidez.*

Este parágrafo condensa a síntese central do balaústre. “A matéria, que tende ao caos” refere-se ao princípio físico da entropia: toda a matéria, se deixada a si mesma, degrada-se, perde estrutura e caminha para um estado de desordem máxima. “A vida, que o combate” aponta para a característica singular dos sistemas vivos, que, ao contrário da matéria inerte, utilizam energia para manter a organização, reparar danos e preservar a sua forma. “O universo, que os alterna” traduz a ideia de que, no conjunto cósmico, há regiões e momentos onde predomina o caos e outros onde predomina a ordem, e que esta alternância mantém o equilíbrio global. “E Deus, que os reconcilia” apresenta o elemento unificador: o divino é visto aqui como o princípio que torna possível a coexistência e a integração entre ordem e caos, vida e matéria, sem os anular.

A frase “Esta é a visão” sublinha que esta é a perspetiva que o texto constrói sobre a realidade; “Esta é a construção” indica que essa perspetiva não é apenas uma interpretação teórica, mas também uma forma de edificar sentido e orientar a vida; “Esta é a cruz” faz a ponte com o símbolo central do balaústre, onde a intersecção dos opostos (vertical e horizontal, espiritual e material) é assumida e integrada.

Por fim, “E quem a carrega, não o faz com desespero, mas com lucidez” recorda que enfrentar a vida consciente dessa tensão não deve levar à resignação passiva nem ao pessimismo, mas sim a uma aceitação clara e serena da realidade, que permite agir de forma construtiva no meio da oscilação entre caos e ordem. É aqui que se pode evocar a reflexão de Roger Scruton: “ser livre é ser responsável por algo que não escolhemos”. Carregar a cruz é aceitar a responsabilidade por uma tarefa que nos foi dada pela própria condição de existir, tarefa essa que não escolhemos, mas que se torna o espaço onde exercemos a nossa liberdade. Esta lucidez é, portanto, o contrário da negação ou da fuga: é o reconhecimento do peso inevitável e, ao mesmo tempo, da oportunidade de o transformar em sentido.

## 21

*Porque sabe que o verdadeiro trabalho não é eliminar o caos, nem fixar a ordem. É caminhar entre ambos com sentido. E ao fazê-lo... revelar Deus.*

Aqui destaco que a missão não é suprimir um dos polos (caos ou ordem), mas manter o equilíbrio entre eles. Esse caminhar consciente — com propósito e atenção — é, por si só, a forma de tornar Deus visível no mundo. Não se trata de uma revelação mística repentina, mas de uma manifestação no modo como se vive.

## 22

*Ou talvez não.*

Esta frase curta quebra a certeza anterior e introduz espaço para a dúvida. É um momento de abertura para a reflexão crítica, mostrando que mesmo as convicções mais bem fundamentadas devem admitir a possibilidade de alternativas.

## 23

*Talvez Deus não se revele.*

Esta frase prolonga a dúvida e desafia a expectativa de que Deus necessariamente se manifeste. Convida a refletir sobre a possibilidade de uma presença divina que permanece velada, tal como certos mistérios da iniciação, que se revelam não por imposição, mas pelo amadurecimento interior de quem caminha no seu próprio ritmo.

## 24

*Talvez não se revele porque não precisa. Porque o universo, por si só, já contém tudo: caos, forma, vida, morte, renascimento. Talvez Deus não intervenha... porque não precisa de intervir. Talvez Ele seja o si-*



*lêncio que sustenta, mas que nunca se mostra. E talvez seja por isso que muitos ainda procuram um sinal, quando o sinal é o próprio existir.*

Aqui exploro a hipótese de um Deus cuja função não é intervir ativamente, mas simplesmente dar fundamento à existência. A ideia é que o universo, na sua plenitude e ciclo natural, já é suficiente para cumprir a função do divino. O “sinal” que muitos procuram poderia já estar presente no simples facto de existir algo em vez de nada.

25

*Mas então... se o universo é eterno, se a vida resiste por si, se o caos e a ordem se equilibram — que lugar resta para Deus?*

Esta é uma pergunta provocadora que sintetiza as dúvidas apresentadas. Se todos os elementos do universo funcionam em equilíbrio sem intervenção aparente, qual é então o papel de Deus? A formulação é deliberadamente direta para provocar reflexão.

26

*Não será isto, precisamente, o lugar de Deus?*

Aqui ofereço uma possível resposta à pergunta anterior: talvez o próprio facto de o universo funcionar assim seja a expressão da presença de Deus. Ele estaria presente no equilíbrio e nas leis que regem o todo, mesmo sem intervir.

27

*Que espaço, então, nos resta para o destino?*

*Será o G·A·D·U· o caminho, ou o caminhar?*

Estas perguntas abrem o tema da relação entre a divindade e o destino humano. A primeira questiona se, havendo esta ordem, ainda há margem para um destino individual moldado pela nossa ação. A segunda pergunta joga com duas imagens: Deus como “caminho” (meta ou direção) ou como “caminhar” (o próprio processo da vida).

A diferença entre “caminho” e “caminhar” é central. Ver Deus como “o caminho” significa encarar a divindade como destino ou meta final a alcançar. Já vê-lo como “o caminhar” é entender que a própria experiência de viver em equilíbrio, com consciência e propósito, é a manifestação de Deus. O primeiro implica uma jornada com um ponto final definido; o segundo sugere que o valor está no processo, no viver diário, mais do que na chegada.

28

*E se, afinal, tudo isto for apenas uma questão de acordar?*

Esta última frase é uma provocação filosófica e espiritual. “Acordar” pode significar despertar para uma compreensão mais profunda da realidade, que remete para a possibilidade de que a compreensão de Deus, do universo e do nosso papel neles não dependa de novas provas ou intervenções externas, mas de um despertar interno da consciência. “Acordar” aqui é perceber de forma plena o que já está presente — reconhecer o equilíbrio, a ordem e o caos como parte de um todo sustentado. Este despertar não é apenas intelectual; é experiencial, quase como ver o mundo pela primeira vez com olhos novos, entendendo que a resposta já estava no próprio ato de existir.

É acima de tudo um convite a um estado de consciência mais desperto, deixando o sentido aberto para que cada um o interprete à sua maneira.

*António Martins Ferreira, 18º*

## O Cavaleiro Rosa-Cruz e a superação da dualidade Do Homem Iniciado ao Homem Regenerado

*"...um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite..."*

*Salmos, 19: 1-2)*

*"Já não sou eu quem vive, mas o Cristo vive em mim."*

*(Gálatas, 2:20)*

A tradição Rosa-Cruz surge no início do Séclo XVII com os conhecidos três manifestos, *Fama Fraternitatis* (1614), *Confessio Fraternitatis* (1615) e as *Bodas Químicas de Christian Rosenkreuz* (1616).

Esses textos não fundam uma organização visível, mas propõem um ideal de regeneração espiritual, moral e científica da Humanidade, através do aperfeiçoamento de cada um de nós.

Proponho-me aqui apresentar-vos alguns elementos de reflexão sobre esta parte da caminhada do iniciado que o grau 18 do REAA codifica e aprofunda, a que dei o título **"O Cavaleiro Rosa Cruz e a superação da Dualidade: o Homem Iniciado como Homem Regenerado."**

Ou seja, proponho-vos uma reflexão sobre como, do drama da Cruz, evoluímos até à revelação e renascimento, de como de canteiros do Templo de Salomão o Cavaleiro Rosa Cruz se constrói pela Verdade e pela Luz, em seu próprio sacerdote, numa serena caminhada do transepto da dualidade à Unidade do Santo-dos-Santos.

O mundo profano está marcado por dualidades: luz e trevas, espírito e matéria, bem e mal, céu e terra. Estas polaridades são necessárias à compreensão da realidade, mas tornam-se prisões quando encaradas como estanques ou absolutas.

Na linguagem esotérica, a dualidade é o véu da ilusão (maya). O ser humano, enquanto não regenerado, vive nesse plano de separação — separado de si mesmo, dos outros e da Fonte.

É o homem caído, fragmentado, confuso entre o eu superficial e o Eu Essencial.

No Grau 18, o símbolo da cruz é central, não apenas como instrumento de sofrimento, mas como chave alquímica. O braço horizontal representa o mundo da dualidade — o tempo, o espaço, a matéria, o conflito.

O eixo vertical, por sua vez, remete-nos para o Espírito, o que liga o Alto e o Baixo, o eterno ao transitório.

Quando a rosa floresce no centro da cruz, nasce o homem regenerado: não mais dividido, mas reunificado no Amor.

Assim, o Cavaleiro Rosa-Cruz é aquele que cruza o deserto da separação e encontra, no centro do seu próprio ser, o sagrado reconciliado.

O caminho Rosa-Cruz é travessia iniciática que leva da morte à ressurreição simbólica.

No rito do Grau 18, descemos ao túmulo com o Cristo e, em espírito, ressuscitamos com Ele. Mas esta ressurreição não é teológica — é vivencial e espiritual.

O homem iniciado torna-se naquele que vê a Unidade por trás das aparências; que não rejeita a matéria, mas a espiritualiza; naquele que transcende o bem e os males dogmáticos e passa a viver segundo a Luz do Amor da Consciência.

A regeneração, portanto, não é milagre, é trabalho. Trabalho silencioso, contínuo, interior.

O verdadeiro iniciado, ao superar a dualidade, torna-se ele próprio Templo Vivo.

A sua existência torna-se uma liturgia discreta. Age no mundo, mas não é mais do mundo. Liberta-se do ego inferior sem negá-lo — mas integra-o ao serviço da Luz. Não combate as trevas com trevas, mas com presença.

Não evangeliza, irradia.

No simbolismo Rosa-Cruz, o Iniciado é como o Cristo interior, renascido após o túmulo, portador do Verbo silencioso, da paz sem palavras.

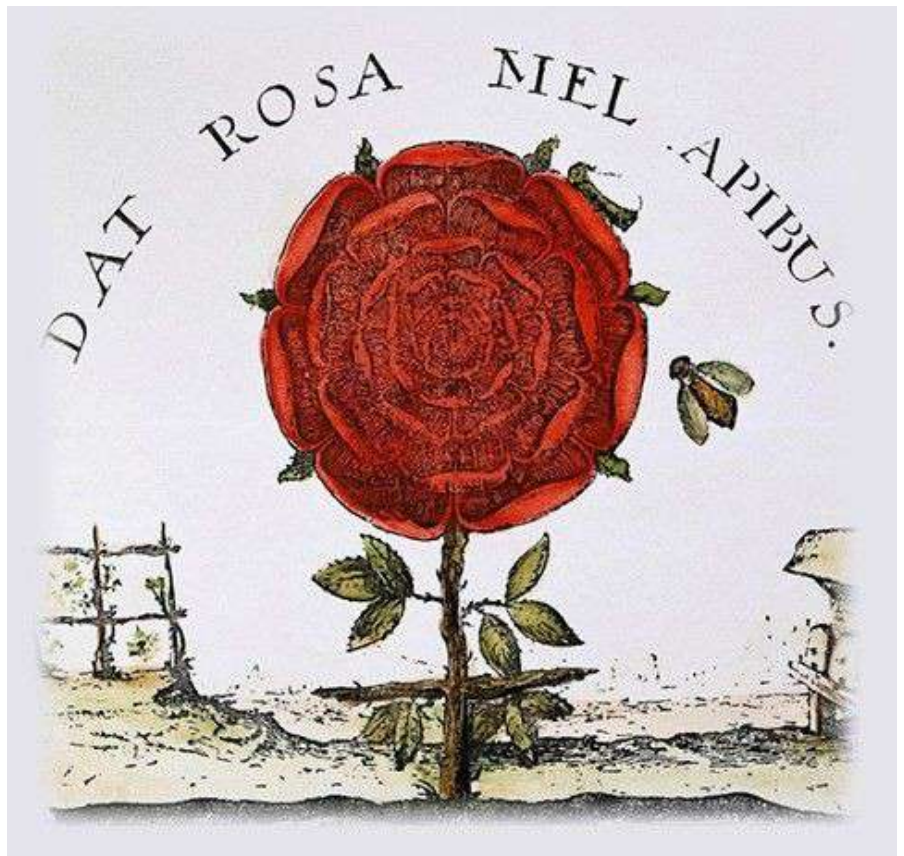
No mundo moderno, onde as polaridades estão cada vez mais agudas — entre ideologias, religiões, culturas e indivíduos — o Rosa-Cruz é assim chamado a ser **ponte, não muro**.

Não polariza, mas toma o caminho da síntese superior. Não divide, reconcilia, não impõe, inspira pelo exemplo sereno da sua Luz interior

Ser Rosa-Cruz hoje é transcender a multiplicidade e chegar à Unidade.

A cruz já não nos fere, eleva-nos. A rosa desabrochou e floresce em nós. O véu rasgou-se, a separação caiu, o tempo abriu-se para o eterno. O homem velho jaz. O homem novo caminha entre nós, não como santo, mas como iniciado, regenerado pela Luz que um dia o despertou vinda do centro da Cruz.

Que nos tornemos homens do Espírito, sem negar a terra. E que, através das nossas obras silenciosas, o mundo possa reencontrar a Unidade que esquecemos — mas que nunca deixámos de ser.



*António G Inocência Pereira, 18º*



## O Julgamento interior

Apresento-me hoje diante de vós com humildade e plena consciência da densidade simbólica e espiritual exigidas pelo momento em que o caminho iniciático atinge o seu ponto de inflexão: aquele em que a ascensão exterior dá lugar à descida interior, e em que o Iniciado, ao alcançar o Pórtico do Julgamento, se descobre a si próprio como juiz e réu da sua própria consciência.

O tribunal que aqui se ergue não é o da sociedade, nem o da Ordem, mas o da alma – esse espaço silencioso onde se decide o destino moral de cada Ser. A Justiça que este grau propõe não é a da lei positiva, mas a da harmonia interior; não é a do poder, mas a do discernimento; não é a que pune, mas a que compreende.

Ser Juiz, neste contexto, não é receber um título de honra, mas aceitar um encargo de alma. A espada que nos é confiada não serve para castigar, mas para discernir; a balança que empunhamos não pesa culpas, mas busca o equilíbrio entre verdades. O Julgador do Espírito aprende que julgar não é condenar, mas compreender – e que a compreensão, quando pura, é a mais alta forma de Justiça. Ser justo é ver para além da aparência, é separar o erro do Homem, é amar a Justiça mais do que se odeia o erro.

A imparcialidade, neste grau, deixa de ser uma teoria moral e converte-se numa exigência espiritual. Ser imparcial não é ser neutro, nem esconder-se na indiferença; é possuir a coragem de se confrontar com a própria sombra, para que, ao julgar o outro, não se projete sobre ele aquilo que não se quis enfrentar em si. O Julgador iniciado sabe que a primeira sentença que deve proferir é a que dirige a si próprio.

Como advertia Molière, *“devemos olhar demoradamente para nós próprios antes de pensarmos em julgar os outros”*. Esta máxima, que na ética profana é prudência, na via iniciática é mandamento. Porque quem não se conhece julga com os olhos da ignorância; quem não reconhece a sua própria fragilidade julga com a ilusão da superioridade.

E, aprofundando esta lição, La Rochefoucauld recorda-nos que *“não devemos julgar os méritos de um homem pelas suas boas qualidades, e sim pelo uso que delas faz”*. Aqui, a reflexão desloca-se do ser ao

agir: a virtude não reside na posse das qualidades, mas na forma como estas se concretizam em obras. O verdadeiro mérito não é um estado, mas um movimento. O Juiz Comendador, neste sentido, não avalia a luz pela sua intensidade, mas pela direção em que ela incide. A justiça interior mede o uso ético das virtudes, não o seu mero ornamento.

Julgar, portanto, é reconhecer o poder transformador da ação; é pesar não apenas as intenções, mas também as consequências. E porque a ação humana é um processo, o juízo não pode ser apressado. Assim nos adverte o Padre António Vieira: *“Antes de ver o fim não se pode fazer juízo”*. Esta sentença, de limpidez teológica e lucidez filosófica, introduz o elemento essencial do tempo na equação da Justiça. O juízo precipitado é sempre injusto, porque se pronuncia antes de conhecer o desfecho. A prudência – a *phronesis* dos antigos – é a virtude de quem sabe esperar o tempo da revelação dos efeitos. O Juiz Comendador, como o sementeiro paciente, sabe que a colheita da verdade exige maturação, e que a pressa é uma forma de cegueira.

No mesmo sentido, o *Livro do Eclesiástico* (11,7) ensina: *“Não reprovos antes de teres examinado; indaga primeiro, depois julga”*. É a voz da sabedoria antiga que se ergue para lembrar que não há justiça sem investigação, nem julgamento sem exame. Indagar é um ato sagrado: é abrir espaço à dúvida, é exercitar o discernimento, é purificar o olhar antes de decidir. O verdadeiro juiz não é o que fala de-



pressa, mas o que escuta demoradamente. A justiça que julga sem indagar é apenas poder mascarado; a justiça que indaga antes de julgar é consciência iluminada.

A espada e a balança, símbolos centrais deste grau, adquirem aqui o seu pleno sentido. A espada representa o verbo que corta, separando o falso do verdadeiro; a balança, a razão que pondera, buscando a harmonia entre a lei e a compaixão. A mão que empunha a espada deve ser firme, mas o coração que a orienta deve ser compassivo. A verdadeira Justiça nasce do equilíbrio entre a força e a ternura, entre a lucidez e a misericórdia. O poder que este grau confere não é um privilégio, mas uma prova: porque cada sentença pronunciada ressoa no tribunal invisível da própria alma.

Julgar, portanto, é também julgar-se. O Julgador que habita em nós é o espelho da nossa consciência; o

Inquisidor, o guardião da verdade interior. O verdadeiro Inspetor Inquisidor não teme a dúvida, porque sabe que a dúvida é o caminho da luz. A Verdade não necessita de pressa, e a Justiça não se constrói sobre certezas fáceis, mas sobre a humildade de quem prefere ser justo a ter razão.

É neste horizonte que se revela o sentido mais profundo deste grau. O Julgamento não constitui apenas um ato jurídico ou simbólico; é um processo de unificação interior. E aqui se encontram, como vértices de um mesmo triângulo espiritual, as vozes de La Rochefoucauld, de Vieira e do Eclesiástico: o primeiro ensina o uso das virtudes; o segundo, a paciência do tempo; o terceiro, o rigor da indagação.

Unidas, essas três doutrinas compõem o triângulo iniciático da Justiça interior: agir bem, esperar o tempo e julgar com discernimento. Estas são as três colunas invisíveis do Julgador Comendador, sustentadas por duas forças universais – a *phronesis* e a *synderesis*.

A *phronesis*, a prudência aristotélica, é a inteligência prática que orienta a ação no tempo. Ensina o Juiz a discernir o justo nas circunstâncias variáveis, a aplicar a lei com sensibilidade e a reconhecer o bem possível dentro do real. A *synderesis*, por sua vez, é a centelha divina da consciência moral, a voz interior que reconhece intuitivamente o bem e o deseja. Uma ilumina o caminho exterior da ação; a outra, o lume interior da intenção. Quando ambas se harmonizam, a Justiça deixa de ser mera função racional e torna-se inteligência da alma – uma sabedoria viva, em que o julgar é já um modo de amar.

O verdadeiro Juiz Comendador é, assim, aquele que alia o rigor da razão à pureza da consciência. Sabe que julgar não é dominar, mas servir; que aplicar a lei não é impor, mas harmonizar; que a sentença não é um fim, mas um princípio de reconciliação. Julgar, em última instância, é iluminar.

A Justiça deste grau é a síntese da Verdade e da Compaixão. É a arte de pesar o Mundo com serenidade e de cortar o erro sem ferir o Homem. É o exercício supremo da consciência, onde o julgamento se converte em luz e a autoridade em exemplo.



Por isso, quando o Juiz Comendador levanta a espada, fá-lo não em nome do poder, mas da Verdade; e quando sustém a balança, fá-lo não por vaidade, mas por Amor. Que a espada que empunhamos nunca seja movida pelo ódio ou pela pressa; que a balança nunca se incline senão ao peso da Verdade; e que o Julgador que habita em nós se levante, não para condenar – mas para iluminar o caminho de quem errou.

Eis o desígnio último deste grau: que a Justiça se torne consciência, que a Verdade se torne luz e que o Julgamento se torne Amor.

*Pedro Correia Gonçalves, 31º*





## Da Tolerância...

A palavra tolerância, deriva etimologicamente do latim *tolerantia*, representando o “carácter ou atitude de quem aceita ou admite aquilo que é diferente” e “a capacidade ou qualidade de admitir e respeitar as ideias, os comportamentos com que não se concorda ” [1].

Mas, mais do que tentar definir o que é a tolerância, é fundamental analisar a evolução do seu significado e a forma como foi aplicada e considerada ao longo do tempo.

Historicamente, a tolerância ou a falta dela, tem sido associada a questões do foro religioso, às insanáveis diferenças de crenças que sempre caracterizaram a humanidade.

No século XVII, marcado por conflitos religiosos, políticos e sociais, John Locke fundamentou o conceito de tolerância, assente nos direitos fundamentais ou naturais do Homem.

No livro “Carta sobre a Tolerância”, Locke expressa uma crítica forte à forma como a liberdade individual é encarada por algumas religiões:

“A tolerância a respeito dos que têm opiniões religiosas diferentes é tão conforme com o Evangelho e com a razão que parece monstruoso haver homens afetados de cegueira numa tão clara luz.” [2]

Mas mesmo Locke, apesar de defender os valores da liberdade individual e da tolerância, mostrava-se intolerante para quem não fosse crente, “os que negam a existência de uma divindade não devem, de maneira alguma, tolerar-se”. [2]

Mais tarde, na segunda metade do século XVIII, Voltaire abordou o tema da intolerância religiosa, com base nos trágicos acontecimentos ocorridos em Toulouse e que atingiram a família Calas, perseguida pelas autoridades locais.

Partindo destes acontecimentos, o livro “Tratado sobre a Tolerância” aborda não só a promiscuidade entre o poder judicial e o poder religioso, como também a evolução do conceito de tolerância ao longo dos séculos.

De acordo com Voltaire, “se considerarmos as guerras religiosas, (...) os ódios irreconciliáveis, ateados pelas diferentes opiniões, se virmos todos os males que produziu o falso zelo, os homens já passaram longamente pelo inferno nesta vida” [3].

Mas faz sentido continuarmos hoje a falar de tolerância numa sociedade dita desenvolvida? Sim, faz sentido quando nos deparamos diariamente com a intolerância religiosa, a intolerância à diferença, seja de género ou raça.

Apesar dos avanços civilizacionais, a tolerância ou a falta dela, continua assim a ser uma matéria importante nos dias de hoje.

A (in)tolerância tem estado na ordem do dia, com as atrocidades cometidas na Líbia, na Nigéria e no Sudão. Mas não é só a intolerância religiosa que preocupa, atualmente assistimos ao crescimento de formas de intolerância ideológica de que é exemplo o movimento *woke*, onde posições supostamente orientadas para a justiça social têm degenerado em puritanismo moral, cancelamento público e hostilidade para com quem pensa de maneira diferente.



Coloca-se assim a questão se deveremos ser tolerantes com quem não é tolerante com os princípios civilizacionais em que assenta a sociedade ocidental.

Para Voltaire, é “necessário que os homens comecem por não ser fanáticos para merecerem a tolerância” [3].

A tolerância é assim a capacidade de aceitar quem tem posições, valores ou crenças diferentes das nossas ou das que são consideradas como norma na sociedade em que vivemos.

No entanto, a tolerância não deve ser confundida com a aceitação de posições que colocam em causa os princípios basilares da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Sermos tolerantes não significa tolerar os intolerantes e permitir que os fundamentalismos proliferem e se expandam.

Este tema é assim cada vez mais atual, num mundo em que as clivagens sociais, económicas e religiosas se acentuam e em que é difícil definir uma fronteira clara onde começa e onde acaba a tolerância.

## Bibliografia

- [1] – Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2 volumes. Lisboa: Editorial Verbo. 2001
- [2] – Locke, J., *Carta sobre a Tolerância*. Lisboa: Edições 70. 2014
- [3] – Voltaire, *Tratado sobre a tolerância*. 2ª Edição. Lisboa: Antígona. 2011

João Gil Lourenço, 18º



## Simbolismo do Grau de *Grande Juiz Comendador ou Inspector Inquisidor Comendador* (31º)

O tema da *Justiça*, ao ser abordado, recorrentemente, nos Rituais dos diferentes graus maçónicos do R.: E.:A.:A.:, é bem revelador da sua importância na formação do carácter de qualquer *iniciado*.

A *Justiça* faz parte das quatro virtudes cardeais <sup>1</sup>, em conjunto com a *Prudência* (L: *prudentia*; Gr: *fronesis*), que significa a sabedoria prática; a *Temperança* (L: *temperantia*; Gr: *sofrosone*), que significa o autocontrolo, ou a moderação; e a *Fortaleza* (L: *fortitude*; Gr: *andraia*), que é sinónimo de coragem. A *Justiça* (L: *iustitia*; Gr: *dikaiosune*) significa um sentido de consciência moral elevado, englobando as outras virtudes anteriores.

Na verdade, quem aplica a *Justiça*, deve estar investido de sabedoria; ser moderado nas suas apreciações; ser corajoso; não estar comprometido com o ter de agradar a terceiros, nem ligado a quaisquer preconceitos; ser equitativo e focado unicamente nos factos em apreço e ser somente guiado pelo compasso da sua consciência.

A *Justiça*, desde os tempos mais remotos, foi representada por uma *dama* de olhos vendados, quer na tradição grega, ligada a deusa *Témis*, quer na tradição romana, ligada à deusa *Iustitia*. A venda nos olhos da deusa simboliza não só a imparcialidade com que os casos devem ser analisados, mas, também, o facto de que todas as pessoas são ou devem ser iguais perante a Lei.

Infelizmente, não é isso que se verifica em muitos países, entre os quais, o nosso. Não é tanto o som do vil metal, mas o *poder* que emana da rede de influências, que continua a minar a capacidade de se aplicar correctamente a Lei, reflectida nas resoluções dos Tribunais, já para não mencionar a multiplicidade de subterfúgios utilizados, até pelos próprios agentes de Justiça, de modo a conduzir à prescrição dos processos, a fim de evitar o “*embaraço*” de se ter que castigar, justificadamente, alguém poderoso.

Mas o papel da *Justiça* não pode ficar refém de, unicamente, proceder à aplicação de penas. Quem ajuíza,

terá que ser forte e, simultaneamente, mostrar a devida compreensão para com os desvalidos da sorte, ou das classes menos favorecidas, a fim de poder aliviar o seu infortúnio, muitas vezes imerecido. Ou seja, quem ajuíza, a par das muitas qualidades que deverá possuir, terá que também ser, o que alguns autores costumam designar por *filantropo esclarecido*<sup>2</sup>.

Se passarmos do plano doméstico para o internacional, o panorama não é lisonjeiro, apesar dos esforços efectuados. Veja-se o que se passa na parte oriental da Europa e no Médio Oriente. Será que, alguma vez, se conseguirá levar à Justiça e condenar os responsáveis morais e os autores efectivos, pela barbárie cometida para com as gentes dessas regiões? E aqui não importa se são brancos, amarelos ou castanhos. Se são desta ou de qualquer outra confissão religiosa. Não se inventem desculpas para tentar esconder ambições desmedidas e egoísmos recorrentes, os quais, no plano religioso, não são mais do que verdadeiras heresias...

Em boa verdade, e actualmente, qualquer pessoa minimamente esclarecida é incapaz de *comprar* a ideia *altruísta* de se tratar de “*cruzadas em nome... da defesa*”, porquanto, essas, e tanto quanto se sabe, já deixaram de existir há muito, e ainda que, teoricamente, se encontrassem revestidas das melhores intenções, e os seus combatentes demonstrassem a maior bravura, o pano do altruísmo mostrou-se bastante curto para o fim desejado.

Cabe, então, perguntar que meios possuem os povos para poderem arbitrar e impedir a continuação de conflitos deste jaez? – Bem podem clamar que existem leis. E, na verdade, até existem, mas...

Assim sendo, o que se pode e deve então fazer, para tornar essas leis efectivas, ou aplicáveis, no terreno?

Infelizmente, e como é do conhecimento, depende de quem se trate e dos interesses que se encontram em jogo. Veja-se o que aconteceu com os Templários e os argumentos que foram inventados para distorcer a realidade. É que, e não nos podemos esquecer, há muita gente a ganhar com as guerras. Veja-se o caso dos grandes bancos internacionais e a plêiade de indústrias que sustentam os conflitos armados... – verdadeiros impérios que se sobrepõem a qualquer Estado de direito e aos governos democraticamente referendados.

Como o ensaísta britânico George Orwell (1903-1950) afirmara no seu livro, “*A Quinta dos Animais, ou o Triunfo dos Porcos*”<sup>3</sup>, onde os porcos tomaram a liderança, – *...todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros*. Esta frase alegórica, denota a corrupção que grassa no poder e a iniquidade existente, mesmo no seio de sociedades que se propõem a arautos da igualdade e da defesa de princípios.

Pela experiência havida, é-nos dado constatar que, em muitas situações, nada mais nos resta do que fazer o registo da sensação de frustração com que se fica.

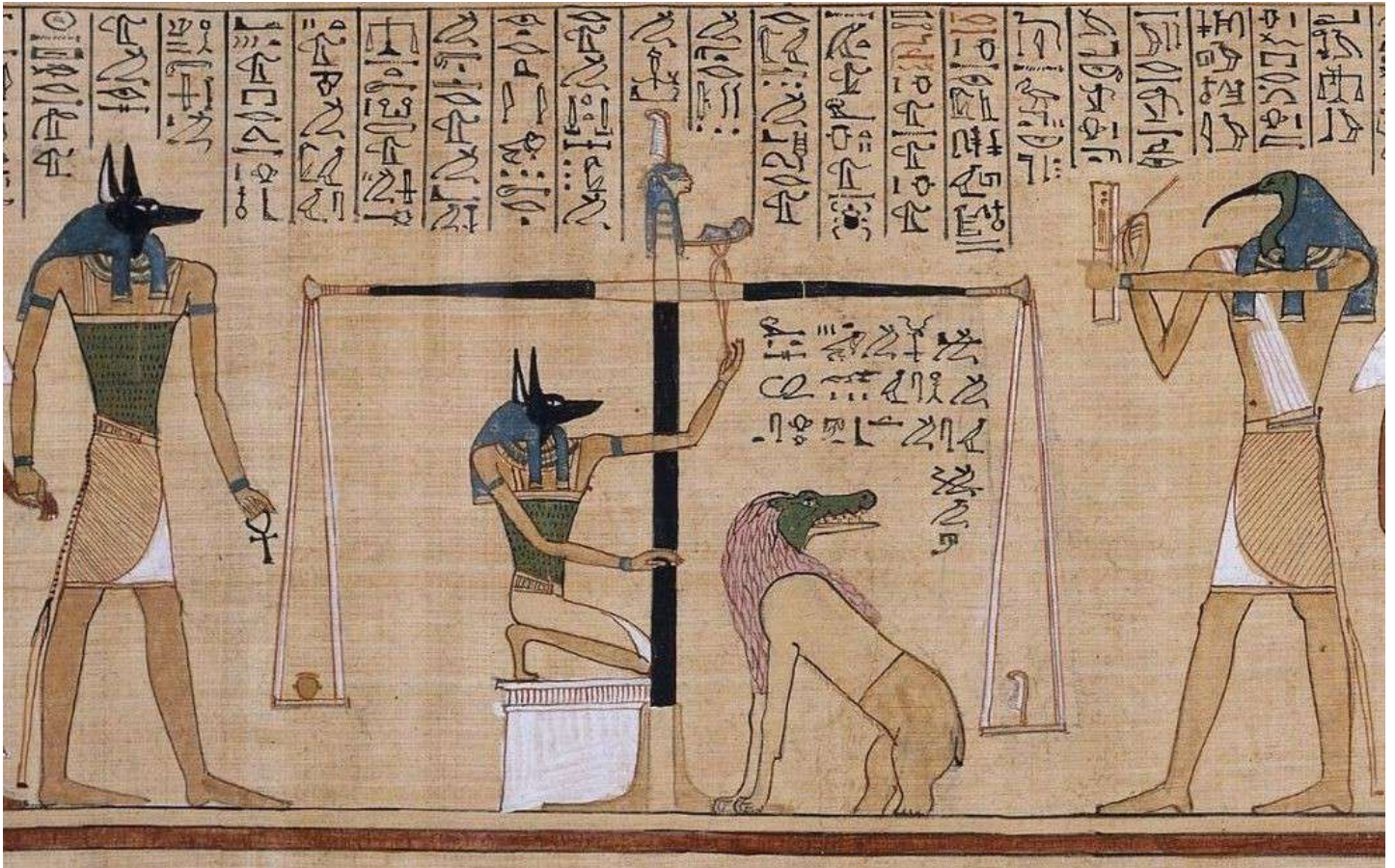
Daí que, grande parte dos povos pense na vida *pós-morte*, como meio de reparar as iniquidades da vida presente. Não deixa de ser interessante, que este desejo de reparação dos males terrenos, em uma Vida Futura, esteja presente, mesmo em praticantes de religiões indiferentes à existência de vida para além da morte<sup>4</sup>. Todos eles esperam, sobretudo quem se sente injustiçado, quem tenha cometido ofensas, independentemente do seu tipo e gravidade, e que não tenha levado o merecido castigo, mesmo tendo em conta as Leis do País em que se encontra, seja presente a um **Tribunal Celeste**, na “*Eternidade*”, a fim de poder sofrer uma pena, que se pensa ser mais adequada.

Esta concepção do último julgamento, que vários autores atribuem aos persas, passou aos cristãos e aos muçulmanos, muito possivelmente, através da tradição helénica, onde era apresentado o julgamento das almas após a morte.

Na sequência do que atrás foi descrito, no painel do grau, situado à direita do trono, é representado o julgamento feito por *Osíris*, segundo o que vem mencionado no *Livro dos Mortos*, considerado o texto funerário mais popular do Antigo Egipto<sup>5</sup>. A sua história remonta aos faraós da XIII dinastia que, ao retornarem a Tebas, e tendo perdido o acesso aos textos funerários produzidos em Mênfis e Heliópo-

lis, conhecidos por *Textos das Pirâmides*, foram forçados a adotar uma nova tradição existente no Alto Egito – os *Textos dos Sarcófagos/Caixões*. Tal como o nome indica, os textos encontravam-se inscritos na superfície interna dos sarcófagos.

Quando os caixões retangulares de madeira mudaram a sua forma, para seguir os contornos do



corpo mumificado, os textos passaram a ser escritos em papiros, que eram enrolados e inseridos no caixão com o corpo <sup>6</sup>.

No período romano (*séc. II a. C.*), os *Textos* seriam substituídos pelo *Livro das Respirações* ou *Livro para percorrer a Eternidade* <sup>7</sup>.

Deve-se a Jean François Champollion, em 1827, o início das pesquisas sobre o *Livro dos Mortos*, efectuadas a partir de alguns exemplares reproduzidos na *Description de L' Egypt*, cujo título era o *Livro das Manifestações à Luz* <sup>8</sup>. No entanto, a designação de *Livro dos Mortos*, seria dada pelo alemão Richard Lepsius, em 1842, a um conjunto de papiros escritos em hieróglifos cursivos, ou escrita hierática, destinados, inicialmente, aos funerais das famílias reais. A partir do reinado de Amenhotep III, seriam estendidos a outros elementos da corte. Posteriormente, já nos reinados de Hatshepsut e Tutmés III, começou a vulgarizar-se a sua colocação junto ao corpo de outras pessoas que não pertenciam ao círculo da realeza <sup>9</sup>.

O *Livro*, que é uma espécie de itinerário para os mortos, no dizer de Keidi Costa Matias <sup>10</sup>, *...a par dos demais escritos funerários do Antigo Egito, carrega em si uma principal característica subjacente – a tentativa de assegurar a eternidade.*

A questão da existência de uma *alma imortal* e as consequências das acções terrenas, transpostas para uma vida póstuma onde só os *justos* poderiam desfrutar de uma existência eterna, para além de constituir um marco indelével na história do próprio ser humano, representa um desafio para todos e um refrigério para os desapaosados da sorte e os injustiçados.

Rizzardo da Camino <sup>11</sup> descreve que o morto era levado ao *mundo subterrâneo*, pela barca solar, à sala de *Osíris*, onde tinha que fazer o relato da sua vida. Após este, o seu coração era colocado num dos pratos da balança existente na sala, estando no outro colocada uma pena de avestruz, o símbolo



da deusa *Maat*, a deusa da *Verdade*. Na decorrência deste processo, Hórus e Anúbis verificavam cada um dos pratos da balança, e *Thot*, deus dos escribas, anotava o peso do coração, representante da *alma*. Conforme o resultado, *Osíris* pronunciava a sentença – ou de absolvição ou de condenação. *Isis* e a sua irmã *Neftis* mantinham-se por trás de *Osíris*. Se houvesse absolvição, a alma do morto era assimilada a *Osíris*. Se fosse condenada, a alma seria devorada por *Ammit*<sup>12</sup>, o monstro devorador que se encontrava em frente do tribunal.

Na figura da deusa da Justiça, representada neste grau, a *Espada*, que simboliza o exercício do poder de decisão e o rigor da sentença, é segurada pela sua mão direita e encontra-se apoiada no chão. Segundo o *Dicionário de Símbolos*, caso a mesma se encontrasse em riste, simbolizaria a imposição da Justiça pela força. Tendo em conta as virtudes cardeais, a *Espada* é o paradigma da *Fortaleza* ou *Coragem*.

Na mão esquerda, a deusa sustenta uma Balança nivelada, que representa o equilíbrio entre correntes antagónicas, a ponderação e a imparcialidade no exercício da Justiça. Ela é também símbolo da Temperança e da Prudência.

Outro dos símbolos – a *Corda* – representa a aplicação da pena, o castigo pelo acto cometido. Daí estar associada à própria virtude da Justiça. Rizzardo da Camino associa este símbolo à Jurisprudência.

A Mesa, onde assentam a Espada a Balança e a Corda, indicia que o conjunto formado por estes elementos deve estar simbolicamente presente no pensamento, quando se efectua um julgamento ou uma apreciação, bem como quando se toma uma decisão.

A narrativa desenvolvida neste grau, encontra-se focada no modo como, através da Justiça, se sancionam os casos em que a lei não é cumprida, ou quando existe uma omissão ou deturpação dos factos. Na sua apreciação encontram-se os Juízes Comendadores que, por serem justos, honestos e imparciais, são designados por Equitativos Irmãos e equiparados aos pratos nivelados da balança detida pela deusa *Iustitia*<sup>13</sup>.

Independentemente da controvérsia que certas narrativas, descritas no Ritual, possam gerar, e fazendo fé no que se encontra relatado quanto aos Templários, certo é que houve um esbulho perpetrado por *Filipe IV*, rei de França, contra eles, com a inicial aquiescência papal e o aconselhamento do jurisconsulto, *Guilherme de Nogaret*, a fim poder cobrir as dívidas resultantes dos múltiplos conflitos em que tomara parte.

Sentindo-se impotentes para conseguir que fosse reposta a veracidade dos factos, através de uma audição ou de um julgamento numa instância completamente imparcial, os Templários recorreram à Justiça da Santa Veheme.

Esta sociedade secreta, que iniciou a sua actividade na Westphalia, presumivelmente no séc. XIII, anos depois da Inquisição ter começado em França, veio a espalhar-se por todo o Sacro-Império Romano-Germânico<sup>14</sup>. De inspiração cristã, segundo afirmava, a *Veheme* rapidamente se esqueceu da mensagem de Jesus, acabando por vir a pôr em prática os métodos dos Seus torcionários.

No entanto, graças à objectividade e equidade com que inicialmente foram redigidos os seus acórdãos, focados em acabar com a ocorrência dos mais variados desmandos, a *Veheme* começou a ganhar fama, a qual viria a alcançar um patamar mais elevado, quando passou a defender a Igreja Católica contra os ataques de que era alvo – quer de âmbito profano, quer doutrinário –, alterando então, a sua designação, para *Santa Veheme*<sup>15</sup>.

Pela sua incontestada eficiência e crueldade, o *Tribunal da Santa Veheme* era temido por todos – desde os mais altos dignitários da corte, passando pelas autoridades eclesiásticas e demais personalidades, até ao povo anónimo. Quando qualquer pessoa era intimada a comparecer no *Tribunal*, independentemente do seu estatuto ou posição social, tinha que o fazer, a fim de justificar os seus actos<sup>16</sup>. No caso de não se apresentar, poderia vir a ser encontrada “misteriosamente” morta.

Os considerados culpados, pelos franco-juízes ou juízes livres do tribunal vehémico, sofriam penas





Tribunal da Santa Veheme



semelhantes às da Inquisição. E, como tal, a mais grave, era a morte na fogueira, após prévia tortura.

A Igreja, constatando que os juízes se excediam no seu poder, ao praticarem actos bem mais condenáveis que os dos pretensos acusados, a par de utilizarem o Tribunal para a satisfação dos seus interesses privados, passou a combater tais procedimentos, tendo contado, para esse efeito, com a ajuda dos Imperadores Maximiliano e Carlos V (*séc. XVI*). Ainda que não tivesse sido completamente abolida, a Santa Veheme viu o seu poder muito diminuído <sup>17</sup>. Ir-se-ia manter até 1811, ano em que as tropas napoleónicas, ao invadirem a Alemanha, acabariam por encerrar definitivamente a sua actividade.

Aqui chegados, devemos perguntar que ensinamentos se podem retirar deste grau, ou qual deve ser a postura de um Grande Juiz Comendador ou Inspector Inquisidor Comendador?

Em primeiro lugar, que a sua conduta, nesta passagem terrena, deva ser pautada:

- Pela máxima correcção e respeito para com o seu semelhante;
- Pela equidade, isenção e contenção nas palavras e nos gestos, quando fizer uma avaliação ou apreciação;
- Pela tolerância e compreensão, mas sem paternalismo, e sem deixar de chamar a devida atenção para com as omissões e erros cometidos. Ou seja, se, por um lado, deve procurar entender o que esteve na subjacência de um dado acto, ou comportamento incorrecto, por outro, não o deve branquear.

Em segundo lugar, se a *Veheme*, ainda que no seu início, possa ter sido um tribunal independente, era uma instância secreta, coisa que a Justiça não deve ser, nem enveredar pelo trilho da *vendetta* ou do *justicialismo*. Um mal não pode ser justificado com outro mal. A tese do *olho por olho e dente por dente* é do passado, não tem palco no presente.

Quando se avalia ou se julga alguém e, sobretudo, quando decorrente dessa acção, possa pender alguma sanção, independentemente do tipo, a pessoa deve ser confrontada com o seu erro, a fim de que entenda o mal que fez e o possa vir a corrigir. É importante esta acção pedagógica, que deve ser estendida à restante Sociedade.

Daí decorre a importância de os julgamentos serem públicos e não efectuados de uma forma esconsa, até porque o modo como decorre, bem como o acórdão final, a par da sua parte técnica, tem uma parte moral que deve ser apreendida pela Sociedade.

Em terceiro lugar, os órgãos que aplicam a Justiça devem fazê-lo segundo o estabelecido pela Lei e nunca segundo um determinado pensamento ou voluntarismo do momento. Se a lei estiver mal ou desadequada, então que seja corrigida – mas que não seja só para uma dada ocasião ou para um dado caso e, muito menos, com o fim de contentar terceiros. A Lei, quando aplicada, deve acautelar mais o lado dos desapossados da sorte do que o dos prepotentes, que tudo podem e fazem. Quem clama por justiça nunca poderá ter a percepção de que a Lei está do lado dos criminosos ou da força.

Por isso é que os julgamentos são feitos por Juízes e não por máquinas, porque estas, por enquanto, ainda não sabem como sopesar uma sentença, nem como atender à multiplicidade de valores e de vectores em equação.

Em quarto lugar, as Leis do Homem não são sagradas. São somente linhas gerais de conduta moral, amadurecidas pelo tempo e bordadas pela imperfeição humana.

Deste modo, quando se julga ou avalia, deve-se ouvir o que diz a Razão, a fim de que, quando chegar a vez de se ser também julgado, o peso da alma não ultrapasse o peso da *pena de Maat*.



## Notas:

1. Cardeais deriva de cardo que significa articulação, charneira ou dobradiça.
2. Ritual do Grau 31. Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33º e último grau do R.:E.:A.:A.:.
3. Orwell, George, *A Quinta dos Animais. O Triunfo dos Porcos*, Lisboa: Guerra & Paz, 2025. Trata-se de um romance escrito em estilo satírico, cuja 1ª edição no R.U. data de Agosto de 1945. A sátira feita refere-se à União Soviética estalinista, a qual, na opinião do autor, teria defraudado os princípios da Revolução Russa de 1917.
4. Ainda que o Vigésimo Landmark exija do Maçom a crença em uma Vida Futura, dá-lhe, no entanto, plena liberdade para que ele possa descobrir o caminho para a atingir.
5. Berget, Paul (1967): *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens. Introduction, traduction et commentaire. Paris: Éditions du Cerf, 1967.*
6. Child, Lincoln & Preston, Douglas, *O Livro dos Mortos*, Arcádia, 2010.
7. Faulkner, Raymond Oliver, *The Egyptian Book of the Dead: The Book of Going Forth by Day. Being the Papyrus of Ani*, San Francisco: Chronicle Books, 1994.
8. Champollion, Jean-François, *Notice Descriptive des Monuments Égyptiens du Musée Charles X. Paris: Imprimerie de Crapelet, 1827.*
9. Berget, Paul, *Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens. Introduction, traduction et commentaire, Paris: Éditions du Cerf, 1967.*
10. Costa Matias, Keidy Narely, *Cartografias do Além. O Mundo dos Vivos e o Universo dos Mortos no Antigo Egito*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rio Grande do Norte. Brasil, 2016.
11. Da Camino, Rizzardo, (1999): *Rito Escocês Antigo e Aceito. Loja de Perfeição. Graus 1º ao 33º*, 2ª Ed., S. Paulo, Brasil: Madras ed.
12. Wallis Budge, E. A., *The Egyptian Book of the Dead. The Complete Papyrus of Ani. Clydesdale*, 2021.
13. Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, *Ritual do Grau 31 – Grande Juiz Comendador ou Grande Inspector Inquisidor Comendador*, 2017.
14. Keightley, Thomas, (1848): “Secret Tribunals of Westphalia” in *Secret Societies of the Middle Ages, Chp. I*, New Edition, London : .C. Cox ed., 1848, pp: 309-323
15. *Id.*, pp: 332-345.
16. *Id.*, Chpt II. pp: 346-370.
17. *Id.*, Chpt VII. pp: 398-408.

Joaquim (Silveira) Sérgio, 33º







## As Três Luzes do Estoicismo

*Memento Mori*

*Premeditatio Malorum*

*Amor Fati*

Joseph De Maistre, um dos maçons mais notáveis, que viveu entre o final do séc. XVIII e o início do séc. XIX, afirmava: “Tudo revela que a Maçonaria vulgar seja um desvio, talvez corrompido, de um antigo e respeitável tronco”.

Tronco cujo manto intersticial é a Tradição de que é tributário o Estoicismo, uma escola e doutrina filosófica surgida na Grécia Antiga, que prezava a fidelidade ao conhecimento e o centro em tudo aquilo que pode ser controlado pela própria pessoa, desprezando todos os tipos de sentimentos externos, como a paixão e os desejos extremos.

A escola estóica foi criada por Zenão de Cítio, na cidade de Atenas, cerca de 300 a.C., mas ficou verdadeiramente conhecida ao chegar a Roma. O seu tema central defendia que todo o universo seria governado por uma lei natural divina e racional.

Sendo assim, para o ser humano alcançar a verdadeira felicidade, deveria depender apenas da sua “virtude”, ou seja, dos seus conhecimentos e valores, abdicando totalmente do “vício”, considerado pelos estóicos um mal absoluto.

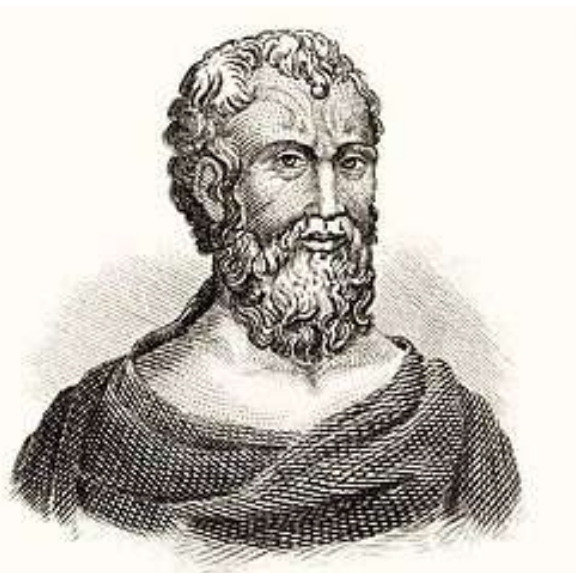
O estoicismo ensina, também, a manter uma mente calma e racional, independente do que aconteça. Ensina que isso ajuda o ser humano a reconhecer e concentrar-se naquilo que pode controlar e a não se preocupar e aceitar o que não pode controlar.

Eis os princípios mais importantes da filosofia:



- A virtude é o único bem e caminho para a felicidade;
- A pessoa deve sempre priorizar o conhecimento e o agir com a razão;
- O prazer é um inimigo do sábio;
- O universo é governado por uma razão universal, natural e divina;
- As atitudes têm mais valor que as palavras, ou seja, o que é feito tem mais importância do que é o que é dito;
- Os sentimentos externos tornam o ser humano um ser irracional e não imparcial;
- Não se deve perguntar porque é que algo aconteceu na nossa vida, e sim aceitar sem reclamar, focando-nos apenas no que pode ser modificado e controlado naquela situação;
- Agir prudentemente e assumir a responsabilidade sobre os nossos actos;
- Tudo ao nosso redor acontece de acordo com uma lei de causa e efeito;
- A vida e as circunstâncias não são idealizadas. A pessoa precisa de conviver e aceitar a sua vida da forma que ela é.

A partir desses princípios é possível entender que uma pessoa estóica é aquela que não se deixa levar por crenças, paixões e sentimentos capazes de lhe tirar a racionalidade na hora de agir, quer sejam desejos, dor, medo ou prazer. Isso por essas circunstâncias serem infundadas e irracionais.



Zenão de Cítio

## As Três Luzes do Estoicismo

### 1. Memento Mori: Um convite à reflexão sobre a vida e a morte; Meditação sobre a mortalidade

**Memento mori** é um brocardo latino que significa “*lembra-te de que irás morrer*”. Apesar de parecer algo doentio, *memento mori* funciona como um convite à reflexão para que reflitamos sobre o nosso modo de viver e valorizemos mais a vida, cumprindo os nossos deveres e desejos sem perder tempo e estando prontos para o momento em que a morte chegar.

Acredita-se que a expressão *memento mori* tenha surgido na Roma Antiga, onde havia a tradição de realizar uma procissão triunfal em homenagem a um general vitorioso recém-chegado do campo de batalha, o *triunfo romano*.

Era uma cerimónia tão surpreendente e admirável que poderia fazer com que o general se sentisse um verdadeiro deus. Por isso, havia sempre um servo que tinha como única função ficar atrás do general dizendo “*Respice post te. Hominem te esse memento. Memento mori!*” que significa “*Olha para trás. Lembra-te de que és apenas um homem. Lembra-te de que vais morrer!*”

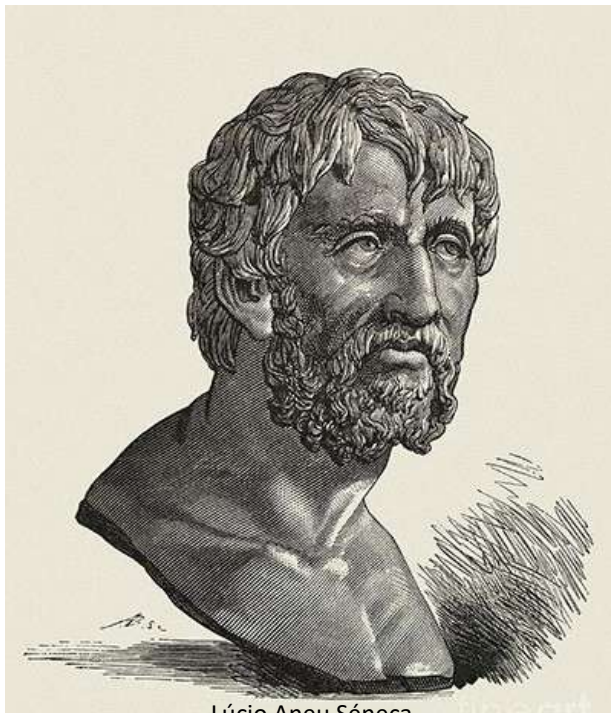
O propósito era que a frase fosse um lembrete ao general quanto à sua natureza mortal, forçando-o a assimilar a cerimónia com sabedoria e razão e fazendo-o lembrar-se de que a fama e a glória são efémeras.

Em outras culturas e práticas, *memento mori* permaneceu como sendo um convite à reflexão, inspirando artes e estilos de vida diversos.

“*Preparemos as nossas mentes como se tivéssemos chegado ao fim da vida. Não adiemos nada. Equilibremos os livros da vida todos os dias... Quem dá os retoques finais na sua vida todos os dias nunca fica com pouco tempo.*”

Esta citação de Sêneca faz parte do *Memento Mori* – uma antiga prática de reflexão sobre a mortalidade

que remonta a Sócrates, para quem a prática adequada da filosofia consistia em “*nada mais do que morrer e estar morto*”. Sêneca, um dos mais célebres filósofos e escritores estoicos, também reflectia sobre o assunto.



Lúcio Aneu Sêneca

Na sua carta ao amigo Lucílio<sup>1</sup>, intitulada “Da economia do tempo”, Sêneca questionava: “*Podes indicar-me alguém que dê o justo valor ao tempo, aproveite bem o seu dia e pense que diariamente morre um pouco? É um erro imaginar que a morte está à nossa frente: grande parte dela já pertence ao passado toda a nossa vida pretérita é já do domínio da morte.*”

Marco Aurélio, antigo imperador romano, frequentemente se lembrava da sua morte. Uma das suas frases demonstra isso: “*Não ajas como se fosses viver dez mil anos. A morte paira sobre ti. Enquanto viveres, enquanto estiveres em teu poder, sê bom.*”

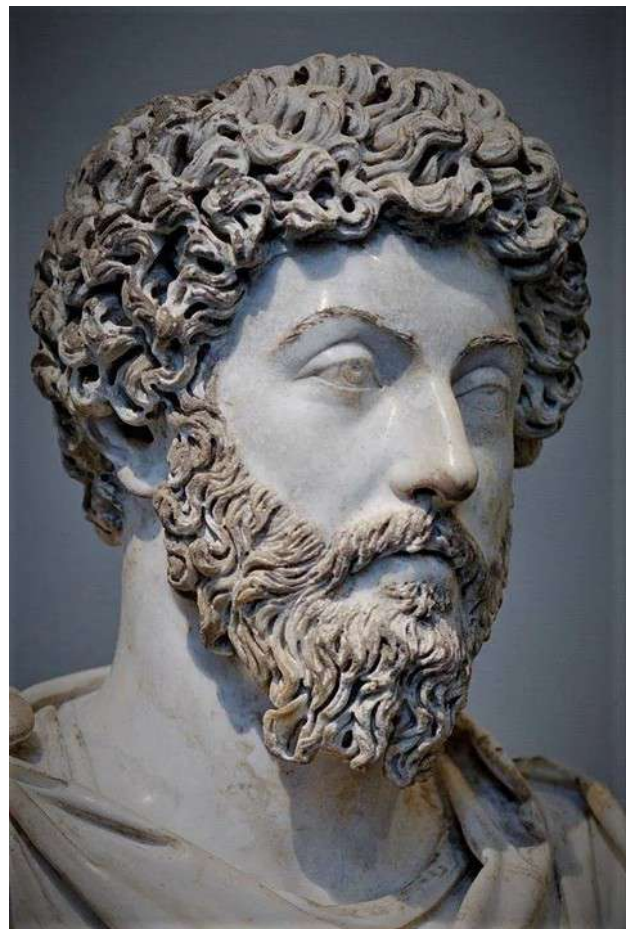
Nas suas *Meditações*,<sup>2</sup> Marco Aurélio escreveu: “*Tu poderias deixar a vida agora. Deixa isso determinar o que fazes, dizes e pensas*”. Tal foi um alerta pessoal para continuar a viver uma vida de virtude no presente e a não esperar.

Meditar sobre a nossa mortalidade só é deprimente se não a entendermos. Os estoicos consideravam esse pensamento vitalizador e humilhante. Não é de surpreender que uma das biografias de Sêneca seja intitulada *Morrendo todos os dias*. Afinal, foi Sêneca quem nos instou a dizer a nós mesmos, como lembretes da nossa mortalidade: “*Tu podes não acordar amanhã*”, quando vais dormir e “*Tu podes não dormir novamente*”, ao acordar.

Também Epicteto,<sup>3</sup> outro estoico, exortou os seus alunos: “*Mantem a morte e o exílio diante dos teus olhos todos os dias, juntamente com tudo o que parece terrível – ao fazer isso, tu nunca terás um pensamento básico nem um desejo excessivo*”.

A ideia do *memento mori* inspirou distintos artistas a criarem esculturas, pinturas e mosaicos que costumavam conter crânios, esqueletos e outros símbolos da morte. Essas artes eram exibidas para fazer com que os espectadores meditassem sobre a morte e reflectissem sobre as suas vidas.

*Memento mori* foi, também, um género de música de *réquiem*, comum na Europa antiga. O género denominado dança macabra ou dança da morte foi uma espécie de *memento mori*, que consistia numa peça dramática que destacava a universalidade e inevitabilidade da morte.



Marco Aurélio

Também na literatura, a reflexão sobre a morte é imensa. Shakespeare, por exemplo, em diversas peças apresentou a temática, sendo a mais expressiva a passagem da obra *Hamlet*, em que o personagem de mesmo nome ergue o crânio do bobo da corte e lamenta o que acontece com todas as pessoas após a morte, até mesmo com as mais vivas e vibrantes: todas são reduzidas a um crânio oco.



morte, até mesmo com as mais vivas e vibrantes: todas são reduzidas a um crânio oco.

Em todos esses pensamentos, reflexões, contextos e expressões artísticas, o ideal do *memento mori* é o mesmo: fazer-nos lembrar da nossa mortalidade, livrando-nos de vaidades e futilidades terrenas e incentivando-nos a valorizar e viver melhor a vida.

## 2. *Premeditatio Malorum*

O *premeditatio malorum* (“a premeditação dos males”) é uma *praxis* estoica que consistia em imaginar coisas que poderiam dar errado ou ser-nos tiradas.

Esse exercício, ajuda-nos a preparar-nos para os inevitáveis contratempos da vida, porquanto nem sempre conseguimos o que é nosso por direito, mesmo que o tenhamos conquistado, nem tudo é tão limpo e directo quanto pensamos que possa ser.

Psicologicamente, devemos preparar-nos para que isso aconteça apresentando-se esse como um dos exercícios mais poderosos do arsenal de ferramentas dos estoicos para criar resiliência e força.

Sêneca, revia ou ensaiava os seus planos, como uma viagem que devesse fazer e, na sua cabeça (ou no diário), examinava as coisas que poderiam dar errado ou impedir que isso acontecesse – uma tempestade poderia surgir, o capitão poderia adoecer, o navio poderia ser atacado por piratas.

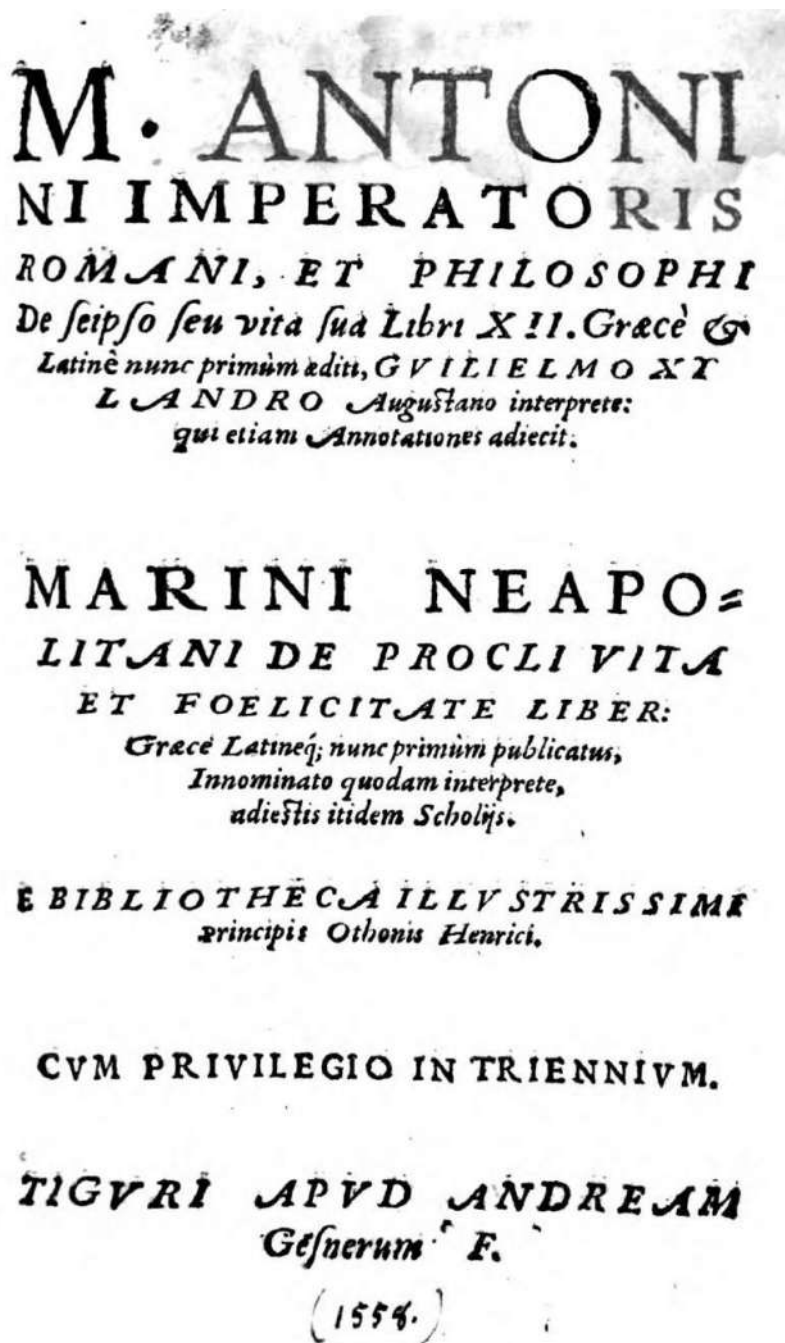
Dizia ele: “*O que é completamente inesperado é mais esmagador nos seus efeitos, e o inesperado aumenta o peso de um desastre. Esta é uma razão para garantir que nada nos apanhe de surpresa. Devemos projectar os nossos pensamentos à nossa frente a todo o momento e ter em mente todas as eventualidades possíveis, em vez de apenas o curso usual dos eventos... Ensaia-os na tua mente: exílio, tortura, guerra, naufrágio. Todos os termos da nossa sorte humana devem estar diante dos nossos olhos.*”

Escrevendo a um amigo, asseverava que “*Nada acontece ao sábio contra a sua expectativa*”, “... *nem todas as coisas acontecem para ele como ele desejava, mas como ele calculava – e, acima de tudo, ele calculava que algo poderia bloquear seus planos*”.

Através desse exercício, Sêneca estava sempre preparado para a interrupção e sempre trabalhando essa interrupção nos seus planos. Ele estava preparado para a derrota e para a vitória.

## 3. *Amor Fati*

“*Amar apenas o que acontece, o que estava destinado. Não há maior harmonia.*” – proclamou Marco Aurélio.





O grande filósofo alemão Friedrich Nietzsche descreveria a sua fórmula para a grandeza humana como *amor fati* – um amor ao destino. *“Aquele não quer que nada seja diferente, nem para a frente, nem para trás, nem para toda a eternidade. Não basta suportar o necessário, escondê-lo menos ainda...mas amá-lo.”* E isso, vida após vida, num eterno retorno.

Os estóicos não estavam apenas familiarizados com essa atitude, mas abraçaram-na. Há dois mil anos atrás, escrevendo no seu próprio diário pessoal que se tornaria conhecido como “Meditações”, o imperador Marco Aurélio afirmou: *“Um fogo ardente produz chamas e brilho de tudo o que é para ele atirado”*.

O já referido estóico, Epicteto que, como escravo aleijado enfrentou adversidades após adversidades, repetiu o mesmo: *“Não procures que as coisas aconteçam da maneira que tu desejas; antes, deseja que o que acontece aconteça da maneira que acontece: então tu serás feliz.”*

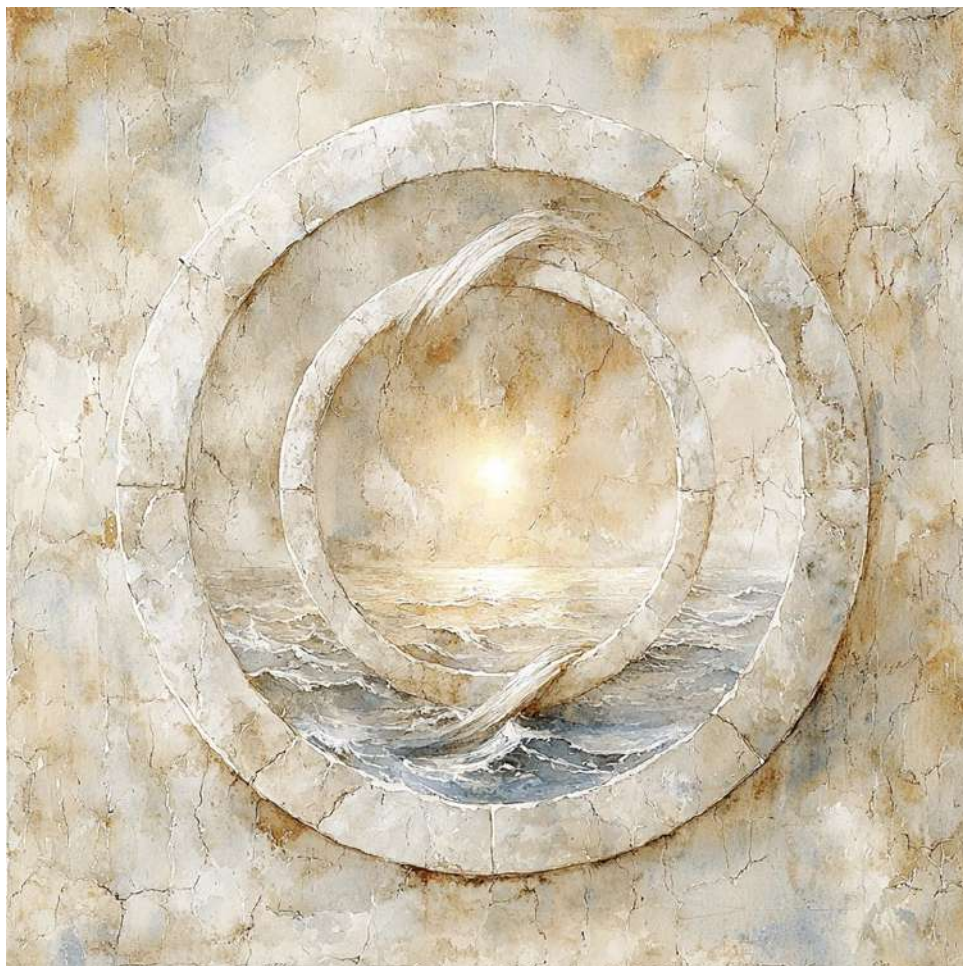
É por isso que *amor fati* é o exercício e a mentalidade estóica que o Maçon poderá abraçar para tirar o melhor proveito de tudo o que acontece: tratar cada momento – não importa o quão desafiador – como algo a ser adoptado, não evitado. Não apenas ficar bem com isso, mas amá-lo e ser melhor por isso. Para que, como o oxigénio no fogo, obstáculos e adversidades se tornem combustível para o teu potencial.

Eis o verdadeiro segredo da Fénix Renascida!

#### Notas:

1. **Séneca**, Lúcio Aneu, *Cartas a Lucílio*, Tradução, Prefácio e Notas de J. A. Segurado e Campos, 4ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, Livro I, (Cartas 1-12), pag. 1;
2. **Aurélius**, Marco, *Meditações*, Porto: Porto Editora, 2021, (4.17);
3. **Epicteto**, *Discursos*, Porto: Porto Editora, 2025;
- 4.

*Anónimo, 32º*





Epicteto por Olivier Ler Marinkoslo (2019)

# Neurociência & Maçonaria

## Uma viagem entre o cérebro e o templo interior

Reflexões a propósito de Ludwig Wittgenstein

### A Consciência: o verdadeiro Oriente

A neurociência moderna ainda não consegue explicar plenamente o que é a consciência. A Maçonaria, por sua vez, simboliza-a como a Luz que é recebida no momento da Iniciação. Ambas as tradições sugerem que o “eu” não é algo fixo, mas um processo dinâmico de autoconstrução, moldado por experiências, símbolos e significados.

A Luz da Maçonaria pode ser vista como um despertar sináptico, uma reorganização do cérebro à medida que novos símbolos, rituais e ideias são incorporados.

### Plasticidade cerebral e a Pedra Bruta

A neurociência mostra que o cérebro é mutável: muda com o tempo, o esforço e a prática. A Maçonaria ensina que o Iniciado é uma pedra bruta a ser talhada ao longo da vida. O paralelismo é profundo:

- O trabalho do pedreiro livre → trabalho do aprendiz sobre os seus próprios padrões neuronais e emocionais;
- O ritual → acto que reforça redes neurais ligadas a valores como a verdade, fraternidade, disciplina;
- O Templo → metáfora do córtex frontal, sede da moral, da planificação e do juízo.

### Rituais e redes neuronais

A neurociência comprova que rituais simbólicos aumentam a coesão social, reduzem o stress e induzem estados de atenção plena (*mindfulness*). A Maçonaria, com o seu arsenal de gestos, palavras e símbolos, actua sobre o cérebro como um mecanismo de:



- Ancoragem emocional;
- Treino da atenção e da memória;
- Reforço de identidade e pertença.

Entrar em Loja, sob o silêncio e a harmonia dos rituais, activa as mesmas áreas do cérebro associadas à meditação profunda e ao estado de *flow*.

### O Caminho Iniciático como neuro- transformação

A jornada do Aprendiz ao Mestre pode ser entendida como um percurso de evolução da consciência, acompanhada por mudanças na estrutura e função cerebral:

- Do cérebro reptiliano (instinto, medo, sobrevivência) ao córtex pré-frontal (ética, introspecção, sabedoria);
- Da reactividade à autorregulação emocional (grau 1 → grau 3);
- Do egocentrismo à consciência universal, que ressoa com o conceito de G::A::D::U::.

### A Simbologia como linguagem do cérebro

A neurociência demonstra que o cérebro responde mais intensamente aos símbolos do que a conceitos abstractos. O compasso, o esquadro, a régua ou a trolha não são apenas ferramentas simbólicas: são gatilhos neuronais que provocam emoções, introspecções e ligações com o inconsciente colectivo (Carl Jung).

Um símbolo, quando meditado com intenção, actua como um arquétipo neuro-esotérico, gerando transformação espiritual e sináptica.



### O Labirinto da Alma:

O iniciado confronta o mal exterior e interior, símbolo da jornada entre luz e trevas. Este confronto ecoa o que a neurociência chama de:

- Conflito entre sistemas límbico (emoção) e pré-frontal (razão);
- Desconstrução de narrativas internas (*default mode network*) e a construção de um novo eu simbólico.

### Neuro -ética e o juramento maçónico

A neuro ética estuda como o cérebro produz decisões morais. A Maçonaria antecipa isso, ao forçar o iniciado a prestar juramentos solenes, treinando a consciência moral por meio da repetição ritualística e simbólica.

Cada juramento é um programa mental que reescreve o “código-fonte” do ser.

O Cérebro é o Templo – e o Templo é o Cérebro

A Loja simbólica pode ser lida como uma projecção da estrutura cerebral:

- Oriente (Sabedoria) → lobo frontal (planeamento, decisão);
- Ocidente (Força) → lobo temporal (memória, linguagem);
- Sul (Beleza) → hemisfério direito (emoção, arte, intuição).

Conclusão: A Iniciação é um upgrade neural.

Cada grau não é apenas uma alegoria, mas um processo neuro espiritual que redesenha sinapses, modifica padrões e transforma o iniciado num ser mais livre, lúcido e fraterno. A Maçonaria é, neste sentido, uma tecnologia espiritual milenar, que a neurociência agora começa a decifrar com linguagem científica.

**“A Maçonaria molda o Espírito, tal como a neurociência revela o Cérebro: ambas apontam para a construção do Homem Novo.”**

Em jeito de conclusão, inspirados em Albert Pike, António Damásio e Andrew Newberg podemos afirmar que a neurociência começa a confirmar, com ressonâncias magnéticas e sinapses, aquilo que a

Maçonaria ensina com compasso e palavra: que o verdadeiro Templo é o ser humano em construção.

De acordo com Wittgenstein, “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”<sup>1</sup>.

### 1. A Linguagem como Estrutura da Realidade e do Rito

No *Tractatus Logico-Philosophicus*, Wittgenstein afirma que o mundo é feito de factos, não de coisas, e que a linguagem estrutura o mundo. Isto ecoa directamente no pensamento simbólico maçónico, onde:

- Cada palavra de passe, símbolo ou gesto ritualístico não é apenas uma convenção, mas um acto criador de sentido;
- O iniciado, ao aprender os “nomes sagrados” ou palavras simbólicas reconfigura a sua percepção da realidade – tal como Wittgenstein propõe que a linguagem molda o mundo.



**Assim como a linguagem formaliza o mundo no Tractatus, o ritual maçónico formaliza o invisível, dando-lhe forma inteligível.**

### Jogos de Linguagem. A Maçonaria como Linguagem Iniciática

Na sua segunda fase <sup>2</sup>, Wittgenstein rompe com o formalismo lógico e introduz a ideia de “jogos de linguagem” (*language games*).

- A linguagem só tem sentido dentro de um contexto de práticas compartilhadas;
- A Maçonaria é um desses “jogos de linguagem”: **um sistema simbólico próprio, com regras internas, significados ocultos e sentidos iniciáticos;**
- Os profanos não compreendem o que é dito em Loja, não porque lhes falte inteligência, mas porque não participam do mesmo jogo simbólico.

Exemplo: a palavra “Luz” em Maçonaria não é compreendida pela definição profana. É compreendida pelo uso ritualístico e experiencial, tal como Wittgenstein descreve.

### Silêncio e Inexprimível – a Mística do Grau

Wittgenstein encerra o *Tractatus* com a famosa proposição 7: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.”

Na Maçonaria:

- O silêncio do Aprendiz não é castigo, mas acto de contenção e escuta mística;
- Muitos símbolos e experiências não podem ser plenamente expressos por palavras — pertencem ao reino do inefável;

- A vivência iniciática é um conhecimento para além da linguagem proposicional — tal como Wittgenstein indica nos seus limites do discurso lógico.

## Neurociência e Jogos de Linguagem

A neurociência moderna corrobora algumas intuições de Wittgenstein:

- A linguagem não está isolada no cérebro, mas é inseparável da acção, do corpo e do contexto social — tal como nos “jogos de linguagem”;
- O cérebro humano constrói mundos simbólicos que guiam a percepção e o comportamento;
- A memória episódica e emocional associada ao ritual é o que dá poder à palavra sagrada e não o seu som literal.

Wittgenstein como “Filósofo Iniciado”?

Wittgenstein tinha uma visão profundamente ética e quase ascética da filosofia:

- Recusava o conhecimento superficial;
- Valorizava a transformação interior através do rigor lógico e silêncio existencial;
- Dizia que o objectivo da filosofia era “mostrar à mosca a saída do frasco” — o mesmo que a Maçonaria propõe com a libertação da ignorância pela Luz.

Ele não era maçom (pelo que sabemos), mas a sua filosofia é compatível com uma leitura iniciática: o saber que liberta através da linguagem, do silêncio e do símbolo.

Em síntese, podemos afirmar que a Maçonaria, como linguagem simbólica, é um dos jogos de linguagem mais antigos da humanidade. Tal como ensinou Wittgenstein, só se compreende o seu sentido dentro da prática iniciática. E tal como ele, aprendemos que o que é mais importante não se diz, vive-se.

## NOTAS:

1. Wittgenstein, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, with na Introduction by Bertrand Russel, F.R.S., London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1960 <https://ia600205.us.archive.org/11/items/tractatuslogicop1971witt/tractatuslogicop1971witt.pdf>, também disponível na tradução de M. S. Lourenço e alguns comentários sobre o “Tractatus” de Tiago de Oliveira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015;
2. Wittgenstein, Ludwig, *Investigações filosóficas*, Trad. de João José R. L. de Almeida, Lisboa: Relógio de Água, 2025;

*Alberto Palha, 30.º*



# O DESAFIO MAÇÓNICO DA SERPENTE

*O símbolo dos ingratos não é a Serpente, é o Homem.*

Jean de La Fontaine

## 1. Introdução genérica

A serpente destaca-se, nas tradições esotéricas ocidentais, como um arquétipo universal de transformação, regeneração e sabedoria oculta. Desde os antigos mistérios herméticos e alquímicos até à mística cabalística, a imagem da serpente carrega significados iniciáticos profundos. É um símbolo, simultaneamente, de morte e renascimento, de tentação e iluminação – portadora ambígua de poder espiritual. Em textos maçónicos e ocultistas, esse simbolismo é abordado com um tom iniciático, onde é enfatizado que compreender a “Serpente” é encarar um desafio de autotransformação e acesso à Sabedoria interior.

O Maçom, na sua caminhada simbólica e espiritual, é convocado a refletir sobre a necessidade de procurar a sabedoria interior, de superar as tentações e a ter o discernimento de separar o certo do errado. Há, aqui, uma enorme importância na autotransformação, no crescimento pessoal e no aprimoramento espiritual contínuo.

Na linguagem figurativa que a Maçonaria usa, a simbologia da serpente assenta, num primeiro momento, no êxodo dos judeus pelo deserto e na sua prática de atos que mereceram o castigo divino e posterior possibilidade de cura, através da intervenção de Moisés junto de Deus e, num segundo momento, séculos mais tarde, da caminhada vitoriosa dos cruzados sobre os inimigos da Fé, uma batalha sangrenta que teve a duração de quatro horas. Após essa vitória inolvidável, os cruzados dirigiram-se para o Monte Sinai onde construíram um convento que ainda hoje perdura.

## 2. A Serpente de Bronze – um simbolismo muito diversificado de renovação iniciática

A serpente esotérica convida a uma jornada de renovação interior e de iluminação espiritual. As serpentes são criaturas que trocam, periodicamente, de pele, e essa imagem de mudar a pele gasta para revelar uma nova serve como metáfora poderosa da *metamorfose iniciática*. O maçom, tal como a serpente, deve despir as camadas envelhecidas das suas certezas, vícios e apegos para renascer em uma forma mais pura. Nas escolas iniciáticas, fala-se em “morrer antes de morrer”: um processo de morte simbólica do velho “eu” para que o novo ser, regenerado, desperte.

Desde os tempos imemoriais que o Homem procura a sua imortalidade. Mas o que é, de facto, a imortalidade? Haverá vida para além da morte?

Não pretendemos fazer aqui uma reflexão, nem genérica nem aprofundada, sobre esse tema. Porém, a existência de uma sobrevivência após a morte é uma crença em muitas civilizações, com particular realce na egípcia, sendo que a morte física é “a primeira morte”. Há mesmo quem sustente que a morte não é mais do que uma passagem para uma realidade superior, um meio de nos aproximarmos de Deus. Aliás, Edgar Morin chega a afirmar que é necessário “*reformatar a morte*”. “*Essa reforma é o prolongamento da vida humana para que o indivíduo possa cumprir o seu novo ciclo de desenvolvimento*”, sustenta Morin.

Esse processo cíclico reflete exatamente o símbolo do Ouroboros (a serpente ou o dragão que devora a própria cauda e forma um círculo) — o eterno retorno pelo qual o maçom se aperfeiçoa em espiral ascendente, destruindo em si o que é impuro para recriar-se mais próximo da Luz.

Em várias tradições, essa força de renovação é apresentada em forma serpentina. No Oriente, ela é conhecida como *Kundalini*, a “serpente ígnea” adormecida na base da coluna vertebral. Quando despertada através da disciplina e da graça, a *Kundalini* sobe em espiral pelos *chakras*, trazendo a iluminação da consciência superior. Tal imagem corresponde de maneira impressionante aos conceitos herméticos: o próprio caduceu de Hermes, com as suas serpentes ascendentes, é associado ao caminho de ascensão da energia *kundalini* ao longo da espinha dorsal sutil. À medida que essa serpente interior se eleva, ela equilibra as polaridades (*Od* e *Ob*) dentro do ser, abrindo centros de energia e transmutando a matéria bruta em consciência iluminada.

No percurso maçónico e esotérico em geral, encarar o desafio da serpente significa confrontar-se com as próprias sombras para delas extrair a luz. A serpente guarda a entrada do templo da sabedoria – tal como o querubim com espada flamejante vigiando o Éden – testando a coragem, a fé e a pureza do buscador. Os seus venenos são os medos, os enganos e os desejos desordenados que precisam ser dominados; mas *o veneno é também o remédio*, pois, ao superar essas provas, o iniciado descobre a cura da alma, a serenidade e o discernimento.

Envolto pelos laços da serpente iniciática, o Maçom percebe que morrer e renascer são etapas de um mesmo ciclo sagrado – e que, ao integrar em si os opostos (bem e mal, luz e escuridão, vida e morte), ele reencontra a unidade perdida. Nesse sentido, a serpente interior transforma-se de adversária em aliada espiritual, guiando-o com prudência e poder. “*Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas*” – esta máxima evangélica resume o ideal: unir a sagacidade profunda da serpente à pureza



do coração. Em última instância, a *Senda da Serpente* é a Senda da *Iluminação*: um desafio constante de renovação, que conduz o iniciado da escuridão à Luz.

A Serpente de Bronze é, portanto, um ponto de transformação, uma fonte de cura e um símbolo de sabedoria, como antes se referiu. Tal como aqueles que foram mordidos pelas serpentes venenosas, durante a caminhada dos judeus pelo deserto e que, depois, procuravam a cura, os Maçons são incentivados a aprofundar o conhecimento, a sabedoria e a Luz como antídoto para as dificuldades, os obstáculos e os desafios que encontram ao longo das suas vidas, seja ao nível iniciático, seja na sua presença profana. E é através dessa busca permanente que eles poderão encontrar a cura para as doenças da alma e para a afirmação da sua transformação pessoal, a exemplo do que sucedia na Lenda, segundo a qual os judeus, como antes referido, se curavam quando olhavam para a Serpente de Bronze que Moisés construiu, com a anuência de Deus.

Dessa forma, a Serpente de Bronze representa o discernimento e a sabedoria interior, a par de ser um lembrete para evitar a corrupção, bem como um apelo para contrariar o excessivo apego ao poder, à riqueza e ao egoísmo, ou seja, a importância de o Maçom se manter fiel a princípios éticos e morais, tendo em vista conseguir superar as tentações.

Em síntese, sempre poderemos sustentar que a serpente de bronze é um símbolo de cura e renovação.

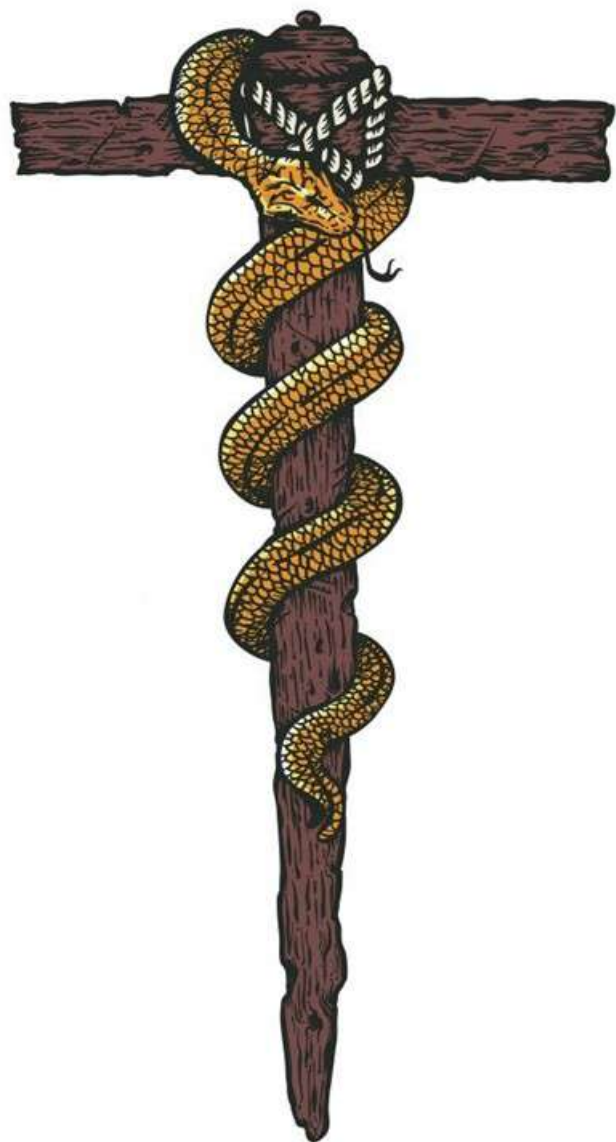
### 3. As dualidades da Serpente vistas pelo Hermetismo, pela Alquimia, pela Cabala e por outras mitologias

Na vida, nem tudo é preto e branco. Assim, as dualidades são intrínsecas à nossa existência e estão presentes em diferentes momentos da

vida. Desse modo, elas convidam-nos a reconhecer que nem tudo é absolutamente bom ou absolutamente ruim, existindo antes uma interação complexa de forças opostas. Tais dualidades lembram-nos da importância do equilíbrio, da moderação e da responsabilidade face ao que usamos e como usamos. Desafiam-nos a ter sempre em consideração os riscos e os benefícios envolvidos nas nossas ações e nas nossas escolhas/opções. Reconhecer a existência das dualidades permite-nos ter uma compreensão mais profunda da complexidade da vida e incentiva-nos na procura de soluções equilibradas.

Vem este introito a propósito da serpente e do que ela nos convoca para refletirmos sobre as dualidades das coisas. Diz Josep-Lluís Domènech que “a serpente enquanto se arrasta é a imagem da morte e da doença, mas quando se eleva no bastão, é o símbolo da vida e da cura”.

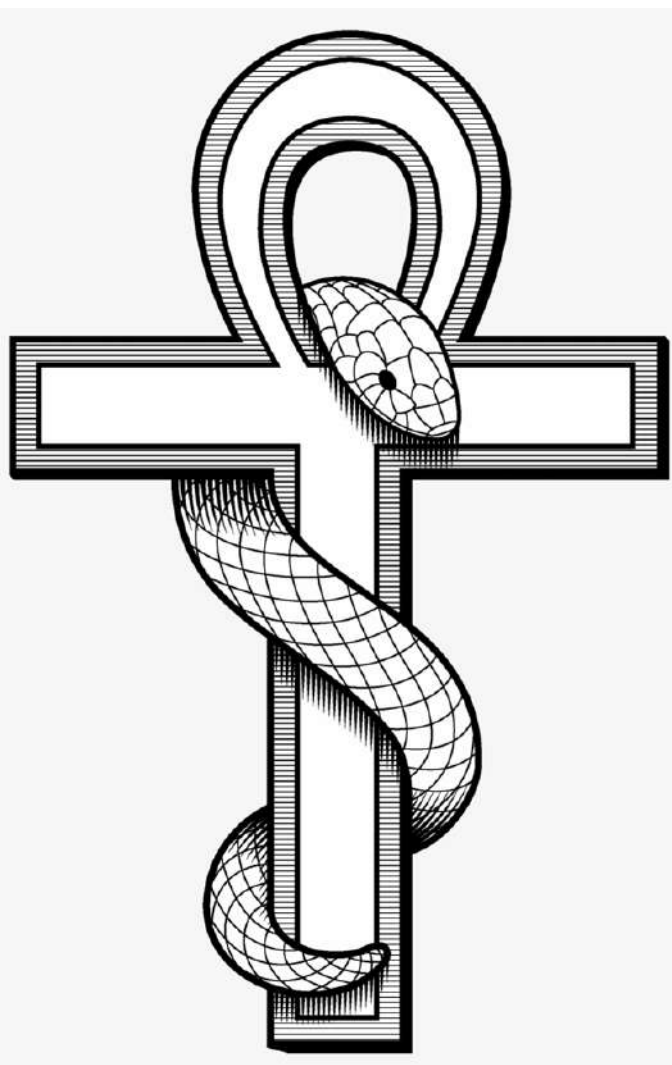
A palavra “serpente” assume diferentes significados simbóli-





cos em diversas culturas pelas quais faremos um pequeno percurso: fertilidade, cordão umbilical que une os humanos à Mãe-Terra, guardiãs de mistérios sagrados.

No Novo Testamento é associada ao Diabo, enquanto no Antigo Testamento ela representa a dualidade do bem e do mal. Porém, na Antiguidade, sobretudo no Médio Oriente, era um símbolo telúrico (ligação



à Terra), governadora do mundo subterrâneo. No Egito, por exemplo, a forma física que o Rio Nilo tem era interpretada como uma serpente que fertilizava as terras e simbolizava, também, a Sabedoria Divina. Este povo possuía ainda como um símbolo muito relevante a serpente sobre uma cruz e que mais tarde também nos aparece na denominada Cruz Ansata, emblema de Osíris, onde a serpente envolve uma cruz. Aliás, para os cristãos, Cristo na cruz tem o mesmo significado que a serpente de bronze para os hebreus, na sua travessia do deserto.

Segundo Albert Pike, na cosmogonia dos Hebreus e dos Gnósticos, a serpente era “*o autor do destino das almas*”. Já na mitologia grega, a serpente assume-se como símbolo da sabedoria. Para os etruscos e os mouros representa a prudência. No ritual de Zoroastro assumia o papel de símbolo do Universo. É, também, símbolo da unidade, quando forma um anel com a cauda na boca.

Na tradição cabalística e em muitas escolas esotéricas, a serpente adquire um significado ambivalente, refletindo a profunda dualidade entre o Bem e o Mal, a queda e a redenção. No relato bíblico do Éden, a serpente é vista, exotericamente, como tentadora maléfica; porém, os gnósticos leram essa história sob outra luz. Já nos primeiros séculos, certos grupos gnósticos ousaram proclamar a serpente como *Re-*

*dentora* – um mensageiro divino enviado para trazer aos homens a *gnose* libertadora. Na sua interpretação, o criador do mundo material (o Demiurgo) mantinha Adão e Eva na ignorância e a serpente, ao oferecer-lhes o fruto do conhecimento, abriu-lhes os olhos, fazendo deles os primeiros “iluminados”. Essa visão paradoxal da “serpente salvadora” ressurgiria séculos depois em correntes da Cabala judaica.

Essa dualidade também se expressa na Árvore da Vida cabalística. Em certas interpretações esotéricas, desenha-se uma serpente percorrendo os caminhos da Árvore da Vida, conectando as Sefirot, desde Malkuth (o mundo material) até Keter (a coroa divina). Essa “Serpente de Sabedoria” simboliza a jornada sinuosa do iniciado através das esferas de consciência, enfrentando provas em cada etapa para conquistar a Iluminação no cume. Enquanto a “espada flamejante” representa a força divina que desce iluminando a criação, a serpente representa o movimento inverso: a ascensão da alma pela Sabedoria oculta.

Na mitologia hindu, a serpente é associada à energia sexual e vital do ser humano (a propósito desta questão, é importante realçar que a experiência e a resposta sexual variam de pessoa para pessoa. O prazer e a satisfação são altamente individuais e o foco deverá estar não na busca de um único ponto de prazer ou de uma única forma de prática sexual, mas antes no encontro de vontades dos parceiros envolvidos). Aliás, ainda a propósito desta questão, já mais recentemente, no século XX, nos primeiros estudos relacionados com a psiquiatria e a psicanálise, a serpente volta a ter um papel importante. Para Freud, ela representa o desejo sexual inconsciente, enquanto para Carl Jung, ela assume o conflito entre mente e instintos, ou seja, a personificação de um conflito interno, marcado pela repressão dos instintos

e da natureza básica de cada ser humano.

Regressando ao hinduísmo, uma referência à prática da “*kundalini*”, já antes referida. A origem desta palavra sânscrita refere-se a energias espirituais e filosóficas, com o significado de “enrolado” ou “serpentina”. De acordo com a tradição hindu, a “*kundalini*” é uma energia adormecida, em forma de serpente enrolada na base da coluna vertebral, o designado “*chakra* raiz”. Ela é considerada a essência vital do ser humano, possuindo uma energia espiritual elevada que, quando despertada e guiada corretamente, pode subir ao longo da coluna vertebral por diferentes centros de energia – os *chakras* – e essa experiência leva a um estágio superior à nossa consciência e a iluminação espiritual.

Na Antiguidade, encontramos a serpente em dois símbolos-chave: o Caduceu de Hermes e o Bastão de Asclépio. O primeiro representa o equilíbrio dos opostos, o poder alquímico de transformação e a harmonia. O segundo, com uma serpente única enrolada, está associado à cura e ao saber médico.



Mais concretamente, no Caduceu de Hermes, as duas serpentes entrelaçadas em torno de uma vara com asas simbolizam o equilíbrio, a harmonia e o poder alquímico, o símbolo da regeneração, o estabelecimento do equilíbrio em relação a pensamentos antagônicos. Já o bastão de Asclépio, o deus grego da cura, é representado por uma única serpente enrolada em torno de um bastão, também ligado à cura, à medicina e à renovação, através do equilíbrio e do conhecimento. Ou seja, em ambas as situações, a serpente representa um poder mágico e a sua conexão com o poder divino.

Ainda dois outros exemplos das dualidades: a água que é imprescindível à vida, mas também mata, e os medicamentos que podem salvar e matar.

A água é essencial para a vida. Ela sustenta todas as formas de vida no planeta e desempenha um papel crucial nas nossas necessidades básicas. A água é uma fonte de nutrição, hidratação e limpeza. Ela é capaz de salvar vidas em situações de sede extrema e desidratação. No entanto, apesar de sua importância vital, a água também pode tornar-se numa força destrutiva (aliás, as alterações climáticas bem o têm demonstrado, nos últimos anos). Inundações, *tsunamis* e tempestades podem causar devastação e perda de vidas. A mesma água que é fonte de vida pode transformar-se numa ameaça quando está em excesso ou fora de controlo.

Por seu turno, os medicamentos têm o potencial de salvar vidas e aliviar o sofrimento humano. Eles são prescritos para tratar doenças, aliviar sintomas e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Os medicamentos têm sido um marco importante no avanço da medicina e têm contribuído para o aumento da esperança de vida e para a cura de muitas doenças. No entanto, quando mal utilizados ou em doses incorretas, os medicamentos podem transformar-se em venenos. Efeitos colaterais adversos, interações medicamentosas prejudiciais e o seu uso indevido podem levar a consequências negativas para a saúde. A mesma substância que é benéfica numa dose apropriada pode tornar-se tóxica ou prejudicial quando usada de maneira inadequada (aqui talvez fazer uma referência a um dos medicamentos mais utilizados no Mundo, o paracetamol, cuja compra, em Portugal, nem sequer necessita de receita médica – tanto nos ajuda a aliviar uma dor de cabeça como nos pode provocar uma insuficiência hepática, dores abdominais e até a morte).

#### 4. Conclusão

A metáfora da serpente está associada à letra Tau (última letra do alfabeto hebraico), ou seja, a troca de um estado para outro, o abandono de uma crença por outra. Um único Tau simboliza a existência de um único Deus, a Vida, enquanto o triplo Tau aponta para os três pilares maçônicos, representados pelas três colunas: a Sabedoria, a Força e a Harmonia.

A serpente enroscada numa haste representa, visualmente, uma cruz ou uma marca que tem como objetivo “assinalar” (por exemplo, a lenda segundo a qual as casas dos judeus no Egito foram marcadas por um Tau e que, dessa forma, permitiu salvar os seus primogênitos, enquanto os filhos dos egípcios eram mortos pelo “Anjo da Morte”).



De entre as muitas interpretações que se pode dar ao aparecimento da serpente, como antes se evidenciou, ela tanto pode ser perniciososa, como converter-se em benéfica, ou seja, uma ambivalência entre o Bem e o Mal. Ao abandonar a sua pele velha e resseca e iniciar um novo ciclo, ela assume uma metamorfose positiva e mostra-nos a sua ambivalência iniciática.

Josep-Lluís Domènech sustenta que ela, “*por um lado, evoca-nos a negatividade, os baixos instintos e, depois, a sua vertente positiva, convertendo-se na Serpente de Esculápio, que se apresenta como agente de cura*”. Por sua vez, as suas sucessivas mudanças de pele assumem o significado de possuírem o segredo da vida eterna, a regeneração perpétua, o que, simbolicamente, nos remete para a metamorfose do homem idoso.

Enquanto símbolo de regeneração, a serpente aponta, assim, para o Maçom um desafio - o de superar as suas crenças, ideias e valores para lograr alcançar a segurança com esforço e dedicação e o fortalecimento do seu carácter.

O desafio simbólico da serpente é, acima de tudo, o desafio da iniciação: enfrentar as nossas sombras, curar as nossas feridas e regenerar o nosso ser. Ela convoca-nos à vigilância, à sabedoria e à fraternidade.

Em síntese, para o Maçom, a serpente simboliza a sua caminhada em busca da Luz e da Verdade, bem como a renovação que ele alcançará. E, simultaneamente, é um símbolo de fraternidade.

“Eis que vos envio como ovelhas no meio dos lobos. Sede, pois, perspicazes como as serpentes e cândidos como as pombas”

*Mateus 10:16*

*A.C.B., 31.º*



## MORTE E AMOR – A CONSAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

“Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.  
Ess’alma Universal,  
Essa concentração divina do Ideal, é de quem  
sofre, é de quem geme, é de quem chora.  
É de todos os que vão pela existência fora (...)  
Calcando o lodo e olhando os astros no infinito,  
Rijas alavancas que hão-de erguer este globo ao nível do Ideal”.

Guerra Junqueiro, *in Obras*

O eterno aprendiz que há em todos e em cada um de nós terá de lapidar-se pacientemente, como Miguel Ângelo fez com o mármore bruto em busca da sua obra-prima. Há que sedimentar, assimilar e escrever a nossa *petite histoire* segundo um princípio de co-responsabilidade inevitável que mescla imperiosamente alguns fundamentos da psicologia e da filosofia.

Nós nunca vivemos fora do sistema, quer queiramos quer não, nós fazemos parte dele. Mas podemos assumir a atitude de “*nós e eles*”, no sentido de que a nossa alma, o nosso mundo interior, não se confunde nem se rende ao sistema e, assim, pois, no meu mundo, as pessoas são transparentes; no mundo dos dominados pelo sistema, eles (os outros) escondem-se atrás dos sorrisos, da estética. No meu mundo, as pessoas têm tempo para investir no que amam; no dos outros, elas são transformadas em máquinas de trabalho e consumo.

Não obstante, a sociedade organizada está doente em milhentos aspectos, mas o princípio da co-responsabilidade inevitável demonstra que é impossível haver dois sistemas distintos. O que existe

são duas maneiras de ver e actuar no mesmo sistema. As pessoas nunca estão completamente separadas umas das outras.

Este princípio da co-responsabilidade inevitável, sobre o qual discorrem muitos filósofos, entre os quais Augusto Cury em “A Saga de Um Pensador – A Paixão Pela Vida” e cujo discurso vamos acompanhar, demonstra que as relações humanas são uma grande teia multifocal. Revela que ninguém é uma ilha física, psíquica e social dentro da humanidade. Todos somos influenciados por outros. Todos os nossos actos, quer sejam conscientes ou inconscientes, quer sejam atitudes construtivas ou destrutivas, alteram os acontecimentos e o desenvolvimento da própria humanidade.

Qualquer ser humano — intelectual ou iletrado, rico ou pobre, médico ou doente, activista ou alienado — é afectado pela sociedade e, por sua vez, interfere nas conquistas e perdas da própria sociedade através dos seus comportamentos. Significa isto que todos são co-responsáveis pelo futuro da sociedade e, consequentemente, pelo futuro da humanidade e do planeta como um todo.

Os nossos comportamentos afectam de três modos as pessoas: alteram-lhes o tempo; alteram a sua memória, através do registo desses comportamentos e alteram a qualidade e frequência das suas reacções. Alterando o tempo, a memória e as reacções das pessoas, modificamos o seu futuro, a sua história.

Na verdade, os comportamentos mais insignificantes podem provocar grandes reacções na História. O espírito de um norte-americano pode afectar as reacções das pessoas no Médio Oriente. Uma atitude de um europeu, por mínima que seja, pode interferir no tempo e nas acções da China.

Passando da teoria para outros exemplos:

O padeiro que fez pão no século XV em Paris afectou o tempo e a memória da dona de casa que o comprou, afectando as reacções dos seus filhos, que, por sua vez, alteraram os comportamentos dos seus amigos, vizinhos, colegas de trabalho, os quais, numa reacção em cadeia, influenciaram a sociedade francesa da sua época e de outras gerações. Assim, numa sequência ininterrupta de eventos, o padeiro do século XV influenciou, séculos mais tarde, os pais, amigos e, consequentemente, a formação da personalidade de Napoleão, que afectou o mundo.

Hitler, em 1908, mudou-se para Viena com o objectivo de se tornar pintor.

O professor da academia de belas-artes que o rejeitou afectou o seu tempo, a sua memória, o seu inconsciente. Por sua vez, influenciou a sua afectividade, a sua compreensão do mundo, as suas reacções, a sua luta no partido nazi, a sua prisão, o seu livro. Todo este processo interferiu na eclosão da Segunda Guerra Mundial, que afectou a Europa, o Japão, a Rússia, os EUA, mudando o rumo da humanidade.

Se Hitler tivesse sido aceite na escola de belas-artes, talvez tivéssemos um artista plástico, ainda que medíocre, e não um dos maiores psicopatas da História. Não quer isto dizer que a psicopatia de Hitler seria resolvida com a sua admissão na escola de Viena, mas poderia ser atenuada ou talvez não se manifestar.

Um índio numa tribo isolada da Amazónia também afecta a História. Ao abater um pássaro, este deixará de produzir ovos, de os chocar e de ter descendentes, afectando o consumo de sementes, os predadores e toda a cadeia alimentar, o ecossistema, a biosfera terrestre.

Além disso, a ausência de descendentes do pássaro abatido afectará o processo de observação dos biólogos, interferindo nas suas reacções, pesquisas, livros, universidade e sociedade.

Uma pessoa que se suicida não deixou de actuar no mundo social já que o acto do suicídio alterou o tempo dos amigos e parentes e, principalmente, despedaçou a sua emoção e memória, gerando vácuo existencial, lembranças e pensamentos perturbadores que afectarão as suas histórias e o futuro da sociedade.

Ninguém desaparece quando morre. Viver com dignidade e morrer com dignidade deveriam ser tesouros cobiçados ansiosamente. Portanto, o princípio da co-responsabilidade inevitável demonstra que nunca podemos ser uma ilha na humanidade. Nunca deveria existir a ilha dos norte-americanos, dos

árabes, dos judeus, dos europeus. A humanidade é uma família que vive numa complexa teia. Somos uma única espécie. Deveríamos amá-la e cuidar dela, caso contrário não sobreviveremos.

Inevitavelmente somos todos responsáveis, em maior ou menor grau, pela prevenção do terrorismo, da violência social, da fome mundial.

O jovem aprendiz apreende, em contacto com o seu mestre e os seniores, que as reacções dos outros podem afectar-nos fraca ou intensamente. Ver um filme, conversar com um amigo, elogiar alguém, pode mudar pouco ou muito o curso das nossas vidas.

Veja-se ainda o caso de um aluno humilhado pela professora porque não conseguira ler correctamente um parágrafo. Ela pediu que ele repetisse várias vezes a leitura do texto, sendo alvo da troça dos colegas. O registo daquela experiência tinha bloqueado a inteligência do aluno, gerando gaguez e insegurança, afectando drasticamente o seu futuro como pai e como profissional. Nunca mais conseguiu falar em público.

Eu não quero assumir-me aqui como o mestre que fala ao aprendiz, mas, face à antecedente explanação, somos obrigados a concluir que não é possível haver sistemas socialmente isolados ainda que no máximo se admita que há sistemas que comunicam pouco, mas não são isolados.

Subir para um banco numa praça, declamar uma poesia ou pedir dinheiro para comprar um pão são reacções que interferem na dinâmica dos comportamentos das pessoas que o ouviram, interferindo, por sua vez, nos seus colegas de trabalho, na sua empresa, na sociedade, no comércio internacional. Por isso, cada um fechar-se no seu mundo pode ser um acto egoísta.



Daí que o isolamento pode ser um acto egoísta; todavia, quem se fecha dentro de si mesmo porque a sociedade o excluiu e o discriminou, mas se superou, tornou-se um sábio. Essa mesma sociedade que o feriu precisa das suas ideias e da sua coragem para se transformar, pois estamos sempre a interferir na memória e no tempo dos outros. A memória e o tempo unem-nos numa inevitável rede. Eu influencio o mundo dos outros e sou influenciado por ele. Não é possível a alguém alienar-se ou isolar-se socialmente de maneira pura, completa, absoluta. É que a ausência de uma reacção é já em si uma acção, é a acção da não-reacção. A não-reacção contribui para a acção dos outros. Assim como uma pessoa que se suicida continua a interferir na história dos que lhe são próximos, um pai que se torna um sem-abrigo continua a interferir no seu próprio filho. Embora seja doloroso, a sua ausência desencadeou uma sequência de eventos que influenciaram a personalidade do filho. Todas as vezes que ele o procurou e não o encontrou ou teve de explicar a alguém a sua ausência, alterou fortemente as suas emoções, pensamentos, auto-estima. Portanto, nunca deixou de ser co-responsável por ele.

Destarte, não conseguimos fugir dos outros porque não conseguimos fugir de nós mesmos, pelo que, para nos aperfeiçoarmos, teremos de romper o nosso casulo, ainda que isso represente um grande preço a pagar para reconstruir a nossa história. Os problemas que teremos de enfrentar serão enormes. Teremos de nos deparar com predadores dentro e fora de nós.



E isso pode causar medo! Medo de nós mesmos. Medo de nos enfrentarmos. Medo de caminhar por estradas que nunca pisámos e jamais pensámos pisar.

Mas ânimo! O medo pode ser um excelente mestre. Tira reis do seu trono e ensina-os a ser o que sempre foram: frágeis seres humanos.

Todos nós temos uma criança para encontrar. Uns dentro, outros fora de si. Precisamos de achar a de fora, sem perder a de dentro.

Ora, estamos aqui reunidos a propósito da celebração do nascimento de uma criança e num momento histórico em que perseguem e matam aqueles que nele acreditam não como mera prosopopeia do Amor, mas como o Ser do Amor que nos permite achar a criança de fora e encontrar a de dentro de nós.

Isso porque, depois de se ter declarado a morte de Deus e de se continuar a matar em seu nome, Ele afinal existe, ainda que *abscondito*.

É esse Deus que é descrito num diálogo intitulado *De Deo Abscondito*, o mais pequeno opúsculo de Nicolau de Cusa escrito por volta de 1445 e editado pela primeira vez em Paris em 1514 e que foi o texto teo-filosófico que mais me marcou nos últimos tempos e me serviu de farol para analisar todos os dramas, injustiças, contradições e toda a fenomenologia dos pólos opostos que ocorrem no sistema e de que atrás dei nota.

Através deste pequeno diálogo percebemos as ideias já amadurecidas e muito características de Nicolau de Cusa, vertidas no tratado «*De docta ignorantia*» das quais resulta que só à luzdamentabilidade desta obra é que ele se pode entender: a impossibilidade de atingir perfeitamente a verdade, a incompreensibilidade e inefabilidade de Deus, a união e superação dos opostos no Ser infinito exercem uma influência decisiva na condução do diálogo que se apresenta como um triunfo prático da «ignorância douta», sendo graças a este triunfo que ressalta a peculiaridade do Deus dos cristãos como «Deus escondido», segundo a frase de Isaías: «*Vere Tu es Deus absconditus*»<sup>1</sup>.

Como limpidamente transparece do diálogo, este assume-se como de índole estritamente apologética, logo, filosófica. Por isso que na suposta a existência de Deus, na qual o gentio já acredita, intenta-se mostrar que o verdadeiro Deus tem de ser não múltiplo, como o da gentilidade, não manifestado ou colocado ao nível das coisas, mas oculto, vale dizer, transcendente a todas as coisas.

É este o cenário: um gentio, impressionado ao ver um cristão a orar, interroga-o sobre o motivo desse recolhimento. Aproveitando esta disposição, o cristão vai mostrar que o Deus que adora é o único verdadeiro, o que faz trilhando três degraus.

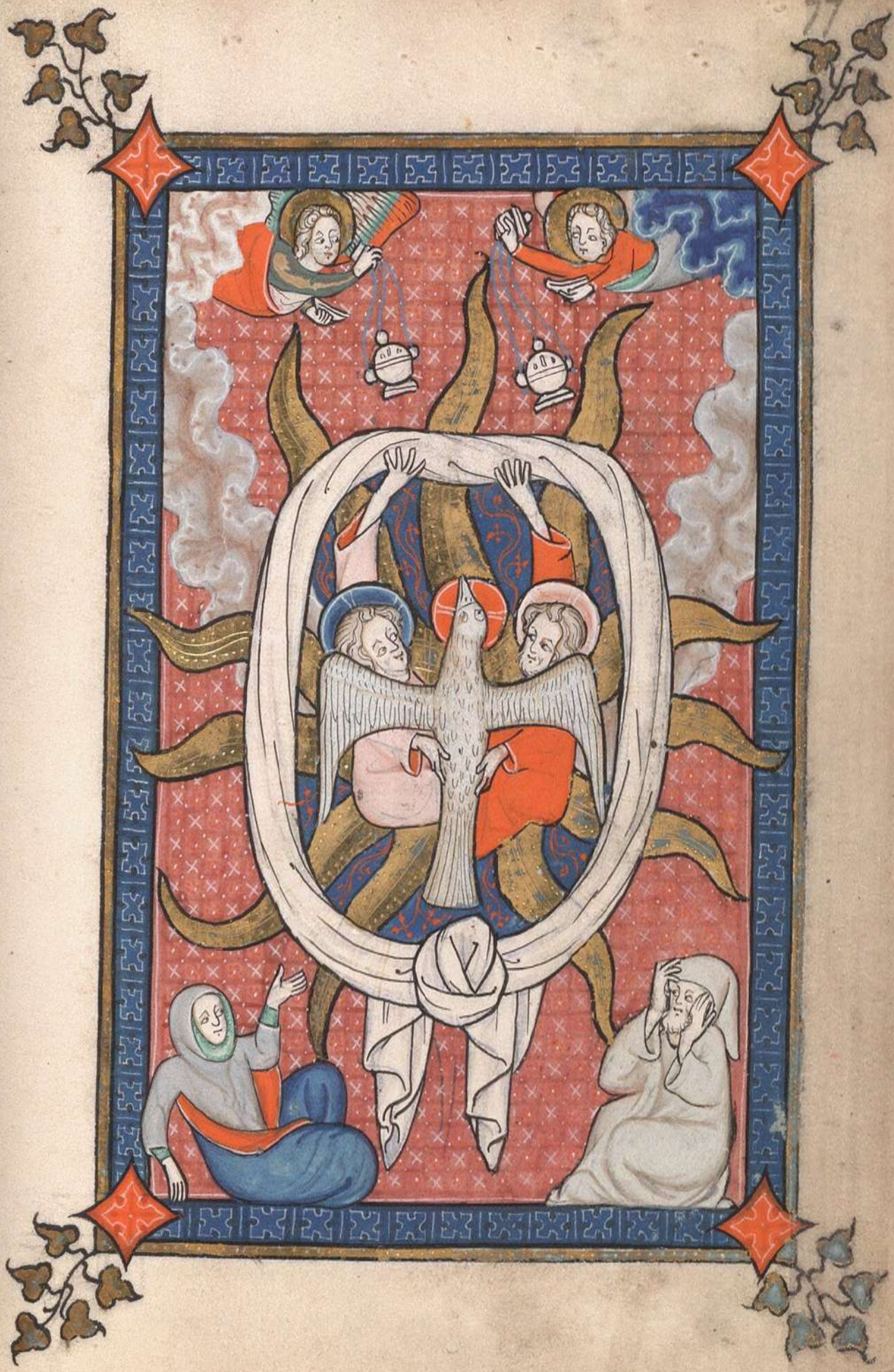
No primeiro patamar, a verdade, no sentido pleno, é só uma, mas oculta, porque nunca se pode atingir perfeitamente; a respeito dela, só podemos aspirar a uma «douta ignorância»;

No segundo plano, demonstra-se que os gentios não adoram o verdadeiro Deus, porque adoram a pluralidade, - um deus não oculto, mas manifesto, ao qual falta a excelência e a intimidade do mistério, pois não está no âmbito da «douta ignorância».

A doutrina da coincidência entre unidade e verdade é demonstrável porquanto o deus do gentio não é «escondido», conhece-se manifestamente, porque não é uno, mas múltiplo, adorado apenas através das suas diversas manifestações na natureza. Usando uma terminologia peculiar de Nicolau de Cusa, o deus dos gentios está no âmbito da «*ratio*», e por isso é manifesto; o Deus dos cristãos, perfeitamente uno, é do âmbito do «*intellectus*», e por isso é «oculto», - «entende-se dum modo incompreensível. No ponto, há que assinalar uma clara aproximação entre Nicolau de Cusa e Leonardo Coimbra quando este também se impressiona perante Deus como o «*Grande Solitário Inacessível*»<sup>2</sup> e como «*Realidade Irracional*», «*porque nenhuma quantidade a pode medir, nenhuma qualidade a pode esgotar*»<sup>3</sup>.

No terceiro grau, o Deus dos cristãos, pelo contrário, é «oculto»; em virtude da sua excelência está para além de tudo e une incompreensivelmente todos os opostos, superando-os. Só o atingimos numa «douta ignorância», como unidade transcendente, que é princípio de toda a multiplicidade. Por isso, é o único Deus verdadeiro.







A razão e a espiritualidade, embora sejam conceitos diferenciados, complementam-se e articulam-se, surgindo as dialécticas como vivificadoras do espírito que deve prevalecer sobre a matéria porque um ser espiritual não acaba nos limites do seu corpo natural pois morremos para que a morte supere a vida.

Só por meio de uma visão filosófica da liberdade assente nas infinitas capacidades do pensamento que dinamicamente se liberta de determinismos naturais, sociais e mecanicistas, nos poderemos libertar dos sistemas estáticos que, na senda de Leonardo Coimbra, (...) *são, mais ou menos incompletos. Se o Universo fosse um mecanismo apareceria, à primeira vista como decifrável todo o seu ser*”.

Ora, segundo o mesmo pensador, o espaço é homogéneo, contínuo e infinito, susceptível de receber todas as formas e movimentos, ou, essencialmente uno; é nele que o múltiplo ocorre. O Tempo e o Espaço são informados e realizados por noções; não existem em si e para si. O mundo não teve um começo no tempo, porque o tempo não existe em si; o mundo não tem um limite no espaço, porque o espaço não é em si, voando em pensamento ao fim do mundo, ele continuará.

É que nem o universo nem o homem que nele vive são inertes, sendo todas as noções materiais, experimentais e mecânicas *“noções inferiores (que) são a base da pirâmide. É sobre a sua sólida rigidez que as noções superiores de fim, liberdade, etc., se enraízam. Mas lá no vértice podem desabrochar flores muito diferentes. Em baixo têm as raízes, o solo fecundo e a seiva murmura, mas como deduzir com segurança a beleza da flor? Se o vértice é a flor ideal da liberdade criadora, que se pode deduzir do conhecimento da base, se ela assim é pela atracção irresistível do vértice divino?”*<sup>5</sup>

Evocando, mais uma vez o poeta de Barca D’Alva, vizinha da minha terra, Junqueiro, *«o problema da morte é, no fundo, o problema da vida»*<sup>6</sup>. Esse abutre da desilusão e do desespero, o abutre satânico, o abutre invencível emerge como despojador da felicidade, argumentando que a perfeição completa das almas exige a imortalidade<sup>7</sup>.

Este lamento junqueiriano resulta de ele ter vivido dolorosamente a grande tragédia da existência e essa desarmonização entre o espiritual-ideal e o real. Essa falta de correspondência representa, não só a dialéctica que separa o próprio indivíduo em, no mínimo, duas faces, a que habita a dimensão inferior da existência, mas também uma outra que nele é feita do chamamento dos limites, a face desejança da revelação do absoluto. Na expressão de Junqueiro, *«a matéria vai morrendo à medida que o espírito vai nascendo: o termo da primeira é o Nada, o termo do último é o Infinito»*.

A essa luz, o mundo está sempre por fazer, e o homem deve actuar nele como infatigável obreiro, trabalhando a pedra para criar e construir livremente, subordinando o pensamento, a palavra e a acção a fins ideais que possam dignificar a vida. O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas obreiro de um mundo a fazer porque, como resulta daquilo que podemos em espírito ver revelado do nosso *“Deo abscondito”*, descendo Deus (cristão) ao nível da humanidade, devemos empenharmo-nos para levantar a humanidade ao nível de Deus, *«criador puro, que cria sem precedentes, por cuja actividade brotaram e brotam os seres, fonte e contínua sustentação do criado»* na certeza de que a sociedade humana é mais que os obreiros que a constituem e que renascem em cada trabalho que executam qual fénix renascida!

Claro que falo para os crentes, certo de que estão entre nós os que assim não crêem.

A esses me dirijo agora para afirmar que não há Esperança sem Fé servindo-me do ensinamento profundamente prestado por Henrique Monteiro no *Expresso* do dia 28 de Novembro de 2015.

Evocando-o, há que recordar que das três virtudes teológicas — Fé, Esperança e Caridade (ou amor) — apenas a esperança faz parte do léxico político pois é patente que sempre que se inicia um ciclo político ou há uma qualquer viragem, a palavra esperança surge em boa parte das bocas e dos pensamentos, porque sem esperança a vida se torna impossível. Um político, seja qual for, que não aja em nome de um objectivo esperançoso não mobiliza os eleitores que lhe são necessários à chegada ao poder.

Mas a palavra fé nunca é utilizada quando é também manifesto que não pode haver esperança se a fé não existir.



E, por respeito pelos que a não têm, obviamente que não falamos na fé no sentido religioso do termo, mas no seu sentido etimológico, no da origem da palavra, a qual radica em *fides*, palavra latina que significa confiança, honestidade, lealdade. Lembramos que estes dois conceitos estão absolutamente ligados; tanto quanto a Liberdade e a Igualdade, porque de pouco ou nada serve existir uma sem a outra, sendo a Liberdade considerada o topo da pirâmide (talvez por isso figure em primeiro na trilogia, assim como a palavra Fé, antecede Esperança).

E essa fé a que se alude é, em primeiro lugar, a confiança na nossa própria civilização e cultura e nas nossas tradições, apesar das contradições e absurdos do sistema em que vivemos e que antes descrevemos.

Como se afirma no poema hammiliano *“Todo o Imperador Sanguinário”*<sup>8</sup> *“Mantemo-nos acreditando na natureza humana. Mas a nossa fé diminuiu – vai-se desvanecendo... nós somos apenas servos e escravos enquanto o Império decai...”*

É por isso que é muito difícil mantermos a Esperança, quando olhamos em volta e vemos o nosso modo de vida ameaçado por terroristas e brutalistas; quando sabemos que podemos ser mortos numa esplanada, num jogo de futebol ou num pacato concerto. É difícil a Esperança quando forças poderosas que não controlamos colocam sob pressão o nosso Estado social.



E se essa fé não existe é praticamente impossível transmitir um clima de Esperança. É evidente que a Fé, de um ponto de vista religioso, se refere a uma transcendência, a uma vida para lá da vida que confere a Esperança da justiça final e da vida eterna numa nova Jerusalém. Mas a confiança, a honestidade, a lealdade a que se refere a outra Fé, chamemos-lhe laica, é igualmente indispensável à Esperança de um novo e diferente ciclo, de uma vida decente. Ora são estes os conceitos que há necessidade de restaurar pa-

ra que a Esperança ressurgir. Não é uma tarefa de um Governo, de uma instituição, mas de todos.

Não pode haver Esperança sem esta Fé, como não há Liberdade caso não haja Justiça. Refazer esse tecido rasgado que é a probidade e a confiança é o que urge.

O Natal, como afirma o escritor Frederico Lourenço no texto *“Natal- a verdade de uma ficção”*<sup>9</sup> tem uma verdade essencial. E essa verdade é tragicamente ilustrativa da condição humana. Se o facto de o Filho de Deus não ter vindo ao mundo num esplendoroso palácio (mas sim na palha de um estábulo) sugere a mais requintada das verdades poéticas, já o massacre dos inocentes ordenado por Herodes faz soar uma nota amargamente realista, visto que genocídios e massacres pautam desde sempre a história da Humanidade. Deus decidiu vir ao mundo? Então o mundo é isto: é um lugar onde um bebé recém-nascido não só não tem abrigo condigno como está na iminência de ser morto à nascença. Mais tarde, cuspirão em cima desse mesmo Menino já crescido, troçarão dele, arrancar-lhe-ão a roupa, fustigá-lo-ão de forma cruel, crucificá-lo-ão. Este Deus não veio ao mundo para ser recebido como Deus, mas como um marginal, um criminoso, um “pobre de Cristo”. Nesta mais extraordinária de todas as ideias (lindíssima, sim) é possível – e preciso – acreditar.

Por isso, tal como na natureza, retornaremos sempre ao Inverno para renascermos na Primavera quais sementes enterradas na terra rasgando-a para alcançar a Luz, dando louvor ao Criador por esse misterioso e eterno renascer!

A nossa reunião é um pequeno contributo para a construção esperançosa de uma vida melhor em que vinquem a Fé e a *Caritas*, condensadas na pungente oração de Pessoa <sup>10</sup>:

Senhor, que és o céu e a terra, e que és a vida e a morte!

O sol és tu e a lua és tu e o vento és tu!

Tu és os nossos corpos e as nossas almas e o nosso amor és tu também.

Onde nada está tu habitas e onde tudo estás — (o teu templo) — eis o teu corpo.

Dá-me alma para te servir e alma para te amar.

Dá-me vista para te ver sempre no céu e na terra, ouvidos para te ouvir no vento e no mar, e mãos para trabalhar em teu nome.

Torna-me puro como a água e alto como o céu.

Que não haja lama nas estradas dos meus pensamentos nem folhas mortas nas lagoas dos meus propósitos.

Faz com que eu saiba amar os outros como irmãos e servir-te como a um pai.

[...]

Minha vida seja digna da tua presença.

Meu corpo seja digno da terra, tua cama.

Minha alma possa aparecer diante de ti como um filho que volta ao lar.

Torna-me grande como o Sol, para que eu te possa adorar em mim; e torna-me puro como a lua, para que eu te possa rezar em mim; e torna-me claro como o dia para que eu te possa ver sempre em mim e rezar-te e adorar-te.

Senhor, protege-me e ampara-me.

Dá-me que eu me sinta teu.

Senhor, livra-me de mim.

# NOTAS

1. *Isaías*, XLV, 16;
2. *A Alegria, a Dor e a Graça*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto: Renascença Portuguesa, 1920, p.111;
3. *Ibid*, p. 182;
4. Coimbra, Leonardo, *O Criacionismo: esboço de um sistema filosófico*, Tese de concurso para Professor Assistente do Grupo de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Porto: Biblioteca da Renascença Portuguesa, 1912. <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/1-27>
5. *Op. cit.* p. 2;
6. Junqueiro, Guerra, *Obras de Guerra Junqueiro*. (Poesia), Organização e Introdução de Amorim de Carvalho, Porto: Lello & Irmão Editores, p. 915;
7. *Idem*, p. 1040;
8. Van der Graaf Generator, *Every Bloody Emperor*, in “Present”, Studio Pyworthy Rectory, North Devon: 2005;
9. *Expresso*, 8 de Dezembro de 2025 <https://expresso.pt/sociedade/2015-12-08-Natal-a-verdade-de-uma-ficcao>
10. Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966.

*José Gomes Correia, 33.º*





## *É preciso acreditar*

É preciso acreditar

É preciso acreditar

Que o sorriso de quem passa

É um bem p'ra se guardar

Que é luar ou sol de graça

Que nos vem alumiar

Com amor alumiar

Que a canção de quem trabalha

É um bem p'ra se guardar

Que não há nada que valha

A vontade de cantar

A qualquer hora cantar

Que uma vela ao longe solta

É um bem p'ra se guardar

Que, se um barco parte ou volta

Passará no alto mar

E que é livre o alto mar

*Leonel Neves / Luiz Goes*

# Eventos

## Capítulo Ibéria nº 11



Nos dias 24 e 25 de Outubro, o Soberano Capítulo da Rosa Cruz da Ibéria nº 11 realizou a sua sessão anual em Salamanca, com a presença de um grande número de irmãos portugueses e espanhóis de diversas localidades da Península Ibérica.

O encontro teve início com um jantar de boas-vindas na sexta-feira, 24 de Outubro, como é habitual nestas reuniões.

Na manhã seguinte, tanto os irmãos como os seus convidados puderam apreciar uma visita especialmente organizada ao Arquivo Histórico Geral da Guerra Civil de Espanha e orientada pelo seu Director. Este arquivo alberga, devido ao seu grande valor histórico, documentos apreendidos pelo regime franquista de lojas espanholas existentes em 1936, bem como uma representação rudimentar, irrealista e incongruente de uma loja simbólica criada durante a terrível ditadura de Franco.

Houve depois oportunidade de visitar a Universidade, a mais antiga de Espanha e uma das mais antigas da Europa, fundada em 1218 pelo rei Afonso IX de Leão, e as duas catedrais.

Da parte da tarde, realizou-se a sessão ritual do Capítulo Ibéria, com uma grande participação, durante a qual os dois Soberanos Grandes Comendadores proferiram as alocuções que constam desta revista.

O Presidente cessante do Capítulo agradeceu aos presentes tendo, de seguida, sido nomeados e empossados os oficiais para o novo ano maçónico de 2025/2026.







Sessão Ritual do Capítulo Ibéria



Caricatura franquista de um templo maçónico





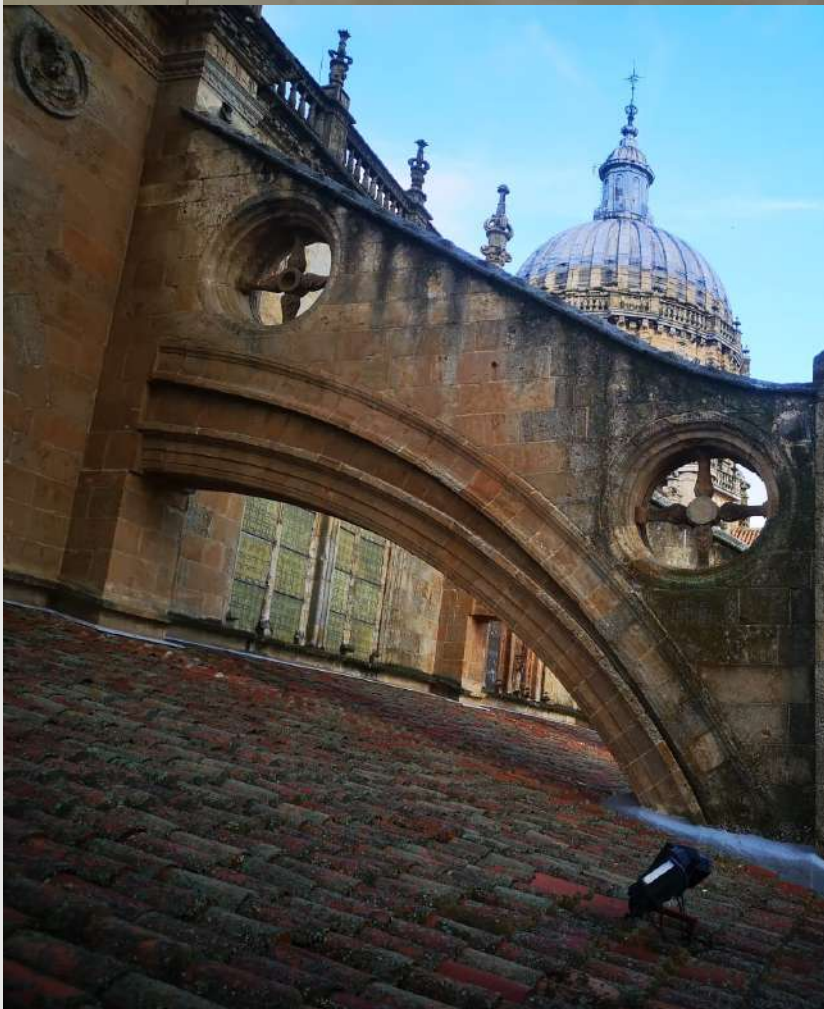
Arquivo Histórico Geral da Guerra Civil de Espanha



MIGUEL DE VNAMEÑO Y JAGO

"NO PROCLAMÉIS  
LA LIBERTAD DE VOLAR,  
SINO DAD ALAS"

DOCTOR HONORIS CAUSA MMXXIV





## Alocução do M.: P.: Soberano Grande Comendador de Portugal

Sapientíssimo Mestre,

Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho para Espanha.

Respeitáveis Irmãos,

Vivemos numa época em que as fronteiras políticas, culturais e espirituais parecem simultaneamente dissolver-se e reforçar-se. A tecnologia aproxima-nos, mas os egoísmos separam-nos; os ideais universais são proclamados, mas muitas vezes esquecidos na prática.



Neste contexto, falar de fraternidade maçónica no espaço ibérico é evocar não apenas uma relação entre dois povos — portugueses e espanhóis — mas um chamado à unidade espiritual e simbólica que transcende as fronteiras da Península e se projecta no mundo.

A Maçonaria, enquanto escola iniciática e força moral, tem no princípio da Fraternidade um dos seus pilares sagrados, juntamente com a Liberdade e a Igualdade.

E se a Liberdade é o sol que ilumina o espírito e a Igualdade o terreno onde os homens se encontram, a Fraternidade é o cimento que os une.

A Maçonaria portuguesa e a espanhola partilham origens semelhantes: ambas nasceram do impulso iluminista do século XVIII, ambas foram perseguidas pelas forças do obscurantismo e ambas trabalharam, em silêncio e em segredo, pela emancipação moral e intelectual dos seus povos.

Durante séculos, a Península Ibérica foi um espaço de contrastes, mas também de pontes. Do Minho à Andaluzia, de Lisboa a Madrid, corre um mesmo sangue cultural, uma mesma sensibilidade humanista, uma mesma busca pela Luz. O que nos distingue é pequeno; o que nos une é essencial.

Reforçar a fraternidade maçónica ibérica é, portanto, reconhecer na diferença um espelho e não um muro. É trabalhar pela harmonia entre as Lojas e Obediências dos dois lados da fronteira; é promover o diálogo, o intercâmbio e o trabalho conjunto — não por conveniência, mas por convicção.

O espaço ibérico é, por natureza, um laboratório espiritual de convivência. Durante séculos, as nossas terras acolheram muçulmanos, judeus e cristãos; reis e navegadores; poetas e filósofos. A diversidade faz parte da nossa essência. Por isso mesmo, a Maçonaria — que é filha da diversidade e mãe da tolerância — tem aqui terreno fértil para florescer.

O reforço da fraternidade entre os Supremos Conselhos de Portugal e Espanha tem vindo a reforçar-se nestes nossos encontros e colóquios do Capítulo Ibéria, nos trabalhos conjuntos sobre temas universais, nas publicações e reflexões comuns, que aprofundam o estudo da simbologia e dos valores humanistas partilhados.

Sem esquecer o trabalho profícuo da Academia de Estudos Maçónicos do Supremo Conselho de Espanha encabeçada pelo seu Reitor o Q.: Ir.: Alberto Requeña, e de que a nossa também Academia, ainda incipiente, tenta dar os primeiros passos.



E, acima de tudo, o fortalecimento dos laços pessoais — porque a verdadeira fraternidade não se decreta, constrói-se de coração a coração, de mão a mão, no silêncio do Templo e na ação no mundo profano.

Reforçar a fraternidade maçónica no espaço ibérico não é fechar-se num regionalismo espiritual. Pelo contrário, é abrir uma ponte entre dois mundos: o europeu e o latino-americano. Portugal e Espanha partilham uma herança linguística e cultural que se estende por quatro continentes.

Assim, o fortalecimento do eixo maçónico ibérico tornou-se verdadeiramente no elo de ligação entre a Maçonaria europeia e as maçonarias lusófonas e hispano-americanas — uma ponte simbólica de Luz entre continentes.

Nesse sentido, a fraternidade ibérica não é apenas um gesto de união entre vizinhos, é um acto de uni-



versalismo prático, um exemplo vivo do princípio de que toda a humanidade é uma só família sob a abóbada estrelada do Grande Arquitecto do Universo.

Sapientíssimo Mestre, Respeitáveis Irmãos,

A Maçonaria não se mede pela extensão dos seus templos, mas pela profundidade dos seus laços. O verdadeiro Templo maçónico não é construído em pedra, mas em fraternidade.

Reforçar a fraternidade maçónica no espaço ibérico é continuar a Obra que começou há séculos: a construção de pontes onde outros erguem muros, o diálogo onde outros semeiam silêncio, a Luz onde muitos persistem nas sombras.

Que Portugal e Espanha — duas colunas irmãs — possam sustentar juntas o mesmo Templo da Humanidade. E que a nossa fraternidade, alimentada pelo trabalho, pela sabedoria e pelo amor, sirva de farol para todos os Irmãos que buscam a Verdade.

Que assim seja, sob a égide do Grande Arquitecto do Universo.

*Manuel Alves de Almeida, 33º*

# “Fiesta de la Orden” do Supremo Conselho para Espanha

Nos dias 6 e 7 de Novembro uma delegação do Supremo Conselho para Portugal, presidida pelo M.º P.º Soberano Grande Comendador, Ill.º Ir.º Manuel Alves de Almeida, 33º, participou nas cerimónias da Festa da Ordem do Supremo Conselho para Espanha, presididas pelo Soberano Grande Comendador, Ill.º Ir.º Jesús Soriano Carrillo, 33º.

O evento que congregou a presença de representantes de vários Supremos Conselhos teve a particularidade de se realizar no edifício do Templo Maçónico da Rua San Lucas, edifício histórico declarado Bem de Interesse Cultural, que voltou a abrir as suas portas para acolher um ciclo de conferências de alto nível intelectual e simbólico.

O Templo de Santa Cruz de Tenerife foi construído pela Loja Añaza entre 1899 e 1902 e é considerado um dos principais Templos Maçónicos de Espanha. Durante a guerra civil, o regime franquista entregou-o à Falange Espanhola e ao exército que lhe deram várias utilizações até que, em 1990, foi desocupado.

Adquirido pela Câmara Municipal de Tenerife, em 2001, foi objecto de profundas obras de reabilitação e recuperação patrimonial, tendo sido declarado “Monumento a la Memoria Histórica” pelo Governo das Canárias, em 2023.

Reaberto oficialmente em 27 de Outubro de 2025, espera-se que venha a ser convertido em museu e centro de interpretação da Maçonaria



Durante a cerimónia, o Soberano Grande Comendador, Ill.º Ir.º Manuel Alves de Almeida, 33º, teve oportunidade de entregar a Grande Condecoração da Ordem “Major Insignis Ordinis Pisany Burnay” aos Soberanos Grandes Comendadores do Supremo Conselho para Espanha e do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceite da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, respectivamente Ill.º Ir.º Jesús Soriano Carrillo, 33º, e Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º, pelo zelo, empenhamento e excelência com que apoiaram a nossa Petição para o reconhecimento da retroacção da antiguidade do Supremo Conselho para Portugal que foi apresentada e aprovada na XXI Conferência Mundial de Supremos Conselhos, que teve lugar em Bucareste, Roménia, em Maio de 2025.





Juan Martín Valtierra Nájera, 33º, Past SGC e actual Grande Chanceler do S. C. do México, Manuel Alves de Almeida, 33º, SGC do S. C. para Portugal, Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º, SGC da República Federativa Brasil, Alexander Ludwig, SGC do SC da Alemanha e Heiko Seebode, 33º, Grande Chanceler Supremo Conselho de Inglaterra e País de Gales.







Templo Maçónico de Santa Cruz de Tenerife

CONVITE



# MAÇONARIAS UNEM-SE PELA PAZ



## CONFERÊNCIA PAZ EM TEMPOS DE GUERRA

29 DE NOVEMBRO DE 2025  
AUDITÓRIO AGOSTINHO DA SILVA  
UNIVERSIDADE LUSÓFONA (CAMPO GRANDE)  
Horário: 9:30



# Paz em Tempos de Guerra

Numa iniciativa inédita, as três grandes obediências maçónicas portuguesas, Grande Oriente Lusitano (GOL), Grande Loja Legal de Portugal/Grande Loja Regular de Portugal (GLLP/GLRP) e Grande Loja Feminina de Portugal (GLFP), decidiram promover uma Conferência pela Paz que se traduziu numa reflexão conjunta que congregou mais de duas centenas de Maçons, não-Maçons e sociedade civil.

No dia 29 de Novembro, o auditório Agostinho da Silva da Universidade Lusófona foi pequeno para albergar todos os que queriam unir-se em torno do debate distribuído por três painéis:

- Cultura de Paz e Estado de Direito;
- Direitos humanos nucleares em tempo de guerra;
- O Direito Internacional Público: crónica de um fim anunciado?

Ao longo dos três painéis, foi possível encontrar consensos, alertas, críticas, recomendações que passam na sociedade, e que estão presentes em cenários de conflitos armados.

## PROGRAMA

**10:00** Apresentação

**10:05** Abertura: António Saraiva

**10:30** Cultura de Paz e Estado de Direito

**MODERADOR**

Dalila Araújo

**ORADORES**

Feliciano Ferreira

Helena Pereira de Melo

Jorge Bacelar de Couveia

**11:30** Coffee break

**11:45** Direitos Humanos nucleares em tempo de guerra

**MODERADOR**

Raquel Guerra

**ORADORES**

Germano Almeida

Felipe Pathé Duarte

Nelson Lourenço

**13:00** Almoço

**14:30** O direito Internacional Público: crónica de um fim anunciado?

**MODERADOR**

Henrique Monteiro

**ORADORES**

Eurico Reis

José de Faria e Costa

Rui Pereira

**15:30** Cerimónia de Encerramento

**MAÇONARIAS UNEM-SE PELA PAZ**



Acolhimento:



CIÊNCIA  
DAS  
RELIGIÕES







### **Da conferência resultaram propostas de acção, a levar a cabo pelas três Obediências:**

- A sintonia das três Obediências, reconhecendo que devem unir-se na defesa e na acção para a promoção da Cultura da Paz, no reforço do Estado de Direito, na defesa dos Direitos Humanos, valores que são a matriz da tradição maçónica.
- As três Obediências assumem o compromisso fundamental de, em todos os *fora* em que os seus membros têm assento, promover uma Cultura de Paz, assente nos valores maçónicos da Liberdade, Igualdade, Fraternidade e de contribuir para a adopção de soluções, no plano legislativo, executivo e judicial que os concretizem plenamente no nosso País.
- Propor, nas instâncias competentes, a consagração expressa no texto da Constituição da República Portuguesa do “Direito à Paz”, à semelhança do que existe noutras Constituições.
- Propor o aperfeiçoamento da legislação vigente, em matéria de prevenção e punição do discurso de ódio e dos crimes de ódio, em crescendo na sociedade contemporânea.
- Contribuir para criação de uma ética de responsabilidade global que possa combater os fenómenos adversos à dignidade do ser humano.
- Propor a inclusão nos curricula, de todos os níveis de ensino a educação para os direitos humanos e, em particular, a educação para a Paz.

## A Hora da Inquietude Cívica \*

Bom dia!

Caras amigas, caros amigos,

Quero agradecer aos Veneráveis Grão-Mestres presentes o convite que me foi feito para estar aqui hoje convosco.

É para mim uma honra abrir este diálogo tão urgente, que percorrerá, ao longo do dia, três importantes temas:

- Cultura de Paz e Estado de Direito,
- Direitos Humanos Nucleares em Tempos de Guerra e
- O Direito Internacional Público: Crónica de um fim anunciado?

Vivemos um tempo de paradoxos. Enquanto a ciência nos une na compreensão de ameaças globais, como, por exemplo, a crise climática, que desloca milhões de pessoas, vemos, simultaneamente, as estruturas que criámos para resolver problemas coletivos a serem postas em causa.

A democracia, esse frágil e precioso sistema, está rodeada de perigos e a nossa inquietude cívica não é apenas necessária, é a nossa última linha de defesa!

Entrando no primeiro tema dos painéis, Cultura de Paz e Estado de Direito, diria que a verdadeira Cultura de Paz não é a mera ausência de conflito!

É a presença ativa da justiça, da responsabilidade e do respeito incondicional pela dignidade humana.

A história do século XX é a história da luta constante entre a guerra e a paz, entre a destruição e a reconstrução.

Cada guerra prometeu ser a última, e cada paz trouxe consigo a esperança de um novo começo.

Mas o mundo continua a ser palco de conflitos, de sofrimento humano e de ameaças à liberdade.



Hoje, no século XXI, assistimos a um mundo em constante tensão. Guerras regionais, crises humanitárias e novos desafios globais.

No entanto, a lição do século passado permanece viva: a paz não é um estado permanente, mas uma construção diária! Cabe às nações, e a cada cidadão, defendê-la.

Mas a paz, insisto, não é apenas a ausência de guerra.

A paz constrói-se todos os dias. Com diálogo, com respeito, com valores, com solidariedade e com memória, sobretudo com memória.

É sempre na paz que se encontra o verdadeiro triunfo da humanidade!

Mas o que significa, verdadeiramente, cultivar a paz?

Muitos confundem-na com uma passiva quietude, como a simples ausência de um conflito armado. No entanto, uma cultura de paz genuína é tudo menos silenciosa. Ela é ativa, é dinâmica e exigente. É a presença vibrante da justiça, é o funcionamento robusto das instituições, é o acesso ilimitado aos direitos e à resolução de conflitos por meio do diálogo e da lei, e não pela força ou pela opressão.

A cultura da paz não floresce no vazio. Ela depende da robustez do Estado de Direito.

É o Estado de Direito que traduz os princípios de dignidade e equidade com normas claras e previsíveis.

É ele que garante que o poder do Estado não seja arbitrário, que todos – governantes e governados – estão submetidos à mesma lei. Sem este pilar, a paz que muitas vezes se anuncia, pode não passar do silêncio dos oprimidos, pode não passar de um frágil manto que esconde a injustiça.

E é aqui que a nossa inquietude se deve acender.

Porque assistimos globalmente a uma erosão perigosa destes princípios. A tentação de sacrificar garantias fundamentais em nome da segurança ou da eficácia é um caminho sedutor e perigoso.

Recordo um alerta fundamental: "*embora o combate ao crime organizado seja uma necessidade real, ele não pode implicar a supressão de garantias essenciais*".

Quando o Estado, no exercício do seu poder, passa por cima do direito à vida e da presunção de inocência, ele não está a fortalecer a segurança, está, antes, a demolir, tijolo por tijolo, os próprios alicerces que deveria proteger.

É a lei da força a sobrepor-se à força da lei.

Este é apenas um dos aspetos dos vários perigos que as democracias enfrentam. Perigos que se alimentam da crise de representação, do discurso anti elites, do agravamento das desigualdades e do papel das redes sociais na criação de bolhas que alimentam o populismo.

Quando a confiança nas instituições se desfaz, metade da população pode chegar a admitir aceitar um governo não democrático, se este prometer resolver os seus problemas imediatos. Este é o sinal de alarme mais grave que podemos imaginar.

Este fenómeno não poupa nem as democracias mais consolidadas. A "deriva autocrática" nos Estados Unidos pode ser descrita como o

acontecimento globalmente mais marcante desde a queda do comunismo. A militarização da segurança, o enfraquecimento do estado regulador e social, e a intimidação dos meios de comunicação, são sinais de alarme.

Quando as democracias entendidas como sendo líderes dão passos atrás, o efeito de imitação é global, encorajando perigosos movimentos em todo o mundo.

O filósofo americano Reinhold Niebuhr disse, de uma forma lapidar: "*a capacidade do homem para a justiça torna a democracia possível, mas a inclinação do homem para a injustiça torna a democracia necessária*".

A democracia é necessária precisamente porque somos imperfeitos. E, hoje, ela precisa de nós. Precisa da nossa voz, da nossa vigilância e da nossa coragem para contestar, propor e construir.

### **A inquietude cívica é o antídoto para a resignação.**

Por isso, a sessão sobre "Cultura de Paz e Estado de Direito" não é um debate académico abstrato. É uma discussão sobre a realidade concreta que hoje vivemos. É entender como podemos travar esta erosão e reconstruir a confiança da qual depende uma paz verdadeira e duradoura.

Se o Estado de Direito é o alicerce da paz nas sociedades, o Direito Internacional Humanitário e os Direitos Humanos deveriam ser o alicerce da humanidade, mesmo no inferno da guerra.

Direitos humanos nucleares são a base, o cerne, a essência incontestável da pessoa humana, mesmo quando a guerra parece justificar tudo.

São estes direitos que a guerra tenta, e muitas vezes consegue, aniquilar.

É no campo de batalha, real e político, que o conceito dos direitos humanos enfrenta o seu teste mais severo. É quando a arquitetura de proteção, construída após os horrores da Segunda Guerra Mundial, é posta sob um stress intolerável. Assistimos, hoje, a um esvaziamento progressivo das instituições multilaterais, que se mostram incapazes de travar violações graves dos direitos humanos em conflitos de grande magnitude, como são, por exemplo, a invasão da Ucrânia e o horror de Gaza.

Neste vazio de governança, assistimos ao regresso de uma lógica de poder brutal:

- O direito à vida, o mais fundamental de todos, é soterrado sob os escombros de hospitais e escolas, alvos que deveriam ser invioláveis.
- A proibição da tortura e de maus-tratos cruéis, desumanos ou degradantes é ignorada, com a justificação de que a segurança nacional exige sacrifícios.
- Milhões de civis são deslocados à força, vendo o seu direito à habitação, à nacionalidade e a um padrão de vida digno serem apagados do mapa.

E qual é a resposta da comunidade internacional?

Muitas vezes, é a paralisia, a seletividade ou a aplicação de sanções unilaterais que, aplicadas sem o respaldo de organismos multilaterais, violam a Carta das Nações Unidas e o princípio da não- intervenção, agravando ainda mais o sofrimento das populações civis.

É altura para perguntar: O que resta da Declaração Universal quando as bombas começam a cair?

Como podemos salvar o núcleo duro da dignidade humana quando a lógica da guerra procura corromper todos os princípios?

A nossa discussão não será sobre a teoria da guerra, mas sobre a prática da humanidade no seu limite.

Perante este quadro, a pergunta que serve de tema para a última das sessões de hoje – "O Direito Internacional Público: crónica de um fim anunciado?" – é mais do que retórica. É um chamamento! O fim não está anunciado se nós, como comunidade global, recusarmos essa narrativa.

A crise atual não é de inexistência, mas de eficácia e aplicação seletiva. O Direito Internacional Público nunca foi tão volumoso e detalhado. No entanto, os seus mecanismos de fiscalização estão a ser sistematicamente sabotados.

Vivemos o que especialistas denominam um "esvaziamento progressivo das instituições multilaterais".

O Conselho de Segurança da ONU, concebido para ser o garante da paz e segurança internacionais, encontra-se frequentemente paralisado pelo veto das suas potências permanentes.

Esta paralisia intencional transforma a instituição máxima do Direito Internacional num espectador de luxo de crises humanitárias e violações flagrantes da Carta das Nações Unidas.

Assistimos, assim, a um regresso perigoso à lei do mais forte, onde:

- Anexações territoriais violam o princípio mais fundamental da soberania e integridade territorial.
- Guerras de agressão são justificadas através de narrativas de "esferas de influência" e "interesses estratégicos", esvaziando a proibição do uso da força.
- Sanções unilaterais e extraterritoriais são aplicadas à margem do sistema multilateral, agravando o sofrimento das populações civis e violando o princípio da não-intervenção.

O que emerge não é a ausência de Direito, mas sim um Direito Internacional de Exceção. Um sistema onde as normas são instrumentalizadas para servir os poderosos e ignoradas quando se tornam inconvenientes.

Dou 3 exemplos de como este sistema de exceção se caracteriza:

- Seletividade Cínica: Condena-se veementemente a violação de fronteiras por uns, enquanto se ignora ou justifica a mesma ação por aliados estratégicos.
- Narrativas de "Ordem Baseada em Regras" sem acordo sobre as regras, sem consenso sobre quais são essas regras, quem as define e como se aplicam a todos de forma igualitária. Isto gera desconfiança e a percepção de que o direito é uma arma geopolítica, e não um instrumento de justiça.
- Erosão da Autoridade Normativa: Quando as grandes potências, arquitetas do sistema pós-1945, o violam impunemente, enviam uma mensagem clara ao mundo: o Direito Internacional é um conjunto de sugestões, não de obrigações. Isto incentiva o incumprimento generalizado e mina a legitimidade de todo o sistema.

Agora, a pergunta crucial: Isto significa o fim? Ou será o fim de um tipo de ordem internacional? A pergunta não é se o Direito Internacional morrerá, mas que tipo de Direito Internacional queremos ressuscitar.

A pergunta a fazer não é se o Direito Internacional vai acabar, mas quem irá moldar o seu futuro.

O fim só estará anunciado se o aceitarmos com passividade.

E é aqui que a nossa inquietude cívica se torna não apenas necessária, mas estratégica!

A crónica do fim está a ser escrita por aqueles que acreditam que o poder pode dispensar a legitimidade.

A crónica da resistência e do renascimento terá que ser escrita por todos aqueles que, nesta sala e além dela, se recusam a aceitar que a força prevaleça sobre o direito.

Que as discussões de hoje – sobre Paz, sobre Direitos Humanos na Guerra, e sobre o futuro do Direito Internacional – não sejam um mero exercício académico.

Que sejam o combustível para uma inquietude informada, construtiva e transformadora.

O tempo de nos mobilizarmos é agora. O futuro da nossa convivência democrática depende das escolhas que fizermos hoje.

Obrigado!

*António Saraiva*

- Discurso de abertura da Conferência





# Academia de Estudos Maçónicos do Supremo Conselho

O templo do Supremo Conselho, foi, no passado dia 4 de Dezembro, mais uma vez, palco de uma sessão da Academia de Estudos Maçónicos do Supremo Conselho para nos presentear com uma belíssima palestra da Prof.<sup>a</sup> Doutora Fernanda Maria Souto Bessa sobre “Musicografia Braille: desígnio e actualidade”.



Da dissertação sobressaiu a acuidade, a beleza e a profundidade do pensamento de Louis Braille que, com apenas quinze anos de idade, criou um sistema que tornou a escrita acessível aos cegos, num encaideamento que, na expressão da Professora Fernanda Bessa, podemos traduzir pela “magia dos seis pontos”.

# Sessão Anual do Suprême Conseil National de France

O Suprême Conseil National de France celebrou, nos dias 12 e 13 Dezembro, em Paris, a sua sessão anual com a presença de muitas delegações estrangeiras, numa clara demonstração da força e do dinamismo do escocismo mundial.

A delegação do Supremo Conselho para Portugal foi chefiada pelo M.: P.: Soberano Grande Comendador, Ill.: Ir.: Manuel Alves de Almeida, 33º, que esteve acompanhado pelo Grande Ministro de Estado, o P.: e Ill.: Ir.: Carlos Inácio, 33º, e pelo Grande Inspector Geral, o Ill.: Ir.: Rogério António Martins Tavares, 33º.



*«Une vision partagée de l'homme comme bâtisseur  
en quête d'une harmonie entre raison, morale et progrès»*









*Leituras*



# NÃO SOMOS NEUTROS: ESTAMOS DO LADO DA PAZ

O eterno aprendiz que há em todos e em cada um de nós terá de lapidar-se pacientemente, como Miguel Ângelo fez com o mármore bruto em busca da sua obra-prima. Há que sedimentar, assimilar e escrever a nossa *petite histoire* segundo um princípio de co-responsabilidade inevitável que mescla imperiosamente alguns fundamentos da psicologia e da filosofia.

Nós nunca vivemos fora do sistema, quer queiramos quer não, nós fazemos parte dele. Mas podemos assumir a atitude de “*nós e eles*”, no sentido de que a nossa alma, o nosso mundo interior, não se confunde nem se rende ao sistema e, assim, pois, no meu mundo, as pessoas são transparentes; no mundo dos dominados pelo sistema, eles (os outros) escondem-se atrás dos sorrisos, da estética. No meu mundo, as pessoas têm tempo para investir no que amam; no dos outros, elas são transformadas em máquinas de trabalho e consumo.

Não obstante, a sociedade organizada está doente em milhentos aspectos, mas o princípio da co-responsabilidade inevitável demonstra que é impossível haver dois sistemas distintos. O que existe

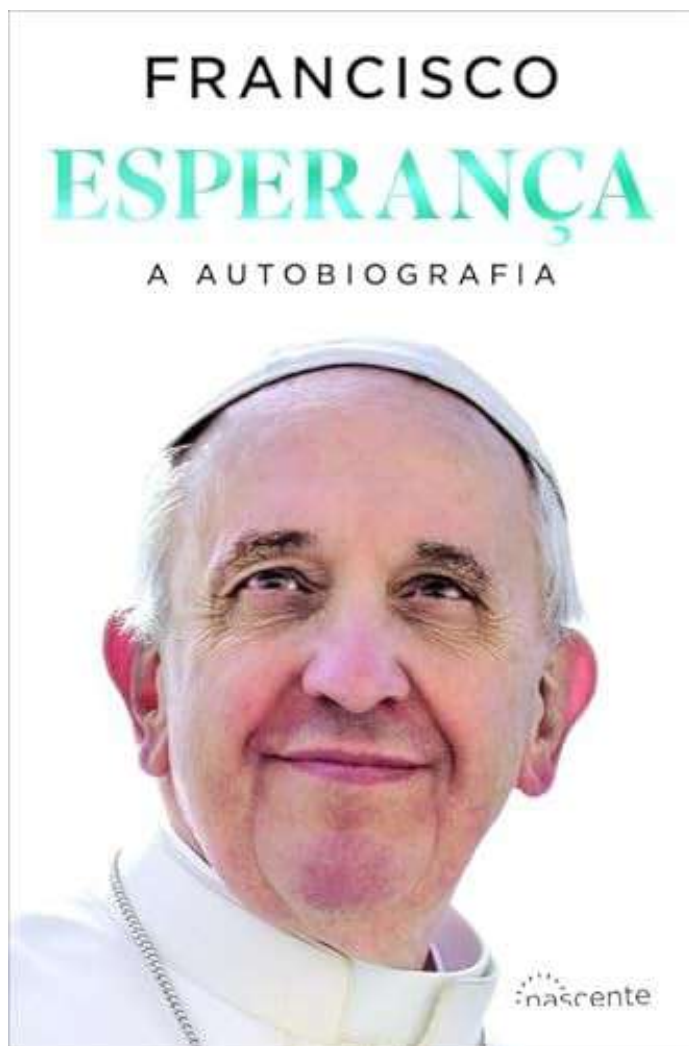
Igual a si próprio, na sua última homilia do dia de Páscoa, frisou que “O Jubileu convida a renovar em nós mesmos o dom da esperança, a mergulhar nela os nossos sofrimentos e inquietações, a contagiar aqueles que encontramos no caminho, a confiar a esta esperança o futuro da nossa vida e o destino da humanidade. Por isso, não podemos estacionar o nosso coração nas ilusões deste mundo, nem fechá-lo na tristeza; corramos, cheios de alegria, ao encontro de Jesus, redescubramos a graça inestimável de ser seu amigo. Deixemos que a sua Palavra de vida e verdade ilumine o nosso caminho”.

Procurei sintetizar, em cinco pontos principais, a recensão deste último livro do Papa Francisco.

## 1. Esperança, Paz e Fraternidade

Está tudo dito na última homilia. O Papa conseguiu resumir aqui, em tão poucas palavras, a importância que atribuiu ao seu último apelo, à esperança, definindo-a como um dom de Deus, uma virtude que trazemos no coração, que está enraizada na sua promessa e que não nos faz perder o rumo. Esperança no sentido da certeza de que avançaremos, de esperar algo que já foi dado. Como frisa, “a esperança não ilude nem desilude: tudo nasce para florir numa eterna Primavera.

O Papa refere que viveu demasiado tempo com quem detesta a paz, e parafraseia *Gálatas*, o “dia do Senhor destruirá as barreiras criadas entre países e substituirá a arrogância de poucos pela solidariedade de muitos, porque Deus é paz” concluiu. Dá orientações sobre como podermos alcançar esse desígnio, começando pelo “coração do homem, que é também o primeiro passo de qualquer caminho de pacificação”, e para tal, aconselha que tenhamos atitudes simples, “sejamos pequenos, sejamos humildes, sejamos servidores dos outros. Cultivemos a magnanimidade, a doçura e a humildade”.



Ao referir-se aos seus avós, subinha que “subiram na vida a pão, amor e nada” e que essa é a dignidade humana que consiste em constituir uma única e grande família, o género humano, a raça humana”, onde inclui todos, todos, todos. Nesta caminhada, utiliza o apelo do Apóstolo João: “quem não ama de facto o seu irmão que vê, não pode amar Deus que não vê. Se não perdoamos, não seremos perdoados; se não nos esforçamos por amar, não seremos amados”. Para vivermos em paz, aponta as palavras *obrigado, com licença e desculpa* como essenciais, que devemos utilizar no nosso dia a dia...das Lojas, acrescento.

Argumenta com dados científicos: “A esperança é uma experiência real e concretíssima, até a esperança laica. A comunidade científica considera já que esta característica da espécie humana está entre os mecanismos de sobrevivência mais poderosos que existem na natureza, por exemplo para reagir às doenças. Trata-se de uma das mais complexas qualidades, que faz com que o nosso cérebro seja dotado de alvos químicos que poderão ser atingidos eficazmente pela interacção social, pelas palavras, pelos pensamentos. À luz das mais recentes descobertas, compreendeu-se que a confiança, as esperas, as expectativas positivas, movem uma miríade de moléculas e que esta importante componente psicológica utiliza os mesmos mecanismos dos medicamentos, activando as mesmas vias bioquímicas. Em suma, muito mais que ilusão e também, muito mais que simples confiança, a esperança humana é, na realidade, remédio e cura” concluiu, acrescentando que “a esperança cristã é invencível, pois não é um desejo. É a certeza de que todos caminhamos para algo, não o que gostaríamos que fosse, mas o que já é. É aquela virtude humilde e forte que nos apoia e nunca nos deixa afogar nas muitas dificuldades da existência. É a força para viver no presente com coragem e capacidade de olhar o futuro”.

Falando sobre a paz, não hesita em afirmar que “é possível, nunca me cansarei de o repetir. E é a condição fundamental para o respeito dos direitos de todos os homens e para o desenvolvimento integral de todos os povos. Cabe a nós, crentes, converter os instrumentos de ódio em instrumentos de paz, cabe a nós trazer à luz as equívocas manobras que giram em torno do dinheiro e do tráfico das armas, cabe a nós ter a coragem de erguer o olhar, para as estrelas da promessa de Abraão.

Quanto ao papel da fraternidade, refere que “é mais forte que o do fratricídio, a paz mais forte que a guerra, a esperança mais forte que a morte”. Enumera que actualmente há 59 guerras em curso e avisa: “Não podemos render-nos, não podemos cansar-nos de lançar sementes de reconciliação. Também a guerra das palavras afasta o momento em que a “justiça e a paz” se beijarão” como o Salmo 84. Então aconselha a “Procurar os medicamentos anti egoísmo mais eficazes. Procurai-os com energia, enquanto viverdes; descobri o que vos liberta e fazei emergir a versão mais afectuosa, generosa e intrépida de vós mesmos, e procurai-os como se não houvesse nada mais importante”. Também nós maçons, inspirados pelos 12 Landmarks devemos seguir aquilo que jurámos no nosso sagrado compromisso maçónico.

## **2. Momentos Obscuros**

“Mesmo nos momentos mais obscuros, mesmo no momento dos pecados, senti que o Senhor não nos abandona: que a misericórdia é realmente o bilhete de identidade de Deus. Porque também o pecado é uma pobreza a redimir, uma escravidão da qual nos devemos libertar. É preciso ter cuidado, se sacudimos mal, agarramo-nos a coisas que não ajudam, que nos tiram a grandeza da espera.”

E acrescenta: “Ninguém se salva sozinho. A dor não é uma virtude, mas pode ser virtuoso o modo como é vivida. A nossa vocação é a plenitude e a felicidade, e nesta busca, a dor é um limite. As armas são mensageiras de morte: são também o termómetro da injustiça, que é a raiz perversa da pobreza”.

Ora, devemos “Proteger todas as vidas, reconhecendo a sua inviolável dignidade. A ideia de que cada um nasce com o seu destino já escrito parece-me tão injusta como insuportável. Não é verdade. Os fracassos não podem parar-nos se tivermos o fogo no coração. É preciso deixar-se encontrar pela vida e por Deus. Deus é sempre maior que o pecado. Senhor, aceita-me como sou, com os meus defeitos, com as minhas falhas, mas faz com que me torne como tu me desejas. É Jesus que te faz importante, é o amor que cura a vida, que salva. E quando estamos um pouco mais cansados, o Senhor sabe mesmo levar-nos ao colo. Como maçons, devemos apoiar-nos na fraternidade discreta e na humildade que nos caracteriza.

## **3. Educar e ensinar**

Significa ter presentes duas realidades, o âmbito de segurança e a zona de risco. A educação pressupõe



sempre um desequilíbrio, mas devemos procurar uma proporção entre estas diversas exigências. Apenas começamos a caminhar se nos dermos conta daquilo que nos falta, porque se pensarmos que não nos falta nada, não progrediremos de todo”.

E alerta: “Sem risco não se avança. Ensinar é também aprender, ter sempre o coração e a mente bastante abertos para nos deixar entrar a surpresa. Educação é sempre um acto de esperança que, do presente, olha o futuro; e, tal como a esperança, é peregrina, pois não pode existir educação estática”.

Refere o ditado: “Se pensas no próximo ano, semeia milho, se pensas nos próximos 10 anos, planta uma árvore, mas se pensas nos próximos 100, educa as pessoas”. Acrescenta: “Educar é gostar das perguntas. Quem tem medo das perguntas é porque tem medo das respostas e isso é próprio das ditaduras, das autocracias, ou das democracias esvaziadas que não dão liberdade aos filhos. Educar é ensinar a transformar os sonhos que se receberam, a segui-los e a fazer outros novos”.

**SOMOS TODOS FILHOS PREDILETOS, FEITOS PARA COISAS GRANDES, PARA SONHOS AUDAZES.**

Neste Supremo Conselho, desde a primeira hora se fala em estudar e ensinar como prática voluntariamente obrigatória. Elevemos este maravilhoso dom a todos os Irmãos.

#### **4. Minorias e Realidade Virtual**

Afirma que “Não há razões que impeçam as mulheres de assumir papéis de liderança na igreja: Não se poderá parar aquilo que vem do Espírito Santo. É necessário que seja dada imediata e plena concretização a todas as oportunidades previstas, especialmente onde ainda não estão implementadas. Deus nunca abandona os seus filhos. A igreja é de Cristo e Cristo é de todos, é para todos, todos são chamados, e então, todos dentro. O Papa é de todos. A nós foi simplesmente pedido que ficássemos à escuta da sua vontade e que a puséssemos em prática.

O caminho da igreja, as nossas vidas, o fundamento da nossa alegria, a razão da nossa esperança, dependem do Senhor, não certamente das conveniências ou correntes. A realidade de uma pessoa vê-se melhor da periferia, da periferia existencial do que do centro; podes ter um pensamento muito estruturado, mas quando te confrontas com alguém que, de algum modo, não pensa como tu, deves procurar razões para defender o teu pensamento; começa o debate e a periferia do pensamento do outro enriquecer-te-á.

Na vida, a fecundidade não passa apenas pela acumulação de informações ou pela via da comunicação virtual, mas por mudar a concretização da existência. O amor virtual não existe. O amor é exigência e experiência concreta. Com urgência cada vez maior, é necessária uma forte ambição moral para humanizar a tecnologia e para não tecnologizar o humano. Uma máquina, por mais inteligente que seja, continua a ser uma máquina. O progresso só pode tornar possível um mundo melhor se estiver aliado ao bem comum. Por excelência, nós maçons temos o dever de dar o exemplo de contribuir para um mundo de melhor inclusão, à nossa volta.

#### **5. Apelo à Mudança**

“Todas as pessoas podem mudar. Mesmo as mais experientes. Isto não é optimismo, é certeza em duas coisas. Em primeiro lugar, de que a pessoa que é feita à imagem de Deus, e Deus não despreza a sua imagem, encontra sempre maneira de a recuperar quando está ofuscada. Em segundo, de que é na força do próprio Espírito Santo que vai mudando a consciência. “

Alerta para que “Se não se move, a vida morre. Caminhar significa mudar, enfrentar novos cenários, aceitar novos desafios. Saíamos, saíamos, prefiro uma igreja acidentada, ferida e suja por ter saído à rua, a uma igreja asfixiada, doente pela clausura e pela comodidade de agarrar-se às próprias seguranças. Vale para toda a igreja” frisa. E dá-nos outra lição extraordinária de acção: “Um bispo ou um padre separado das pessoas não é um pastor, é um funcionário. Os verdadeiros pastores caminham sempre com o povo: por vezes à frente, para guiar, às vezes, no meio para encorajar, por vezes atrás, pois o povo tem “faro” para abrir novas vias pelo caminho ou reencontrar a estrada quando a perdeu”.

Reforça que “Não há paz sem justiça, mas não há justiça sem perdão. Imitar o ódio e a violência dos tiranos e dos assassinos é a melhor maneira de tomar o seu lugar. A nossa resposta deve ser de esperança e purificação, de paz e justiça. Tratem os outros com a mesma paixão e compaixão com que gostaríamos de ser tratados. Procuremos para os outros as mesmas possibilidades que procuramos para nós mesmos”. E reforça: “A medida que usamos para os outros será a medida que o tempo usará para nós. Substituamos a cobardia das armas pela coragem da reconciliação”. E aqui refere a frase que mais me tocou

### **“NÃO SOMOS NEUTROS: ESTAMOS DO LADO DA PAZ”.**

O mundo só pode mudar partindo do coração. Nós somos o nosso coração, porque é isso que nos distingue, que nos configura na nossa identidade espiritual, que nos põe em comunhão com as outras pessoas. Só o coração é capaz de unificar e harmonizar a nossa história pessoal, que parece fragmentada em mil pedaços. Deus é maior do que o nosso coração, é necessário pedir perdão. É necessário perdoar. Se misericórdia é o nome de Deus, esperança é o nome que Ele nos deu, aquele que responde à nossa realidade mais profunda, à nossa existência mais verdadeira”.

Faz um apelo absolutamente brutal: **“É melhor ser cristão sem o dizer, do que dizer sem o ser, pois, no final da existência, não nos será perguntado se fomos crentes, mas apenas se fomos creíveis.”**

E passando para a nossa realidade **“É melhor ser maçom sem o dizer, do que dizer sem o ser”.**

A terminar, o Papa refere que “basta um só homem, uma só mulher para que haja esperança, e aquele homem e aquela mulher podes ser tu.

Depois, há um outro “tu” e ainda mais um “tu” e, então, tornamo-nos “nós”. Quando há o “nós” começa uma revolução, uma revolução na ternura, isto é, o amor que se torna perto e concreto. E depois de olhar, depois de escutar não há o falar. Há o fazer. A última coisa que deves fazer é falar. Primeiro deves fazer e, então, será quem vê como vives e como geres a tua vida, que irá perguntar: por que razão o fazes? Então, sim, poderás falar. .

Um último apelo do Papa: É necessário sermos humildes, a ternura não é fraqueza, é a verdadeira força. Lutemos com ternura e com coragem ...Maçónica acrescento eu!



**Papa Francisco: Esperança: A Autobiografia**

Amadora: Nascente Ed. 2025

360 páginas

ISBN: 9789895835782

*Pedro Martins de Matos, 9.º*

# RELIGIÃO SEM DEUS

Ronald Dworkin

«Um livro profundo e precioso.»  
New Republic

gradiva

fa  
filosofia  
aberta

Neste livro original e inteligente, um dos grandes filósofos do século XX responde afirmativamente a ambas as questões. Argumentando que há verdades objectivas acerca do que é valioso, prévias a um compromisso teísta, Dworkin defende uma perspectiva filosófica a que chamou ateísmo religioso. Essas verdades fundamentais dizem respeito à vida de cada um dos seres humanos e à estrutura do Universo. A descoberta de tais verdades, segundo Dworkin, não é apenas um resultado intelectual. É também, e sobretudo, um compromisso moral e emocional perante a importância de viver bem a vida e a beleza intrínseca do Universo.

Respeitar e admirar as vidas dos outros, sejam elas célebres ou anónimas, e sentir-se maravilhado pela beleza e a inteligibilidade do Universo são experiências que unem teístas e ateístas, satisfazendo o impulso religioso fundamental dos seres humanos. Pelo facto de serem comuns aos seres humanos, estas experiências justificam a esperança de que teístas e ateístas sejam parceiros nas suas ambições religiosas. Se o forem, conclui Dworkin, cumprir-se-á o ideal igualitário de independência ética.

“A religião é mais profunda que Deus. A crença em um deus é apenas uma possível manifestação ou consequência de uma visão mais profunda de mundo.”

— Ronald Dworkin, *Religião sem Deus*,

Ronald Dworkin: *Religião sem Deus*

Tradutor: Jorge Lima

Amadora: Gradiva, Ed. 2025

128 páginas

ISBN: 978-989-785-350-0



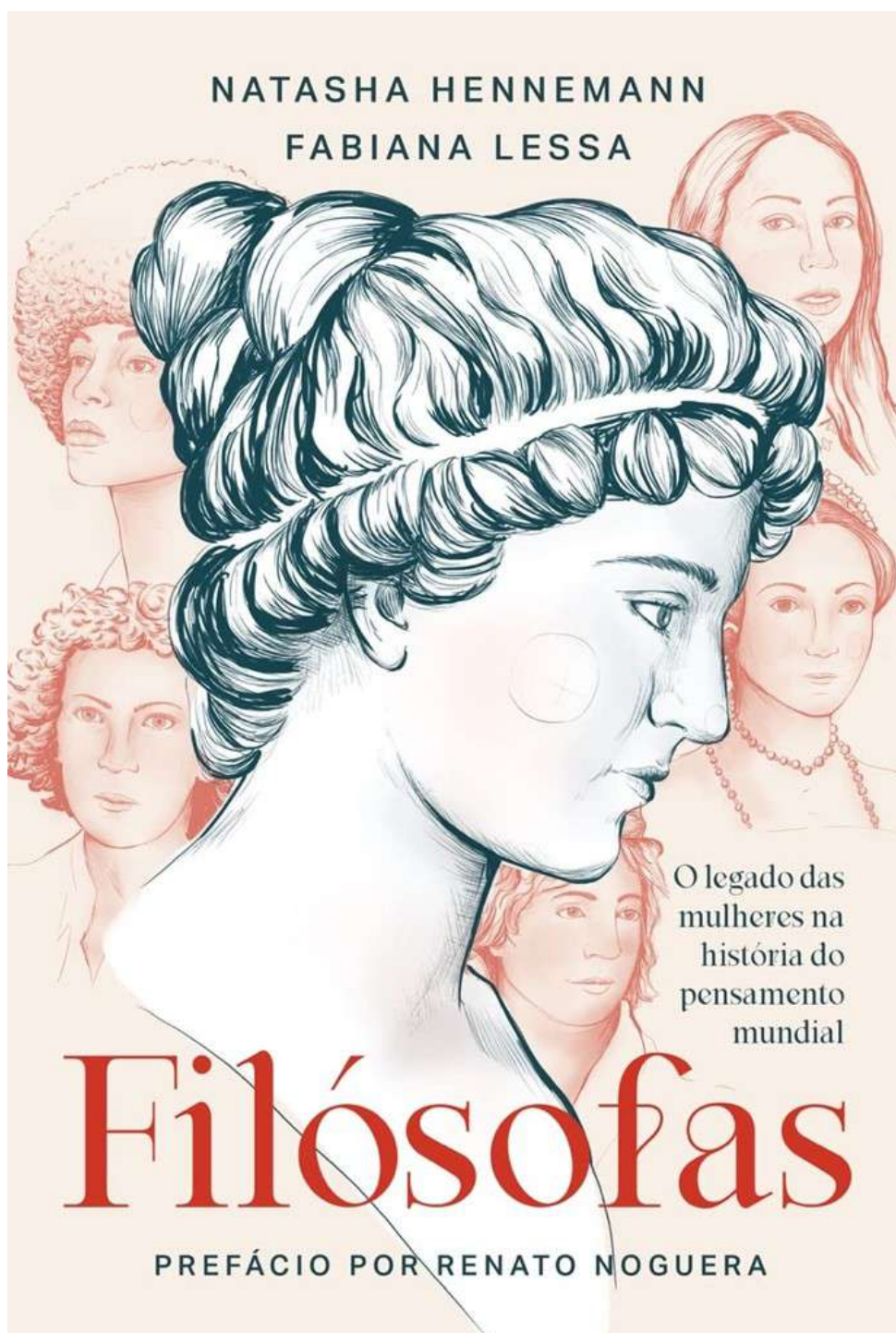
*“Não podemos viver num mundo que seja para nós interpretado por outros. Um mundo assim concebido não representa esperança. Não devemos ter medo de recuperar a nossa própria audição, de usarmos a nossa própria voz e de vermos a nossa própria luz.”*

*Hildegarda de Bingen*

A filosofia sempre teve o rosto de um homem velho e reflexivo, com uma barba longa e uma túnica grega. Mas essa figura acaba excluindo a imagem e, por consequência, o trabalho de outros filósofos dentro do nosso imaginário. Onde estão as filósofas mulheres?

Diotima de Mantinea, Ban Zhao, Mary Wollstonecraft, Angela Davis, Lélia González são apenas alguns nomes de grandes pensadoras que contribuíram não só para as discussões acerca das questões femininas, como também para a história do pensamento geral. Contudo, poucas são mencionadas nos livros de História.

*Filósofas, o legado das mulheres na história do pensamento mundial* vem para fazer justiça a essas grandes intelectuais, dando a visibilidade que as suas ideias e acções merecem. Com uma linguagem clara e didática, a obra ajuda-nos a ampliar as reflexões filosóficas e prova-nos que a Filosofia sempre foi, e continua sendo, coisa de mulher.



Natasha Hennemann e Fabiana Lessa: *Filósofas: O Legado das mulheres na História do pensamento mundial*

Amadora: Gradiva, Ed. 2022

280 páginas

Produto: eBook , Formato ePub

ISBN: 9786588370742

# Trabalhar a Pedra

*Textos Maçónicos  
e de Inspiração Maçónica*

(2019-2024)



**Paulo Mendes Pinto**

“Paulo Mendes Pinto, com o seu livro “Trabalhar a Pedra” oferece-nos não apenas uma colectânea de intervenções realizadas em contexto de lojas maçónicas, mas também um conjunto de reflexões e entrevistas que enriquecem o diálogo acerca do universo maçónico. A obra não se propõe esclarecer ou definir a Maçonaria de forma conclusiva—e talvez aí resida a sua maior riqueza. Essa característica reflete a própria essência da Maçonaria: uma construção incessante, sempre inacabada, aberta ao mistério e à subjectividade.

(...)

Ao longo das páginas de “Trabalhar a Pedra, emerge uma questão central: a Maçonaria pertence ao domínio do ser ou do sentir? Para muitos, é uma prática que transcende os limites da racionalidade e invade o campo da espiritualidade. Recusando ser um sistema de pensamento rígido e menos ainda dogmático, a Maçonaria tem de ser um espaço de busca interior, onde o simbólico e o subjetivo conduzem os indivíduos a um constante aperfeiçoamento pessoal e coletivo. Afinal, todos trabalhamos a pedra para construirmos o templo; sendo que o templo não pode ser mais nosso, porque o templo somos nós (...).

Paulo Mendes Pinto: *Trabalhar a pedra: Textos maçónicos e de inspiração maçónica* (2019-2024)

Lisboa: Ed. de autor,

1ª Ed. Novembro de 2025

367 páginas

ISBN: 978-989—33-8669-9

*Henrique Monteiro*





9 de Novembro de 1841

O Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos  
Grandes Inspectores Gerais do 33º e Último Grau do  
R.:E.:A.:A.:

Deseja a todos os Irmãos

*Feliz Natal e Próspero Ano Novo*

*Feliz Navidad y Próspero Año Nuevo*

*Joyeux Noël et Bonne Année*

*Merry Christmas and Happy New Year*

*Frohe Weihnachten und ein Gutes Neues Jahr!*

*Manuel Alves de Almeida, 33.*

Soberano Grande Comendador





